

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS, LETRAS E CIÊNCIAS EXATAS

**SOLANGE DE CARVALHO FORTILLI**

**PREDICADOS MATRIZES ADJETIVAS DE ORAÇÕES SUBJETIVAS NO  
PORTUGUÊS BRASILEIRO: GRAMATICALIZAÇÃO E  
DESSENTENCIALIZAÇÃO**

São José do Rio Preto

2013

**SOLANGE DE CARVALHO FORTILLI**

**PREDICADOS MATRIZES ADJETIVAS DE ORAÇÕES SUBJETIVAS NO  
PORTUGUÊS BRASILEIRO: GRAMATICALIZAÇÃO E  
DESSENTENCIALIZAÇÃO**

Tese apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, *Campus* de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Análise Linguística  
Linha de Pesquisa: Variação e Mudança Linguística

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves.

Proc. Fapesp: 2009/07230-6

São José do Rio Preto

2013

**Solange de Carvalho Fortilli**

**Predicados matrizes adjetivais de orações subjetivas no português brasileiro:  
gramaticalização e dessentencialização**

Tese apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, *Campus* de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, Área de Concentração: Análise Linguística

**Banca Examinadora**

---

**Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves- Orientador**  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

---

**Prof. Dra. Gisele Cássia de Sousa**  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

---

**Prof. Dra. Marize Mattos Dall’Aglio Hattner**  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

---

**Prof. Dr. Eduardo Penhavel de Souza**  
Universidade Federal de Viçosa

---

**Prof. Dra. Angélica Terezinha do Carmo Rodrigues**  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

São José do Rio Preto  
24 de maio de 2013

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por se fazer evidente em cada experiência, em cada trabalho, em cada “cena”, em cada pessoa;

Ao Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, pelos ensinamentos, pela confiança e por me fazer entender que o doutorado não se concretiza em um título, mas na capacidade de tomar decisões e ser responsável por elas, mesmo quando se erra;

Às Profs. Dras. Gisele Cássia de Sousa, Marize Mattos Dall’Aglío Hattner e Angélica Terezinha do Carmo Rodrigues e ao Prof. Dr. Eduardo Penhavel de Souza por terem contribuído para o desenvolvimento não só desse trabalho, mas de tantas habilidades na minha vida;

À Prof. Clélia Jubran, pela paciência, disponibilidade e amor evidenciados em cada palavra e cada gesto;

Ao Prof. João Moraes, da Unesp de Araraquara, pela confiança e colaboração com o empréstimo de todos os arquivos do Banco de Dados Lexicográficos da Unesp;

A todos os meus professores do IBILCE-UNESP, que participam da minha vida há tanto tempo, por serem meus exemplos;

À equipe de profissionais e amigos da Secretaria Municipal de Educação de José Bonifácio, em especial à Jaqueline de Sousa José, pela acolhida e por crerem na minha contribuição com a educação municipal;

Aos meus pais, Maria Helena e Aparecido, por viverem os valores que ensinavam, dedicando-se integralmente a nossa família. Às minhas irmãs, Denise e Juliana, por serem aquilo que eu chamo de felicidade e aos Fernandos, “irmãos” que as irmãs trouxeram para minha vida, pela descontração, pela energia e a alegria;

Ao Dr. Carlos Roberto Antonio, por ver uma boa razão naquilo que acontece de ruim. Pela sua competência como médico, seu carinho, cuidado e fé;

Ao Carlos, meu amor, por me dar tantas alegrias e por ser tão digno de amor e admiração. Pela compreensão, paciência e alegria sempre presentes, mesmo nos meus momentos de desânimo. Por ter trazido para minha vida mais uma mãe (Laura), mais um pai (José Carlos), mais uma irmã (Luciana), um irmão (José Antônio), meus amados sobrinhos e tantas outras pessoas que oram por mim e que hoje compõem o que sou;

À Regina Marques Alves Batista, Lívia Barbosa Borduqui Campos, Danúbia Hatoum-Seron, Débora Marcilene Rossi e suas respectivas famílias pelos ensinamentos, pela amizade, pela companhia e por me deixarem ser da família também. Ao Eduardo Capobianco, pela sua admiração e carinho;

À Joceli, Norma, Talita, Aliana, Lúcia, Edson, Marcos que, por estarem na mesma caminhada, compreendem meus desafios e incertezas. Por serem amigos com os quais pude contar em tantos momentos, pela disponibilidade, compreensão, pelas histórias;

Aos meus alunos e alunas por tanto amor, tanto valor, tantas histórias, tantas conquistas que dedicam a mim;

À Fapesp, pela bolsa de estudos,

meus agradecimentos.

## RESUMO

Neste trabalho, analisam-se orações subjetivas encaixadas em matriz adjetival no português brasileiro. Por meio da observação de que a cópula que costuma anteceder alguns encaixadores pode não estar expressa, chegamos à ideia de que tais construções vêm passando por mudanças linguísticas tanto na fala como na escrita. À ausência de cópula na oração matriz soma-se, em alguns casos, um novo comportamento do adjetivo, que passa a ter a função de modificador, estágio alcançado quando há a perda do complementizador que une a oração principal à subjetiva. Partimos da hipótese de que, quando todas essas transformações ocorrem, o complexo oracional já se tornou uma sentença simples modificada por um parentético epistêmico, o que nos parece indicativo de dois processos específicos de mudança linguística: a Gramaticalização do adjetivo encaixador e a Dessentencialização da oração matriz. Ainda sobre o adjetivo, interessa-nos investigar seu papel semântico, partindo da observação de que aqueles que se sujeitam às transformações estão ligados a formas específicas de avaliação por parte do falante. A fim de contemplar as modalidades falada e escrita do português brasileiro, analisamos entrevistas do banco de dados Iboruna, de responsabilidade do Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), e textos da versão *on line* do caderno *Ilustrada* do jornal Folha de São Paulo. Atentos ao fato de que nosso trabalho envolve um possível processo de mudança em curso, também observamos o comportamento dessas construções em outras fases da língua portuguesa, tarefa que se cumpriu pela análise de dados provenientes de textos escritos dos séculos XVIII, XIX e XX. Os resultados mostram que os processos de mudança ocorrem principalmente com construções que envolvem adjetivos epistêmicos, que sempre se vinculam a orações encaixadas com verbo na forma finita, mais propícias a se tornarem orações absolutas. Quando já gramaticalizado, o modificador pode ocorrer em qualquer posição da sentença, sempre com traços prosódicos que indicam sua proeminência. Na escrita, a forte tendência de o item ocorrer no meio da oração exige o uso de expedientes como as vírgulas, o que reforça o papel da prosódia nesse novo tipo de construção. Dentro dos contextos de uso, tais aspectos sugerem o compartilhamento de informações entre falante e ouvinte e evidenciam a natureza dialógica do discurso, já que os parentéticos epistêmicos reforçam a ideia que o falante vê no outro um co-autor daquilo que enuncia.

Palavras-chave: Mudança Linguística, construções complexas, adjetivos, gramaticalização.

## ABSTRACT

In this paper, we analyze constructions with subjective clauses in Brazilian Portuguese. Through observation that copulation which usually precedes some matrix adjectives predicates can not be expressed, we come to the idea that such constructions have undergone changes language both in speech and in writing. Besides the absence of copula verb, in some cases, there is a new behavior of the adjective, which is replaced by the modifier role, stage reached when there is loss of the complementizer that unites subjective clause to the main clause. Our hypothesis is that when all these changes occur, the complex clausal already become a simple sentence modified by a parenthetical epistemic, which seems indicative of two specific processes of linguistic change: the Grammaticalization of the adjective and the matrix predicate Dessentencialization. On the adjective, we are interested in investigating their semantic role, based on the observation that those who are subjected to transformations are linked to specific forms of evaluation by the speaker. In order to address the modalities of spoken and written Portuguese Brazilian, analyzed interviews database Iboruna, the responsibility of the Project ALIP (Sample Language of Interior Paulista), and texts of the online version of newspaper *Folha de São Paulo*. Our work involves a possible process of change, we also observed the behavior of these constructions in other phases of the Portuguese language, a task that is accomplished by analyzing data from written texts from XVIII, XIX and XX centuries. The results show that the processes of change occur mainly with constructions involving epistemic adjectives that always bind the embedded clauses with verb in finite form, more likely to become absolute sentences. When already grammaticalized, the modifier can occur at any position of the sentence, always with prosodic features that indicate its prominence. In writing, the strong tendency of the item occurs in the middle of clause requires, the use of expedients such as commas, which reinforces the role of prosody in this new sentence. Within the contexts of use, such aspects suggest the sharing of information between speaker and listener and show the dialogic nature of the discourse.

Keywords: Linguistic change, complex constructions, adjectives, grammaticalization.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 11
CAPÍTULO 1: MUDANÇA LINGUÍSTICA E GRAMATICALIZAÇÃO	p. 15
1.1. BASES DA GRAMATICALIZAÇÃO	p.19
1.2. UM TIPO ESPECÍFICO DE GRAMATICALIZAÇÃO: DE CONSTRUÇÕES A PARENTÉTICOS EPISTÊMICOS	p.33
CAPÍTULO 2: COMBINAÇÃO DE ORAÇÕES E MUDANÇA LINGUÍSTICA	p. 50
2.1. COMBINAÇÃO DE ORAÇÕES	p. 50
2.2. COMPLETIVAS EM POSIÇÃO DE SUJEITO	p. 59
2.2.1. ESTUDOS SOBRE ORAÇÕES SUBJETIVAS NO PORTUGUÊS	p. 59
CAPÍTULO 3: UNIVERSO DA PESQUISA E METODOLOGIA	p. 72
CAPÍTULO 4: PREDICADOS MATRIZES ADJETIVAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	p. 89
4.1. CONSTRUÇÕES COM ORAÇÕES SUBJETIVAS NA FALA: CONSTRUÇÕES CONSERVADORAS	p. 91
4.2. CONSTRUÇÕES INOVADORAS NO IBORUNA	p. 107
4.3. ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES SUBJETIVAS NA FOLHA.COM	p. 128
4.4. CONSTRUÇÕES INOVADORAS NA <i>FOLHA.COM</i>	p. 135
4.5. PREDICADOS EPISTÊMICOS COM COMPLEMENTO EM POSIÇÃO DE SUJEITO NA HISTÓRIA DO PB	p. 142
CONCLUSÕES	p. 153
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p. 157

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Correspondência entre categorias metafóricas, classes de palavras e tipos de constituinte	p. 23
Quadro 2: Relação entre modalidade, função, nível e forma de expressão (DALL'AGLIO HATTNER <i>et al.</i> , 2001)	p. 68
Quadro 3: Variáveis e variantes controladas na constituição do banco de dados Iboruna	p. 76
Quadro 4: Predicados matrizes adjetivais de orações subjetivas na fala e na escrita do PB contemporâneo	p.90
Quadro 5: Predicados matrizes adjetivais de orações subjetivas que não prescindem de cópula na modalidade falada do PB contemporâneo	p.92
Quadro 6: Classes e tipos semânticos de predicados matrizes de orações subjetivas na modalidade falada do PB contemporâneo	p. 93
Quadro 7: Grau de sentencialidade de uma construção (SANTANA, 2010, p. 134)	p.100
Quadro 8: Associação entre grau de sentencialidade de uma construção e classe semântica de predicados matrizes	p.100
Quadro 9: Categorias semânticas do Nível Representacional (HENGEVELD; MACKENZIE, 131-132)	p.103
Quadro 10: Predicados matrizes adjetivais de orações subjetivas que prescindem de cópula na modalidade falada do PB contemporâneo	p.108
Quadro 11: Posição dos adjetivos parentéticos na modalidade falada do PB contemporâneo	p.119
Quadro 12: Classes e tipos semânticos de predicados matrizes de orações subjetivas na modalidade escrita	p.129
Quadro 13: Predicados matrizes adjetivais encaixadores de orações subjetivas na história do PB (século XVIII a XX)	p.144
Quadro 14: Classes e tipos semânticos verificadas em cada século na história do PB	p. 145

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Perfis dos Informantes do banco de dados Iboruna (GONÇALVES, 2007)	p.77
Tabela 2: Participação de cada classe semântica no encaixamento de orações subjetivas na modalidade falada do PB contemporâneo	p.93
Tabela 3: Participação das classes semânticas no total de encaixamento de orações subjetivas na modalidade falada do PB contemporâneo	p.93
Tabela 4: Relação entre classes semânticas de predicados matrizes e unidades semântico-funcional representada pela oração subjetiva na modalidade falada do PB contemporâneo	p.104
Tabela 5: Participação de cada classe semântica de predicado nas construções inovadoras na fala (Iboruna)	p.108
Tabela 6: Participação das classes semânticas como encaixadores de orações subjetivas no total de ocorrências da escrita (Folha.com)	p.128

## INTRODUÇÃO

Nesta tese, analisam-se construções com orações subjetivas, com vistas à investigação de um possível fenômeno de mudança que as vem afetando. As orações subjetivas constituem um tipo de oração substantiva, assim classificadas por se equipararem a um sintagma nominal. Nas construções em que elas ocorrem, há uma oração matriz, na qual a oração substantiva se encaixa, na qualidade de argumento, em um processo de complementação. Compreende-se, pois, por complementação o mecanismo por meio do qual uma predicação é estruturada como argumento de um predicado. O constituinte complementado por argumentos é chamado predicado matriz, e a oração que contém esse predicado como núcleo é a oração matriz (GONÇALVES, 2006).

A classificação das construções completivas tradicionalmente leva em conta as posições argumentais que elas ocupam no período, sendo objeto de nosso estudo as que se colocam em posição de sujeito.

A oração matriz de uma subjetiva pode ser constituída por três diferentes categorias de predicado: verbal, nominal ou adjetival, conforme (01a-c), respectivamente.

- (01) a. Parece // que vai chover  
 b. É verdade // que vai chover.  
 c. É lógico // que vai chover.

Interessam-nos as orações do tipo de (01-c), que se vinculam a um predicado adjetival, o qual pode estabelecer relações com a oração subjetiva por meio de verbos como *ser*, *parecer*, *tornar*, *ficar* (BECHARA, 2006; SARMENTO, 2005), portadores das noções gramaticais como tempo, modo, aspecto e concordância. É possível, porém, que a estrutura básica composta por *ser* + *adjetivo* + *oração subjetiva* venha se apresentando sob configurações do tipo das mostradas em (02).

- (02) a. Lógico que vai chover.  
b. Vai chover, lógico  
c. Lógico, vai chover

Os enunciados acima mostram que algumas construções com orações subjetivas vêm passando por mudanças que determinam nova forma e novo funcionamento para tais expressões. É nosso objetivo, então, verificar se essas novas construções estão relacionadas com fenômenos como a gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 1993) e a dessentencialização (LEHMANN, 1988), observando-se, inicialmente, a alternância entre uso e não uso da cópula antes do adjetivo matricial, o que já significa alterações na sentencialidade da matriz. Outro fator investigado é o funcionamento desse adjetivo, que, em alguns casos, é identificado com o de modificador, o que se configura como uma pista de Gramaticalização (doravante, GR). Elucidaremos como se dá a implementação desses dois processos, que têm como consequência a transformação dessas estruturas bioracionais em mono-oracionais, fenômeno relacionado, portanto, com a Dessentencialização (doravante, DC).

De modo mais geral, constituem objetivos do presente trabalho: descrever o comportamento sintático, semântico e pragmático de predicados adjetivais nos quais se encaixam orações subjetivas, sejam eles antecedido de cópula ou não; analisar as relações sintáticas, semânticas e pragmáticas que se estabelecem entre tais predicados e as orações sobre as quais eles incidem; e, analisar os resultados da descrição alcançados à luz de uma teoria de mudança linguística.

Os dados da sincronia atual devem nos oferecer informações sobre padrões de construções com orações subjetivas, os que nos permitirá buscar, em sincronias passadas, a comprovação para a ideia de que tais construções vêm passando por processos de mudança linguística.

Ao elegermos a GR como quadro explanatório para o fenômeno investigado, é necessário, de uma perspectiva funcionalista, observar o processo de mudança em sua totalidade, considerando as condições linguísticas, ou mecanismos estruturais que permitem ou levam à mudança e os aspectos comunicativos que subjazem aos novos usos que determinadas construções ganham. É interessante, também, relacionar tais ganhos às chamadas “perdas” verificadas nos itens/construções que passam por GR. Desde o início dos trabalhos nesse campo, os quais remontam a Meillet (1965 [1912]), noções como *bleaching* (enfraquecimento) semântico, redução fonológica e perda de autonomia estiveram no centro de muitos estudos (HEINE *et al.*, 1991; LEHMANN, 1982, HOPPER, 1991 e outros). Por outro lado, nota-se que as investigações mais recentes salientam os ganhos envolvidos nesse tipo de mudança, dentre os quais se destacam aqueles que tratam da forte atuação de itens/construções gramaticalizados como veiculadores de atitudes do falante (TRAUGOTT, 1989, 1995, 2003, 2010).

A natureza deste trabalho, que investiga uma possível mudança em curso, impõe que sejam analisadas ocorrências em contextos reais de uso, as quais foram coletadas em entrevistas do banco de dados Iboruna, de responsabilidade do Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), e na versão *on line* do jornal *Folha de São Paulo* (FSP), a fim de contemplar as modalidades falada e escrita do português brasileiro, já que ambas vêm apresentando a variação entre a construção canônica (como 01-c) e as inovadoras (como 02a-c). É importante também observar o comportamento dessas construções em outras fases da língua portuguesa, tarefa que se cumpre pela análise de dados dos séculos XVIII, XIX e XX, os quais serão mais bem detalhados adiante.

O texto desta tese está organizado da seguinte maneira: no primeiro capítulo, mostramos as bases teóricas que dão conta dos processos de GR e DC, bem como dos mecanismos sintáticos, semânticos e discursivos que se delineiam ao longo do caminho de

mudança. Ainda nesse capítulo, discutimos alguns trabalhos que tratam de GR de construções e, mais especificamente, dos casos que levam uma expressão ao estatuto de modificador da sentença. No segundo capítulo, é apresentado o aporte teórico para o tratamento da complementação oracional. Focando as orações subjetivas, discutimos, neste mesmo capítulo, questões semânticas dos encaixadores adjetivais e mostramos alguns padrões dessas estruturas na sincronia atual do português brasileiro. No terceiro capítulo, especificamos os *corpora* e os grupos de fatores selecionados para a análise, deixando claros aspectos que motivaram nossas escolhas. No quarto capítulo, analisamos os dados encontrados nos *corpora*, enfatizando, por um lado, o perfil das construções com orações subjetivas na fala e na escrita e, por outro, a implementação dos processos de mudança e seus efeitos no uso das expressões. Concluímos com a retomada e discussão dos principais resultados apurados ao longo da análise. Em seguida, apresentamos as referências bibliográficas.

## **CAPÍTULO 1: MUDANÇA LINGUÍSTICA E GRAMATICALIZAÇÃO**

O reconhecimento de que a gramática de uma língua não é estática e fechada, mas sujeita a mudanças e alterada pelo uso, é a idéia que subjaz aos estudos sobre mudança linguística em perspectiva funcionalista. Essa abordagem, já legitimada, possibilita o entendimento de que o uso é o ponto de partida para a compreensão da gramática. O fenômeno por nós investigado, observado nas mais diferentes situações de interação, torna-se então mais um indicativo de uma instabilidade organizada, passível de ser explicada sempre pelas demandas comunicativas que os falantes querem cumprir.

A noção de gramática como estrutura maleável, proposta por Bolinger (1967), foi adotada e reformulada por autores como Givón (1971), para quem “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”, como Hopper (1987), que afirma que “a gramática é sempre emergente, mas nunca presente”, como Dubois (1985), para quem “a gramática é um sistema adaptativo, por ser autônoma, mas ao mesmo tempo adaptativa já que responde às pressões externas ao sistema”, dentre outros. Associando essas considerações às ideias de mudança linguística de Meillet (1965 [1912]), apresentadas mais adiante, vê-se que essas pressões advêm de um complexo de interesses e necessidades discursivas e pragmáticas, que pode compreender o propósito de ser mais expressivo ou compreender a ausência de designação adequada a algum conteúdo que o falante quer expressar. Tal afirmação não deixa de aludir a uma outra, feita por Weinreich, Labov e Herzog (2006), de que a homogeneidade, se existisse, seria disfuncional. Para esses autores, há um ininterrupto processo de mudança, ainda que imperceptível para os falantes.

As mudanças nunca ocorrem de forma global e integral: elas vão ocorrendo gradativamente, isto é, vão atingindo partes da língua e não seu conjunto. A gradualidade da mudança pode ser explicada pela necessidade que os falantes têm de garantir a comunicação

permanente. Enquanto a mudança linguística está em progresso, uma forma estabilizada e uma inovadora coexistem dentro da gramática: esta gramática difere da gramática anterior pela adição dessa regra, ou talvez pela conversão de uma regra invariante numa regra variável. Weinreich, Labov e Herzog (2006) apresentam então a idéia de heterogeneidade do sistema, que dá a ideia de um conjunto de subsistemas que se alternam de acordo com um conjunto de regras co-ocorrentes, enquanto dentro de cada um desses subsistemas podemos encontrar variáveis individuais que covariam, mas não co-ocorrem estritamente. Cada uma dessas variáveis acabará sendo definida por funções de variáveis independentes extralinguísticas ou linguísticas, mas essas funções não precisam ser interdependentes.

A consideração de que mudança é característica intrínseca da língua, sempre a serviço da interação, e o pressuposto da gradualidade, que considera que nenhuma forma *A* muda abruptamente para *B*, permitem ver nas ideias variacionistas e nos estudos sobre GR aspectos em comum. Os estudos variacionistas têm por objeto a coexistência de formas com um mesmo significado, até que a mudança cesse essa variação e estabeleça uma forma só. Já os estudos em GR tomam como objeto o percurso de mudança de uma forma, sendo que esse percurso, como já foi dito, envolve variação, o que reforça a convergência dos pressupostos dos dois quadros teóricos.

Sobre o termo *gramaticalização* recai uma variedade de acepções. Uma definição muito conhecida é a de que a gramaticalização é um processo de mudança unidirecional, por meio do qual elementos ou construções lexicais passam a desempenhar funções gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 1993), e, pela continuidade do processo, tendem a assumir novas funções gramaticais e a se tornar mais regulares, deixando de se colocar no nível da criatividade eventual para penetrar a estrutura relativamente restrita da gramática (MARTELOTTA, 1996). Outras definições vêm sendo formuladas ao longo dos estudos

sobre esse tipo específico de mudança linguística, porém todas trazem em si uma distinção que merece ser destacada: aquela entre formas lexicais e formas gramaticais.

Ao mesmo tempo em que abordam a distinção entre significado ou forma lexical e significado ou forma gramatical, os estudos sobre GR assumem a inexistência de separações rígidas entre essas classes. Já em Meillet (1965 [1912]), essa preocupação se fazia presente. O autor, que cunhou o termo *gramaticalização* e explicou o fenômeno como “um processo de mudança linguística principalmente diacrônico e gradual, no qual palavras em algum sentido plenas são pressionadas a funcionar em determinadas circunstâncias como elementos, em algum sentido, gramaticais”, propôs também a divisão segundo a qual à língua pertencem palavras agrupáveis em três categorias: (i) as palavras principais, capazes de indicar idéias essenciais, reconhecidas nos nomes, verbos, complementos circunstanciais; (ii) as palavras acessórias, e (iii) as palavras gramaticais, responsáveis por especificar o valor das palavras principais, ou seja, os verbos funcionais, os auxiliares, as preposições, as conjunções, entre outras. Mesmo apostando no curso previsível das palavras principais em direção às gramaticais, o autor traz o exemplo do verbo *être* do francês, que pode ser palavra principal em *Je suis chez moi* (“eu estou em casa”), palavra acessória em *Je suis malade* (“eu estou doente”) e palavra gramatical, como verbo auxiliar, em *Je suis allé* (“eu sou ido (lit.) / fui”).

Os elementos lexicais fazem referência a dados do universo biossocial, designando entidades, ações e qualidades. Já os elementos gramaticais seriam aqueles que organizam os itens do léxico no discurso: ligam partes do texto, identificam as partes já mencionadas e as que ainda serão citadas, marcam estratégias interativas e noções gramaticais, como tempo, modo e aspecto. Mesmo com essa distinção em mente, é coerente considerar a existência de um contínuo, que parte de um em direção ao outro, do lexical para o gramatical (HOPPER; TRAUGOTT, 1993; BYBEE, 2003a). Nos pontos extremos desse contínuo, é possível

agruparmos uma série de características semântico-formais pertencentes a cada um desses grupos de palavras.

Bybee (2003a), em uma associação entre semântica e cognição, assume que o significado lexical tende a ser mais específico e concreto, principalmente quando se trata de noções culturais importantes, o que lhe confere estabilidade e restrição a um certo número de contextos. Por sua vez, o gramatical tende a ser mais abstrato e amplo, referindo-se a: (i) domínios abstratos, como modalidade; (ii) relações gramaticais, como sujeito, ou, (iii) a relações entre classes, como conjunções. Segundo a autora, outra diferenciação relevante está na maneira e na extensão com que os falantes têm acesso, de modo consciente, ao significado das unidades. Ao usar determinados lexemas, o falante se reporta diretamente ao significado deles, quando se trata de nomes, verbos e adjetivos. Em relação às palavras gramaticais, a acessibilidade é bem menor, uma vez que o usuário da língua apenas se utiliza de um conjunto de usos e construções gramaticais, o que ocorre graças à automatização desses significados na língua. Dessa forma, somente relações gramaticais menos abstratas, ou menos automatizadas, seriam usadas de modo mais consciente.

Essa visão não discreta das palavras lexicais e gramaticais tem sido produtiva (para não dizer necessária) nos estudos de GR. A adoção da idéia de contínuo está clara, por exemplo, em Gonçalves (2003, p. 18), que afirma que o rótulo lexical é usado “para identificar categorias prototípicas cujas propriedades fazem referência a dados do universo bio-psíquico-social, designando entidades, ações, processos, estados e qualidades”, enquanto gramatical é adotado para indicar “categorias prototípicas, cujas propriedades cuidam de organizar, no discurso, os elementos de conteúdo lexical, ligando palavras, orações e partes do texto, marcando estratégias interativas e expressando noções como tempo e modo”. No trabalho de Longhin-Thomazi (2003, p. 10), por exemplo, a autora busca no próprio Meillet a

idéia de que o “enquadramento de itens em um ou outro conjunto é relativo, pois a mesma palavra pode ser lexical em um contexto e acessória ou gramatical em outra”.

Para o estudo do processo de GR, adotaremos, neste capítulo, a seguinte ordem de exposição: primeiro, mostraremos em linhas gerais os estudos de diferentes autores sobre a GR e, num segundo momento, enfocaremos trabalhos mais específicos sobre GR de construções e suas relações com o comportamento pragmático que nelas se observa.

### **1.1. Bases da Gramaticalização**

Partimos da hipótese de que algumas construções com orações subjetivas encaixadas em adjetivos vêm passando por processo de mudança linguística que leva a alterações no estatuto do predicado encaixador, tornando-o mais gramatical, daí a importância de se compreender os fundamentos da mudança por gramaticalização e de discutir a ocorrência desse fenômeno para além do léxico, o que se faz na seção 1.2.

Meillet (1965 [1912]), por exemplo, foi o primeiro a usar o termo *gramaticalização*, na ocasião em que investigou o surgimento de formas gramaticais na língua, descobrindo dois procedimentos: (i) a analogia, que consiste em criar uma forma a partir do modelo de uma outra, e (ii) a gramaticalização, que consiste na atribuição progressiva de caráter gramatical a uma palavra previamente autônoma. Enquanto a analogia renova detalhes das formas superficialmente, a gramaticalização cria novas formas que substituem as antigas, já desgastadas pelo uso e, além disso, introduz categorias para as quais não havia expressão linguística antes.

A GR, para Meillet, não é um processo aleatório, e, portanto, tem uma motivação característica e um curso previsível. A motivação, segundo ele, é a constante necessidade que o falante tem de ser expressivo; o uso frequente das palavras leva ao desgaste e faz com que

elas percam sua expressividade. O curso previsível é, como já se disse, unidirecional, uma vez que palavras principais podem passar a palavras acessórias e estas, a gramaticais.

Na década de setenta, surge uma nova proposta para o processo de GR, com os trabalhos de Givón (1979), cuja principal contribuição foi introduzir, de modo mais contundente, o componente Discursivo na análise dos processos de GR, que ainda estava limitada ao léxico e à gramática. Para ele, as estruturas gramaticais de qualquer língua são produtos de constantes mudanças motivadas por necessidade discursiva. A célebre frase do autor de que “a sintaxe de hoje é a pragmática discursiva de ontem” significa que, no processo de GR, o modo mais pragmático de comunicação dá lugar a um modo mais sintático; com isso, expressões linguísticas com vinculação sintática fraca tornam-se estruturas sintáticas “justas” e “gramaticalizadas”, mediante uma relação de ganhos e perdas envolvida no processo. Para Givón, esse processo de “sintaticização” é unidirecional, diacrônico e cíclico. Um elemento do discurso, que passa pelo estágio de sintaticização, pode, em seguida, chegar ao estágio zero, em uma dinâmica que dá conta tanto da criação da gramática da língua quanto de seu desgaste, como se vê em seu conhecido *cline*: *Discurso* > *sintaxe* > *morfologia* > *morfofonêmica* > *zero*. Assim, o autor estabelece um percurso mais claro para a mudança, que vai da utilização de expedientes destinados a atender exigências discursivas à sua transformação em estrutura fixa da gramática.

O autor propõe que a sintaxe da língua tende a se desgastar graças ao uso frequente e à consequente automatização (daí o termo *sintaticização*), considerando a necessidade de expressividade, o que faz com que, ao fim do processo, outro item seja recrutado para seguir esse mesmo percurso. Tal percurso, que atesta que o modo sintático tem origem no pragmático, exige cuidado para não ser transformado em uma simplificação, pois, segundo Gonçalves (2003), associar o modo pragmático a formas mais simples de linguagem e o modo sintático, a formas mais desenvolvidas de linguagem mostra-se como uma visão simplista dos

fatos da língua. O modo pragmático caracteriza-se pelo predomínio de estrutura tópico-comentário, pela conjunção frouxa, pela ordem de palavras não estável, pelo uso reduzido de morfologia gramatical, enquanto o modo sintático caracteriza-se pela estrutura sujeito-predicado, pela subordinação, pela ordem rígida e pelo uso da morfologia gramatical. É como se, das necessidades existentes quando se usam formas mais “reduzidas” de linguagem, emergissem novos modelos gramaticais. As línguas *pidgins* representariam exemplos do modo de comunicação pragmático, enquanto as línguas crioulas exemplificariam o modo sintático, o que sugere que as primeiras são, de fato, mais simplificadas do que as segundas, ainda que hoje, para outras instâncias de linguagem, já se tenha idéia da inadequação dessa caracterização, tal como postula Givón (1979) para diferenciar a língua da criança da do adulto, a escrita da fala, o contexto informal do formal.

Diferentemente de Givon (1979), o interesse de Heine e Reh (1984) era estabelecer princípios universais capazes de elevar a GR ao posto de modelo eficiente para a descrição de línguas naturais, o que se traduz na busca pelas possíveis trajetórias típicas da mudança tanto sincrônica como diacronicamente.

Já muito debatidos, os princípios esclarecem cada uma das alterações específicas pelas quais o item passa até que se possa considerá-lo gramaticalizado. A importância de retomar esses princípios é reforçada quando se observa que as diferentes perdas mostradas por Heine Reh (1984) foram relativizados, em trabalhos posteriores, e deram lugar aos ganhos que ocorrem ao longo do processo. Para entender melhor as relações de perdas e ganhos, faz-se necessário conhecer os princípios citados, que dizem que quanto mais gramaticalizada é uma estrutura:

1. mais ela perde em complexidade semântica, significância funcional e/ou valor expressivo;
2. mais ela perde em pragmática e ganha em significância sintática;

3. mais reduzido é o número de membros que pertencem ao mesmo paradigma morfossintático;
4. mais sua variabilidade decresce, isto é, sua posição torna-se fixa na oração;
5. mais seu uso torna-se obrigatório em alguns contextos e agramatical em outros;
6. mais ela se funde semântica, morfossintática e foneticamente com outras unidades; e,
7. mais ela perde em substância fonética.

Os princípios de Heine e Reh (1984) evidenciam o chamado modelo do *bleaching* (HEINE, 2003), que considera o enfraquecimento semântico como o principal fator que leva à GR. Posteriores aos princípios mostrados, há trabalhos que atribuem menor importância ao enfraquecimento e maior relevância, por exemplo, ao fato de que a GR envolveria sempre uma reinterpretação da forma, a chamada reinterpretação induzida pelo contexto. A transferência do foco daquilo que o item perde para o novo funcionamento nele observado permite que fenômenos como o nosso sejam analisados à luz da GR, pois o que se observa no caso das construções com orações subjetivas parece relacionar-se mais com ganhos discursivos do que com qualquer tipo de enfraquecimento.

A reinterpretação é explicada por Heine (2003) por meio de dois modelos: o modelo de transferência e o modelo contextual.

O modelo de transferência enfatiza a ação dos processos metafóricos, segundo os quais conceitos são metaforicamente transferidos de domínios mais concretos para domínios menos abstratos da experiência humana. Para Hopper e Traugott (1993, p. 84), “processos metafóricos são processos de inferência entre fronteiras conceituais e são tipicamente referidos como ‘mapeamentos’ ou ‘saltos associativos’ de um domínio para outro”. Heine *et al.* (1991a), que definem a GR como processo em que atua um princípio responsável pela criação de formas gramaticais e que este se traduz na exploração de meios antigos para novas

funções, apresentam as seguintes categorias cognitivas, que podem ser entendidas e organizadas em um *cline*:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

A mudança de itens de uma categoria cognitiva para outra dá-se por transferência metafórica e, sempre quanto mais à direita na escala, mais gramaticalizado o item será. Assim, um item pertencente a uma categoria da esquerda pode ser usado “metaforicamente” para conceituar a categoria da direita. Desse modo, OBJETO pode ser usado para conceituar ESPAÇO, ESPAÇO pode ser usado para conceituar TEMPO, e assim por diante.

O processo de transferência metafórica ocorre de um domínio cognitivo para outro, sendo entendido como uma “cadeia” em que não há limites claros entre as partes componentes. A idéia de cadeia já traz em si a noção de sobreposição de formas, já que duas ou mais variantes podem coexistir por algum tempo na língua. É unidirecional, pois parte da esquerda para a direita e pode ser definida em termos de “abstração metafórica”, em que a categoria da esquerda é “menos abstrata” do que qualquer categoria à sua direita.

Sobre a metáfora, Heine *et al.* (1991a) mostram que as categorias têm correlação com as classes de palavras e os tipos de constituintes.

<b>Categoria</b>	<b>Classe de palavra</b>	<b>Tipo de constituinte</b>
PESSOA	Nome humano	Sintagma nominal
OBJETO	Nome concreto	Sintagma nominal
ATIVIDADE	Verbo dinâmico	Sintagma verbal
ESPAÇO	Advérbio, adposição	Sintagma adverbial
TEMPO	Advérbio, adposição	Sintagma adverbial
QUALIDADE	Adj., verbo de estado, advérbio	Modificador

Quadro 1: Correspondência entre categorias metafóricas, classes de palavras e tipos de constituinte  
(HEINE *et al.*, 1991a, p. 53)

Já o modelo contextual envolve, dentre outros aspectos, a metonímia, pois os processos de gramaticalização instanciam extensões e convencionalizações permitidas dentro de um contexto. Tal extensão dá-se por associação, a qual é possibilitada pela contiguidade e consiste na transição gradual de um significado a outro por meio da reinterpretação contextual, isto é, estabelecida por meio do uso.

Os pesquisadores da GR costumam associar os processos metafóricos e metonímicos, de modo que, segundo Heine *et al.* (1991b, p. 61), depois da metáfora, que “forma mais uma das atividades mentais envolvidas no desenvolvimento de categorias gramaticais”, a metonímia é a segunda principal atividade.

Enquanto a metáfora é uma transferência semântica baseada na percepção de similaridades de sentidos, sendo analógica e icônica, a metonímia consiste também numa transferência semântica, mas por meio da contiguidade de significados.

Hopper e Traugott (1993, p. 82) concluem que a “metáfora opera através de domínios conceituais, enquanto a metonímia opera através de constituintes (morfo) sintáticos independentes”, portanto, mantém relações dentro do contexto.

Hopper (1991) propõe cinco outros princípios de GR, que também ajudam a visualizar o curso da mudança e não seu estágio final, o que é importante pelo fato de mais fenômenos poderem ser analisados à luz da GR e não só aqueles que apresentam o produto final já estabelecido.

Para Hopper (1991), são cinco os princípios de gramaticalização:

1. *Estratificação (layering)*: dentro de um amplo domínio funcional, novas camadas estão sempre surgindo, porém, sem que as camadas mais antigas sejam necessariamente descartadas, podendo permanecer coexistindo e interagindo com a camada mais nova.

2. *Divergência*: a unidade lexical que origina o processo de GR pode preservar-se como item autônomo e, portanto, estar sujeita a sofrer um novo processo de GR, pois continua como um item lexical comum.

3. *Especialização*: dentro de um domínio funcional, é possível a existência de uma variedade de formas, apresentando diferentes nuances semânticas. Com o desenvolvimento do processo de GR, há um estreitamento de opções para se codificar uma determinada função, à medida que uma dessas opções começa a ocupar mais espaço, porque se encontra mais gramaticalizada, e, por isso, com significados mais gerais. Um indício bastante claro da especialização é o aumento da frequência de uso da forma, questão tratada mais adiante.

4. *Persistência*: há, até certo ponto, manutenção de traços da forma fonte lexical e original na forma gramaticalizada, o que pode denunciar detalhes da história lexical nas próprias restrições sintáticas dessa forma gramaticalizada.

5. *Descategorização*: com a perda de autonomia discursiva, uma forma gramaticalizada perde, por consequência, especificidades morfológicas e privilégios sintáticos, responsáveis pela sua caracterização como forma plena, e passa a assumir atributos das categorias secundárias, mais gramaticalizadas, podendo, em alguns casos, chegar a zero.

Pode-se ver que apenas o princípio cinco estipula verdadeiras perdas para o item gramaticalizado, enquanto os outros elucidam partes intermediárias do processo, em que a forma encontra-se em meio a uma “instabilidade funcional”. Princípios como a *persistência*, que mostra que no item podem coexistir traços da forma fonte e da forma inovadora, e a *especialização*, reveladora de que o item pode passar a ser o preferido dentro de uma variedade de formas para uma função, tornam possível entender muitos casos de GR em que as perdas não estão em questão.

Quando as perdas não estão na base do reconhecimento do processo de GR, privilegiam-se as necessidades comunicativas dos falantes para a explicação do fenômeno,

como fazem Hopper e Traugott (1993). Os autores utilizam a pragmática para explicar sua motivação, pois, para eles, as mudanças de significados, assim como as estratégias cognitivas que estão em sua base, são centrais nos estágios mais incipientes do processo. A GR é o processo por meio do qual itens e construções lexicais, em um determinado contexto linguístico, desempenham funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

Sintaticamente, pode haver uma mudança de categoria que segue uma tendência regular: (categorias maiores > categorias intermediárias > categorias menores) mediada por estágios de sobreposição, já que, como alertam os autores, não se tratam de categorias discretas.

[Categoria maior (nome, verbo)] > [Categoria mediana (adjetivo, advérbio)] > [Categoria menor (preposição, conjunção, auxiliar, pronomes, demonstrativos)]  
(HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 104)

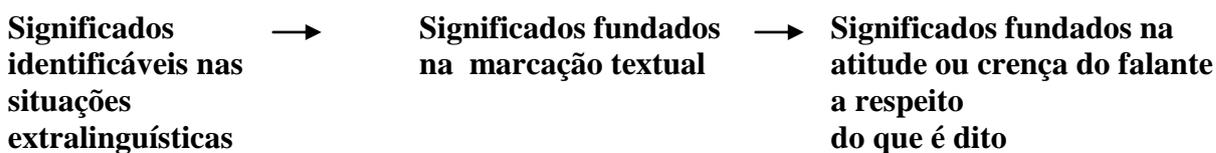
É possível ver que o esquema acima forma um *cline*, o qual evidencia a trajetória natural de evolução das formas. Trata-se de um arranjo dessas formas ao longo de uma linha em direção a um extremo oposto, sinalizando um aumento de gramaticalidade de maneira unidirecional. Um outro cline bastante conhecido, proposto por Hopper e Traugott é o que vemos abaixo:

item lexical > item gramatical > clítico > afixo flexional (p. 07)

Quanto mais à direita está um item, mais gramatical ele é, ainda que seja difícil estabelecer limites claros entre as categorias representadas. Assim, um *cline* não pode ser entendido como um contínuo com pontos rígidos, ou como uma sequência simples, já que a ocorrência de sobreposições entre as formas e/ou funções antigas e as novas devem ser

esperadas (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). Os autores também mostram que o *cline* acima exposto não se concretiza em todos os casos de mudança por GR, podendo variar de acordo com o caso estudado.

Traugott e König (1991) desenvolvem um trabalho que vai afirmar que a mudança de significado que ocorre nesse processo segue a seguinte trajetória:



O esquema acima mostra que a mudança parte de significados baseados nas situações extralinguísticas, caracterizadas como mais concretas, mais objetivas e menos pessoais, em direção a significados voltados à marcação de ordem textual, tais como os anafóricos, por exemplo, para, posteriormente, alcançar significados baseados na atitude do falante, isto é, na sua crença em relação ao que está sendo dito, estágio considerado, portanto, menos concreto, mais subjetivo e, conseqüentemente, mais pessoal.

Essa trajetória também é ilustrativa da unidirecionalidade da mudança, motivada, segundo os autores, pelo princípio de informatividade, e o crescente fortalecimento da expressão do falante, consideração que reitera a primazia de aspectos discursivos sobre aspectos formais, para esses autores.

Uma outra consideração feita por Traugott e König (1991) é sobre a ocorrência da generalização, associada aos estágios mais tardios do processo. A generalização consiste no alargamento de sentidos de modo que o item possa operar em mais contextos, ao mesmo tempo em que se constata a adoção dos novos significados por cada vez mais falantes.

Posteriores a esse trabalho, os estudos de Traugott (1995, 2003, 2010) trazem as ideias da autora sobre subjetivização, voltadas às mudanças semânticas e pragmáticas relacionadas

ao processo de gramaticalização, entendendo que elas fazem parte de um conjunto maior de mudanças linguísticas. Em trabalhos como os de Traugott, o fato de uma forma lexical tornar-se mais gramatical não está mais no cerne da discussão, pois dá lugar à análise de como os falantes selecionam itens para serem cada vez mais representativos de sua atitude diante do que é dito.

Como a própria autora informa, o estudo da subjetivização aliada à GR tem como base as idéias de Halliday e Hasan (1976) sobre os componentes do sistema linguístico. Traugott relaciona tais componentes da seguinte maneira:

(i) Componente proposicional: abrange todos os recursos linguísticos que viabilizam a fala sobre qualquer conteúdo extralinguístico, incluindo aqueles que se prestam a qualquer espécie de verificação referencial, tais como os dêiticos de lugar, de tempo e de pessoa. Corresponde à função “ideacional”, de Halliday e Hasan;

(ii) Componente textual: abrange os recursos gramaticais necessários para o desenvolvimento de um discurso coeso, tais como anafóricos, catafóricos, complementizadores, etc; tal nomenclatura coincide com a adotada por Halliday e Hasan;

(iii) Componente expressivo: abrange todos os recursos capazes de expressar atitudes e avaliações do falante em relação àquilo que está sendo dito, tal como modalizadores, conectores argumentativos, marcadores de pressuposição, os índices de polifonia e, possivelmente, também os marcadores discursivos. Corresponde à função “interpessoal”, de Halliday e Hasan.

A hipótese de Traugott é a de que as mudanças que têm lugar dentro desses componentes atestam a unidirecionalidade do processo, pois as expressões partiriam de um significado mais referencial para um mais interacional. Sendo assim, elas tendem a partir do componente proposicional, entendido como mais concreto, passar pelo componente textual e atingir o componente expressivo, no qual se observam as manifestações das atitudes do

falante diante da situação de fala, já que esse componente seria o mais ancorado no contexto do ato de fala. Exemplifica essa afirmação o caso do item *while*, do inglês. No inglês antigo, havia a forma *Pa hwile Pe*, que significava *na hora em que*. Já no inglês médio, tem-se a expressão *while*, revestida do sentido de duração e continuidade. No inglês dos dias de hoje, esse mesmo *while* quer dizer *embora*. O primeiro significado refere-se a uma descrição temporal do estado de coisas, sendo, dessa forma, proposicional. Quando passa a significar *durante*, o item atua como elo entre dois eventos e, mais do que isso, como item que relaciona frases e partes do texto. Já com o sentido concessivo, *while* é expressivo das atitudes do falante. A unidirecionalidade que se observa nesse processo, do proposicional para o expressivo, é atestada em vários outros casos, e a ocorrência do caminho inverso é altamente improvável, segundo Traugott (1989, p. 31)

Os estudos mais recentes de Traugott vão elucidar e reforçar cada vez mais a possibilidade de entender a GR como fenômeno que vai além da mudança do estatuto lexical para o gramatical, na medida em que mostra como casos de GR a passagem trilhada por um item mais referencial para um mais interacional, por assim dizer. Essa abordagem fortalece análises de casos em não se observam perdas e enfraquecimentos, mas mudanças rumo à automatização de um significado ou propósito comunicativo do falante, como parece ser o caso de nosso objeto de estudo.

Investigando em que ponto se entrecruzam os processos de subjetivização (e intersubjetivização) e o processo de GR e adotando, dessa maneira, uma abordagem sincrônica, Traugott define por meio das idéias de Lyons (1982) o conceito de subjetividade. Para esse autor, a subjetividade é “a forma pela qual as línguas naturais, em sua estrutura e maneira própria de operação, fornece ao falante meios de expressão de suas crenças e atitudes” (LYONS, 1982, p. 102)

Se a subjetividade é o mecanismo pelo qual o falante pode expressar suas atitudes e crenças, a intersubjetividade, segundo Traugott, manifesta-se pela expressão de crenças e atitudes do falante relacionada a sua auto-imagem e àquela que ele tem sobre seu ouvinte. O ponto crucial desse processo é o modo como significados tendem a tornar-se cada vez mais baseados em crenças subjetivas ou atitudes do falante em relação ao que é dito e a como é dito, equivalendo ao modo pelo qual os falantes desenvolvem novas significações para palavras já existentes, expondo, via itens linguísticos, suas atitudes (TRAUGOTT, 2010, p. 34).

Fica clara na exposição de Traugott a necessidade de que determinada expressão primeiro “ganhe” em termos de subjetividade, para só então passar a atuar nos domínios da intersubjetividade. Para deixar mais evidente essa trajetória, a autora assinala que, inicialmente, significados são recrutados pelo falante para codificar e regular suas atitudes e crenças diante do que é dito e, uma vez subjetivizada, a mesma expressão é recrutada para expressar a relação falante-ouvinte. Esse processo está ligado à mudança semântica que ocorre na GR, já que a polissemia sofrida por um item é que permite que ele passe a transitar pelos domínios ideacional, textual e, finalmente, interpessoal.

O ganho de subjetividade de uma expressão, fenômeno que, ao invés de restringir seu uso, faz com que a ela sejam agregados novos sentidos, parece estar em conflito com algumas premissas da GR, conforme lembra Traugott (2010, p. 41). Para discutir esse ponto, a autora retoma a definição clássica da gramaticalização: “mudança por meio da qual itens lexicais, em alguns contextos, adquirem funções mais gramaticais”. Além da definição padrão do fenômeno, a autora lembra também de reduções e limitações, de vários níveis (morfológicas, fonológicas, sintáticas), que são frequentemente associados à trajetória de mudança por GR. Sobre essa aparente contradição, Traugott observa que apenas em alguns casos são realmente

constatadas condensações e restrições, não sendo, portanto, obrigatórias em todos os casos de GR.

O ganho de subjetividade e a ampliação dos domínios nos quais o item pode ser utilizado tendem a fazer aumentar sua frequência. De Bybee (2003b) vem a idéia de que o aumento de frequência de uso de uma forma ou construção em GR, no transcorrer de seu caminho evolutivo, constitui um indício importante da ocorrência do processo. Itens gramaticais apresentam frequência textual alta, enquanto itens lexicais apresentam frequência baixa. O crescimento da frequência de uso de um item surge como uma consequência do aumento no número de contextos em que ele é empregado.

Bybee (2003b) enfatiza que a repetição, entendida como uma ritualização, tem papel preponderante na mudança linguística, pois uma sequência de palavras ou morfemas que é usada muito frequentemente torna-se uma unidade automatizada e fixa.

As mudanças que ocorreriam devido ao aumento de frequência podem, para Bybee, ocasionar tanto ganhos quanto perdas. Quando aumenta seus contextos de uso, o item ganha em pragmática, mas pode perder em substância fônica e ter seu componente semântico enfraquecido.

A autora se refere também à importância das inferências pragmáticas para o processo de GR, uma vez que, quando o mesmo padrão de inferências ocorre frequentemente com uma construção particular, pode se tornar parte do significado dessa construção, estando ligados às inferências às seguintes capacidades do falante:

- (1) habilidade para automatizar sequências neuromotoras por meio da repetição;
- (2) habilidade para categorizar elementos linguísticos recorrentes;
- (3) tendência a inferir mais do que o que foi dito;
- (4) tendência para habituar a repetição de estímulos.

Essas ideias de Bybee reforçam, principalmente, duas noções: a de metáfora como processo que produz casos de mudança por GR e o papel da automatização de determinada forma com determinada função/propósito comunicativa/o para que se observe o fenômeno em uma expressão.

## 1.2 Um tipo específico de GR: de construções a parentéticos

Ao elegermos como objeto de estudos casos em que orações matrizes de subjetivas parecem desviar-se desse estatuto e ganhar novo funcionamento, surge a necessidade de discutir a GR como fenômeno mais amplo e fundamentado também em fatores pragmáticos, assim como faz Traugott (1989). A autora enfoca o surgimento dos significados epistêmicos em inglês a partir da análise das mudanças semânticas que operam em auxiliares modais (*must, will*), verbos performativos (*assume, suppose*) e advérbios modais (*possibly, probably*). Os significados baseados na situação externa, ou seja, no contexto de fala, tendem a dar origem a sentidos ligados àquilo que é interno, isto é, à atitude do falante, o que explica o fato de que itens fortemente epistêmicos constituam o auge da trajetória de mudança.

Para os verbos auxiliares modais, por exemplo, Traugott (1989, p. 43) propõe o seguinte *cline*:

Verbo principal > Pré-modal > deôntico > levemente epistêmico > fortemente epistêmico  
 Habitual  
 Profético

Entende-se que um verbo como *must* foi primeiramente um *main verb*, ou um verbo principal, para só depois passar a atuar como um pré-modal, estágio em que ele perde algumas características de verbo principal, como a possibilidade de ser utilizado em sua forma infinitiva. Já como modal, o verbo atua principalmente em contextos de modalização deôntica, significando obrigação. Posteriormente, esse mesmo verbo começa a atuar como epistêmico, estando mais ligado a uma possibilidade, advinda da habitualidade de ocorrência de um estado-de-coisas. O ápice do processo é a atuação do item em contextos fortemente epistêmicos, isto é, relacionados a atitudes e crenças do falante, estando ligados ao grau de comprometimento para com o conteúdo do ato de fala. Traugott (1989) observa que essa

trajetória é possível, mas não obrigatória, isto é, alguns itens podem experimentá-la e outros não.

Outra observação relevante de Traugott (1989) é quanto à diferenciação entre a modalidade epistêmica, por ela considerada mais objetiva ou mais subjetiva, já que evita tratar como estanques essas duas nuances. Baseada em Lyons (1977), a autora aborda o item *must*, exemplificando casos em que a manifestação desse tipo de modalidade é mais ou menos subjetiva. Na fase em que o item é levemente epistêmico, ou seja, ligado mais à possibilidade de ocorrência de um estado-de-coisas, há uma modalidade epistêmica mais objetiva, ao passo que quando o item se mostra fortemente epistêmico, ou seja, mais ligado à postura do falante diante do conteúdo da proposição, há um ganho de subjetividade. Traugott ressalva que tais sentidos podem se sobrepor, pois a polissemia de um item pressupõe a convivência entre seus diferentes significados.

Com Dasher, em 2001, Traugott estuda um tipo de construção que vem surgindo no inglês dos dias de hoje. Trata-se de uma construção formulaica, em que o verbo *promise* aparece parentetizado na expressão cristalizada *I promise you*. Não estando comprometida com o tempo futuro, essa expressão assinala o grau de certeza do falante sobre a sentença, qualquer que seja o tempo utilizado. A expressão em questão é, portanto, subjetivamente modalizada e traz em si, além disso, alguma intersubjetividade, já que seu uso sugere que o falante antecipa que o ouvinte pode ter alguma dúvida sobre o conteúdo de sua fala e trata de garantir sua veracidade. Trata-se de uma abordagem que analisa a GR não quando ocorre com um item, mas quando é vista em uma sentença. Daí a importância de se observar como toda uma construção pode ser reanalisada<sup>1</sup> pelo falante de uma outra maneira, com um novo

---

<sup>1</sup> A rigor, a reanálise caracteriza-se por uma reorganização da estrutura do enunciado e por uma reinterpretação dos elementos que o compõem. Langacker (1977 apud HOPPER, TRAUGOTT, 1993), define esse mecanismo como uma mudança estrutural em uma dada expressão que não provoca necessariamente modificações em sua estrutura superficial. Esse mecanismo pode ser entendido como desencadeador de um desenvolvimento de estruturas novas a partir de estruturas velhas; portanto, a reanálise atua no eixo sintagmático. Estamos, porém,

funcionamento que pode afetar ou não sua forma. Torna-se claro que esses estudos ganham fundamental importância para nossa pesquisa, por dois motivos principais: (i) por propor a GR não só para itens, mas também para construções e, (ii) por entender como GR o fortalecimento da subjetividade e da atuação de uma expressão como parentético, ou seja, como elemento já mais automatizado no discurso.

Traugott e Dasher (2001) apresentam um exemplo em que a expressão segue a oração principal, sugerindo uma espécie de garantia, tendo, evidentemente, uma função interpessoal. O exemplo segue em (03) abaixo. .

- (03) He is wasting his time badly here, *I promise*. (TRAUGOTT; DASHER, 2001, p. 207)  
 ‘Ele desperdiça seu tempo aqui eu garanto’

A mesma expressão pode vir antes da oração principal sem um complementizador, servindo como um comentário sobre a sentença, com sentido próximo àquele que se verifica em adverbiais como *com certeza*.

- (04) *I promise you, you lie*. (TRAUGOTT; DASHER, 2001, p. 207)  
 ‘Com certeza você mente’

O que ocorre com a expressão *I promise* evidencia um crescimento da subjetivização, o que fica claro quando se considera o contexto de fala. Quando utilizado na primeira pessoa do singular introduzindo um complemento sentencial, tem características visivelmente performativas, por consistir no compromisso do falante com a realização de algo. Esse uso performativo desdobra-se no uso como parentético epistêmico, revestido de intersubjetividade por denotar a atenção do falante com as respectivas imagens que circulam entre ele e seu

---

adotando a idéia em um sentido mais amplo, como surgimento de um novo funcionamento, não necessariamente de uma nova forma superficializada.

ouvinte, em um processo de ganho pragmático. Ao passar do domínio espacial (já que *promise* tem sua origem no verbo espacial latino *pro-mittere* que quer dizer *mandar pra adiante*) para o uso performativo, o item já obteve um acréscimo de subjetividade, acentuada quando se observa sua atuação no nível do discurso, o que ocorre quando é atualizado como parentético epistêmico.

A nomenclatura atribuída por Traugott aos itens que passam por esse tipo de processo de mudança linguística suscita a discussão sobre a natureza da parentetização. Os parênteses podem ser entendidos como uma modalidade de inserção, ou seja, breve suspensão do tópico discursivo em curso, que não constitui uma nova centração tópica, não afetando, portanto, a coesão do tópico dentro do qual ocorrem (JUBRAN, 2006, p. 303). Essa definição, junto às ideias de Traugott, mostra o porquê de tratar itens epistêmicos que se gramaticalizam como parentéticos: devido a sua natureza de elemento inserido, que suspende momentaneamente o tópico a fim de marcar posições subjetivas do falante.

Também em Traugott e Dasher (2001), encontramos o estudo de expressões que vêm se tornando Marcadores Discursivos<sup>2</sup>. Em uma conjugação das definições de vários autores para MDs, para quem, de modo geral, eles são itens que correlacionam partes do texto e contribuem para a coerência do discurso, os autores acrescentam que eles são claramente subjetivos, pois marcam a atitude do falante tanto no que diz respeito à forma como ele elabora seu texto quanto no que se refere a convicções, crenças e responsabilidades diante daquilo que enuncia.

Em geral, as discussões feitas sobre os MDs tendem a destacar o esvaziamento de seu significado, seu papel de preenchedor de pausas, dentre outras considerações dessa natureza. Porém, há trabalhos sobre os MDs no português brasileiro, que revelam aspectos sobre a importância desses itens, dentre os quais destacamos os seguintes, de Risso *et al.* (2002):

---

<sup>2</sup> Traugott utiliza, num primeiro momento, a denominação *parentéticos epistêmicos* em alguns trabalhos e, em seguida, classifica como *Marcadores Discursivos* itens da mesma natureza.

- a) os MDs operam no plano da atividade enunciativa e não no plano contedúístico do texto, por isso são exteriores ao conteúdo proposicional e à informação cognitiva dos tópicos. No entanto, eles asseguram a ancoragem pragmática desse conteúdo, ao definirem, por exemplo, a força ilocucionária com que ele pode ser tomado, as atitudes assumidas em relação a ele, a checagem da atenção do ouvinte para a mensagem transmitida entre outros aspectos. Por codificarem informação pragmática, são elementos que relacionam os enunciados a suas instâncias produtoras em uma situação de comunicação;
- b) os MDs são unidades independentes que não fazem parte da estrutura sintática da oração;
- c) a dissociação sintática do MD em relação à frase tem como mais um indicativo a pausa prosódica demarcativa, bem definida em casos delimitados por nítida curva entoacional com rebaixamento de tom no final da unidade, por exemplo;
- d) os MDs têm alta frequência no espaço textual.

Essas considerações de Risso *et al.* (2002) mostram a pertinência de se analisar alguns casos de construções que passam por gramaticalização como casos de emergência de MDs, como Traugott; Dasher (2001) fazem com *indeed*, do inglês.

Segundo os autores, há três nuances de significado desse item, marcadas por 1, 2 e 3. O significado do advérbio *indeed*<sub>1</sub>, aparentemente o primeiro estágio do item, é *em ação, em prática*, pois o que está em ação ou em prática é aquilo que é verdadeiro, que se pode observar. Daí, uma aproximação de *em ação/em prática* com *em verdade*. Já o significado de *indeed*<sub>2</sub>, surgido no século XIV, é epistêmico, pois o falante se compromete com a verdade da proposição. Com esse significado, o item costuma vir no meio ou no fim da frase, significando, aproximadamente, *de fato*. Para *indeed*<sub>3</sub>, já como MD, o sentido epistêmico é marginal. Com esse uso, o falante assinala acréscimo de um argumento, como se a frase introduzida pelo item fosse uma tradução mais apropriada do que acabou de ser dito e, seu significado é *além do mais*. São interessantes as observações dos autores sobre a liberdade

crecente do item quanto à colocação na sentença, conforme ele vai se tornando um marcador. Em alguns casos, localizados na transição do *indeed*<sub>2</sub> para o *indeed*<sub>3</sub>, o efeito do item era de ênfase, a qual podia recair sobre um outro item ou sobre a sentença. Hoje, nota-se essa ênfase em expressões como *very much indeed* ('muitíssimo verdade').

Traugott e Dasher (2001), tendo em vista uma análise que conjuga sincronia e diacronia, elaboram para *ideed* a seguinte trajetória de mudanças semânticas:

Meaning	ano: 1300	1450	1600	1850	2000
Indeed <sub>1</sub> "in the act" (RA) +> "in the truth"	_____				
Indeed <sub>2</sub> "in truth" (EA) +> "in addition"	_____				
Indeed <sub>3</sub> "what's more" (DM)	_____				

RA= advérbio de aspecto

EA= advérbio epistêmico

DM= marcador discursivo

Adaptado de Traugott e Dasher (2001, p. 165)

Em Traugott (1997), encontramos o seguinte *cline*, relacionado à emergência de MD a partir de advérbios:

*advérbio interno à sentença* > *advérbio sentencial* > *partícula discursiva*

Como se vê, esse *cline* permite analisar elementos que, apesar do processo de mudança por GR, mantêm-se dentro da mesma categoria gramatical, no caso, os advérbios. Entende-se, portanto, esses casos como GR porque muda-se o escopo do advérbio, que antes contemplava um item da sentença e posteriormente passa a escopar a sentença toda. Para além desse comportamento, Traugott prevê que o item pode passar a ser uma partícula discursiva, destinada a marcar uma atitude dentro do contexto de interação, o que se vê, por exemplo, no caso de *of course*, estudado por Wichmann et al. (2010) e explicado mais adiante.

De acordo com o último *cline* mostrado acima, um advérbio desloca-se de sua usual posição interna na oração, na qual tem um escopo estreito, para assumir um escopo mais amplo, enquanto advérbio sentencial, avaliando pragmática e semanticamente o conteúdo da proposição. Nessa trajetória de mudanças, chama a atenção o fato de que, em algumas línguas, como é o caso do inglês e também do português, esse *cline* envolve um aumento do escopo e da liberdade sintática e não o estreitamento de escopo ou a restrição do item a uma posição, como costuma ser atestado em trabalhos sobre GR (cf. LEHMANN, 1982).

Para Traugott (2003), é necessário acrescentar algumas características ao processo de mudança por GR quando se enfocam as transformações semântico-pragmáticas de um item:

(i) o aumento de pragmática: os itens envolvidos no processo se movem ao longo de um *cline* que parte de funções referenciais em direção às chamadas funções não-referenciais, ilustrando um movimento unidirecional que parte, portanto, da referência original, específica e concreta, em direção ao aumento de referências gerais e abstratas”; (ii) a (inter)subjativização: crescente associação do significado com as atitudes do falante e do ouvinte.

Unindo os mecanismos reconhecidamente responsáveis pela GR àqueles que operam especificamente em MDs, Traugott (1997) propõe outras mudanças, que vêm a ampliar o escopo da GR:

- i) Descategorização: itens lexicais como *deed*, *fact* e *side* se transformam em sintagmas preposicionais;
- ii) A ligação dentro do sintagma: *deed* e *fact*, por exemplo, uniram-se a *in* e *side* uniu-se a *be*;
- iii) redução fonológica: a pronúncia das expressões pode sofrer redução, lembrando a não obrigatoriedade desse mecanismo;
- iv) Generalização: o significado generaliza no sentido de que a polissemia torna disponível a expressão para mais contextos;

- v) aumento da função pragmática: expressões como as analisadas vão se afastando de sua referência mais concreta para se aproximar de uma referência cada vez mais geral e abstrata;
- vi) Subjetivação: tornam-se cada vez mais associadas à atitude do falante;

Essa maneira de abordar a emergência de MDs reforça o discurso como ingrediente essencial no processo de mudança. Podemos entender, a partir de Traugott (2003), que existem razões não somente para incluir os MDs na teoria da GR, como também para manter a unidirecionalidade, ainda que repensada de maneira a contemplar casos em que o item caminha de classes mais fechadas para aquelas mais abertas, isto é, mais ligadas à situação comunicativa, pois o que ocorre é o desenvolvimento de construções altamente específicas via estratégias de uso no discurso, ou seja, um *cline* em que a sintaxe, via fortalecimento pragmático no discurso, transforma-se em uma sintaxe com funções diferenciadas.

Continuando a observação de trabalhos que enfocam casos de GR que acometem não um item, mas uma expressão ou sentença, o trabalho de Wichmann *et al.* (2010) é relevante, porque trata de uma construção que, segundo as autoras, é típica da fala no inglês britânico e vem passando por processos de mudança em vários níveis: a expressão *of course*. Dentre esses níveis, aquele que vem sendo menos estudado, tanto para essa construção como para outras que também dão origem a MDs, é o nível fonológico. Por isso, é objetivo de Wichmann *et al.* (2010) associar a mudança semântica à GR e às transformações referentes aos aspectos prosódicos da construção enfocada, associação que acreditamos ser também relevante para a análise de nossos dados.

Como na maioria dos trabalhos sobre emergência de MDs, as autoras buscam analisar de que maneira os usos de *of course* de hoje se aproximam do perfil inicial da expressão, nascida a partir da idéia de curso, isto é, “caminho tomado, por exemplo, por um rio”. Concordando com Traugott (1989), para quem os MDs têm claramente uma função

discursiva, tanto no sentido de que organizam partes do discurso como no sentido de que sinalizam a postura do falante/ouvinte diante do que é dito, Wichmann *et al.* (2010) acrescentam que, no uso dos MDs, ocorre um tipo de heteroglossia (ou heterogeneidade) discursiva, pois, muitas vezes, eles deixam entrever a “voz” do falante em conjunto com “outras vozes”, outros discursos do mundo extralinguístico, fenômeno que acreditamos ser de grande relevância para a mudança por GR. A atuação em contextos que revelam maior comprometimento do falante já vem sendo atestado em casos de GR, portanto o componente discursivo, quando abordado em consonância com outros aspectos do processo, acaba por ser revelador do funcionamento que o item em questão passa a ter quando a GR se instaura.

Sobre o que entendem por aspectos prosódicos do MDs, as autoras apostam na recorrência de um padrão de entonação, assinalando que se há uma forma de realização que se repete nesses itens, é correto pensar que tal realização tem uma função. Outra consideração relevante é aquela que considera que palavras lexicais, portadoras de maior informatividade, tendem a ter mais proeminência prosódica, sendo acentuadas, o que sugere que as palavras mais gramaticais têm menor potencial de receber acento. Mais uma vez, retoma-se a idéia do enfraquecimento semântico que ocorre com os MDs, entendido em termos apenas de afastamento do sentido inicial que o item tinha. Itens assim estariam mais para gramaticais do que para lexicais, tendo, portanto, menor potencial de receber acento, reconhecendo-se a relação dessa diminuição com a rotinização do item. Vale mencionar que as autoras trazem de Halliday e Hasan (1976) a ideia de associar acento à tonicidade e não-acento à redução prosódica.

O cerne da pesquisa de Wichmann *et al.* (2010) são os fatores semântico-pragmáticos de *of course*, e, para contemplá-los, as autoras buscam em Holmes (1988) a ideia de que *of course* consiste em um sinal de que o falante está ciente de que aquilo que ele fala é familiar

ou tido como certo por seu ouvinte, funcionando como enfatizador da validade do que é dito. A partir dessa idéia, Holmes distingue duas nuances de sentido: o impessoal e o confidencial.

O primeiro é mais presente em discurso público, por exemplo, no discurso político, pois quando *of course* surge nesse tipo de contexto, aquele que o utiliza quer dar idéia de que o conhecimento introduzido pelo item é compartilhado por todos, ou seja, é uma informação presente no repertório de todos que o ouvem. Já o uso de *of course* como elemento confidencial é mais utilizado em contextos de interação íntima, já que marca um conhecimento compartilhado pelos participantes de uma situação específica.

Em ambos os casos, o item pode indicar polidez e consideração, já que pressupõe que o ouvinte é sabedor de algumas coisas, e ao mesmo tempo, funciona como manipulação, pois dá ao locutor o direito de atribuir a todos a responsabilidade pelo teor de sua fala, já que, de certa forma, todos conhecem e concordam com a informação proferida. Entra aqui a questão da heteroglossia (nos termos Bakhtinianos), ou heterogeneidade, como é mais conhecida na linguística brasileira, a idéia de muitas vozes compondo determinada informação, como ocorre nas afirmações introduzidas por *of course*.

Tendo isso em mente, três significados são atribuídos a *of course*: (i) aquele mais ligado àquilo que *of course* significava no início (*cours, curso natural de algo*), o qual tem, portanto, uma nuance mais epistêmica, (ii) um mais interpessoal e subjetivo, que se apresenta como um sinal de que as informações veiculadas em um discurso são compartilhadas pelos envolvidos e, (iii) um significado indeterminado.

Em ocorrências como (05), a idéia original, de curso natural das coisas, ainda se presentifica, pois se trata de uma declaração (I Love poetry) que se presume a partir de outra (I studied english all my life), como se fosse um resultado esperado.

- (05) A: You always read poetry presumably  
B: Yes always

I lectured in english in Durham University and uhh... Well I studied English all my life so *of course* I love poetry<sup>3</sup>

(WICHMANN *et al.*, 2010, p.124)

Nesse caso, o fato de o falante B ser bastante versado no idioma, o que sugere que ele é também leitor assíduo, acaba por ter como resultado natural o gosto pela poesia, assim como ele mesmo expressa por meio de *of course*.

Já no exemplo abaixo, verifica-se o significado de *of course* como conhecimento compartilhado, que, segundo as autoras, poderia ser parafraseado pela expressão “você sabe” ou “todo mundo sabe disso” fortemente epistêmico.

- (06) The British obsession with class is quite remarkable.  
 We persuade ourselves quite against all evidences that it perverts our social political and economic life. Foreigners believe this too.  
 He for exampleis Helmut Schimidt’s famous quote at nineteen seventy-five  
 He said as long as you maintain this damn class-ridden society of yours you will never get out of your mess  
 But Britain is more or less the same class structure as most advanced industrial societies a declining working class and expanding midlle class (...)  
 Now in spite of this the British class system is regarded as peculiar. And it certainly would be peculiar if all the myths about it were actually true but *of course* trey’re not.  
 (WICHMANN *et al.*, 2010, p.126)<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> A: Você sempre leu poesias então

B: sim, sempre. Eu fiz palestras em inglês na universidade Durham toda a minha vida, então *é claro* eu amo poesia

<sup>4</sup> A obsessão britânica com as classes é bastante notável, nós nos convencemos de que somos contra qualquer evidência de mudança em nossa vida social, política e econômica.

Aqui se coloca a famosa citação de Helmut Schmid de 1975. Ele disse que enquanto se mantiver essa sociedade de classes cheias de erros nunca se vai sair da bagunça.

Mas a Grã-Bretanha, como a maioria das sociedades industriais avançadas, tem declínio da classe trabalhadora e expansão da classe média (...)

Agora, prega-se que a estrutura de classes britânica é realmente peculiar. Seria mesmo peculiar se todos os mitos sobre isso fossem realmente verdade, mas *é claro* eles não são.”

Há casos vistos pelas autoras como indeterminados, pois há tanto o sentido de curso natural das coisas como o sentido de “como podemos presumir” ou “como você sabe”. O exemplo em (07), extraído das autoras, ilustra tal ideia.

- (07) I come back to...Dumas every so often and read The Count of Monte Cristo or The three Musketeers things like that.  
And every so often I come back to them and... *of course* they get dog-eared and so on<sup>5</sup>

(WICHMANN *et al.*, 2010, p.128)

As análises de Wichmann *et al.* contribuem tanto para a explicitação da natureza do marcador *of course* no inglês britânico quanto para os estudos sobre a mudança linguística de MDs. Em uma abordagem que valoriza questões discursivas, o trabalho sugere para o item uma trajetória que inclui perdas e ganhos: em termos estritos, pode-se dizer que *of course* enfraquece seu sentido original, ao mesmo tempo, porém, ganha em significância pragmática por passar a evidenciar a atitude do falante diante do que é dito. Mais do que isso, *of course* torna-se capaz de estabelecer a dialogicidade no discurso, indiciando, em alguns casos, o conjunto de vozes que sustentam determinada informação, dividindo com a audiência a responsabilidade pelas considerações feitas por quem fala.

Para exemplos similares de GR de construções, não se pode deixar de mencionar os casos de *I think* e *I guess* do Inglês, analisados por Thompson e Mulac (1991) como resultantes da GR de expressões epistêmicas encaixadoras de proposição em epistêmicos parentéticos, via frequência de uso, como no exemplo.

- (08) *I think* Ø exercise is really beneficial, to anybody.  
'Eu acho exercícios são benéficos para todos.'

---

<sup>5</sup> “Eu sempre volto a Alexandre Dumas... coisas como O conde de Monte Cristo ou Os três mosqueteiros...coisas assim  
Eu muito frequentemente volto a eles e *é claro* eles ficam com orelhas e tal...”

Para os autores, casos como esse são versões gramaticalizadas de construções complexas com encaixamento de uma oração que, com o tempo, perde os traços oracionais e transforma-se em uma expressão com natureza de marcador de posicionamento do falante sobre o que é dito.

Na análise de Thompson e Mulac (1991), as evidências sugerem que as construções [sujeito + verbo] ocorrendo sem complementizador são reanalisadas pelos falantes como expressões externas à frase, com liberdade sintática, que funcionam semelhantemente a outras expressões epistêmicas, como *maybe*. Para os autores, a mudança de *I think* envolve a combinação perifrástica de [sujeito + verbo], tornando-os um só elemento, o qual se comporta como um elemento da categoria advérbio. Os autores levam em conta o estudo de Underhill (1988), para quem *that* só é apagado quando o sujeito da cláusula complemento é o tópico do discurso e é mantido quando o sujeito da oração principal é o tópico. A hipótese inicial era a de que haveria relação entre a frequência de uso, aferida em dados de língua falada, e o aparecimento das formas na gramática.

Assim, para justificar a mudança, os autores recorrem aos dados quantitativos, constatando a preferência por *I think* e *I guess* nos contextos em que qualquer epistêmico poderia aparecer. Para justificar a predominância dos itens, Thompson; Mulac evocam o princípio da *especialização*: a função de um elemento gramaticalizado se estreita, o que faz com que a variedade de formas para expressar a mesma função se estreite. *Think* e *guess* são também os verbos mais propensos a ocorrer sem complementizador. As condições de frequência para gramaticalização são favoráveis: os dois verbos mais frequentes são também os mais frequentes quando ocorrem sem complementizador. No caso de *I think*, 90% das ocorrências selecionadas pelos autores já vêm sem esse mecanismo.

Os autores explicam que, para considerar a emergência desses parentéticos como caso de GR, não se deve adotar uma visão estrita sobre tal fenômeno. A legitimidade dessa análise

apóia-se na consideração de GR como processo de emergência e fixação de construções na gramática da língua, como nesses casos, em que sintagmas mais lexicais, no caso, verbos, vão adquirindo um uso mais especializado e cada vez mais ligado a um contexto que se repete.

Aparece ainda na análise dos autores a consideração dos outros quatro princípios de Hopper (1991): (i) *divergência*, que ocorre justamente quando *I think* e *I guess* começam a se diferenciar de seu uso prototípico, (ii) *estratificação*, com a distribuição complementar das formas em variação, ou seja, uma forma começa a aparecer mais em um contexto e sua variante em outro, (iii) *persistência*, já que as nuances iniciais do significado de *I think* ainda aparecem em sua forma mais gramaticalizada e (iv) *descategorização*, pois a construção, baseada em categorias mais lexicais, passa a fazer parte de uma categoria mais gramatical.

Os autores concluem que epistêmicos parentéticos, no inglês, são formas gramaticalizadas de [sujeito + verbo] introduzindo cláusula complemento. As formas foram reanalisadas como advérbios parentéticos (semelhantes a *maybe*) e tais particularidades, presentes na gênese desses itens, indica que eles devem ser tratados como uma subcategoria gramatical adverbial.

Com a mesma visão ampla sobre o fenômeno da GR, no português do Brasil, podemos destacar o trabalho de Gonçalves (2003), que estuda o processo de mudança que opera no verbo *parecer*. O autor analisa, a partir de dados sincrônicos e diacrônicos do português brasileiro, os diferentes usos de *parecer*, buscando estabelecer relações entre eles.

Gonçalves identifica cinco tipos de construções com esse mesmo item, as quais evidenciam um caminho de mudanças assim representado:

Parecer<sub>1</sub> (predicado verbal) > Parecer<sub>2</sub> (suporte da predicação / operador modal) > Parecer<sub>3</sub> (predicado de atitude proposicional) > Parecer<sub>4</sub> (quase-satélite atitudinal) > Parecer<sub>5</sub> (satélite atitudinal)

Segundo o autor, o uso mais concreto de parecer, o *parecer*<sub>1</sub>, que tem como significado “ter a mesma aparência de”, possui uma “base ‘evidencial’ (lato sensu), pois parte de uma constatação e de um julgamento do falante acerca de estados de coisas observáveis no mundo” (GONÇALVES, 2003, p.101). No entanto, esse uso do verbo, devido a suas propriedades sintático-semânticas, não apresenta valor modal ou evidencial (stricto sensu).

(09) *Parecer*<sub>1</sub>

Fica uma delícia (est) Fica uma delícia ... que (inint) Não fica aquele – fica cajuzinho cre/ caramelo, [o amendoim] fica *parecendo* um caramelo.

Nos casos de *parecer*<sub>2</sub>, o verbo perde o estatuto de predicado, funcionando como cópula-suporte, ainda que possa conservar seu primeiro sentido, de “ter semelhança de” ou “ter a aparência de”. Todavia, em *parecer*<sub>2</sub>, a comparação e a avaliação acontecem entre uma entidade referencial e uma ideia do falante, e não entre duas entidades referenciais como no primeiro caso. Além disso, *parecer*<sub>2</sub> possibilita uma interpretação modal objetiva (não-certeza, probabilidade) ou ainda uma interpretação evidencial, uma vez que, em alguns desses usos, pode-se considerar que o falante se revela fonte da informação contida no conteúdo proposicional.

(10) *Parecer*

[E e F vêm falando sobre a política nacional]

E: o senhor me *parece* uma pessoa bem politizada mesmo, né?.

Em *parecer*<sub>3</sub> há a especificidade do encaixamento de conteúdo proposicional. Com relação a *parecer*<sub>2</sub>, *parecer*<sub>3</sub> sofre reanálise sintático-semântica e passa a subcategorizar não apenas predicções do tipo estado, mas também outros tipos de complementos (finitos ou não-finitos). Nos casos de *parecer*<sub>3</sub>, destacam-se os valores evidenciais e epistêmicos desse uso: ao mesmo tempo em que o falante se mostra como fonte da inferência expressa pelo verbo, ele se descompromete com o valor de verdade da proposição, que é apresentada como provável/possível.

(11) Parecer<sub>3</sub>

D: você conhece por acaso as ( ) ... as ( ) do hipódromo?

L: do hipódromo? Há um negócio que se chama aras... agora [o aras me *parece* que não é no hipódromo]... é o local onde o cavalo é cuidado... é tratado...

Os casos de *parecer* que se encontram mais gramaticalizados são caracterizados como satélites atitudinais com valor adverbial e se diferenciam por propriedades formais: *parecer<sub>4</sub>* funciona como um quase-satélite e *parecer<sub>5</sub>*, como um satélite. Com relação a seus valores semânticos, Gonçalves afirma que são os mesmos de *parecer<sub>3</sub>*, apenas os meios categoriais são diferentes. Segundo o autor, “os casos de *parecer<sub>4,5</sub>* equiparam-se a satélites de atitudes proposicionais, que atuam diretamente na camada proposicional, a exemplo de *parecer<sub>3</sub>*” (GONÇALVES, 2003, p.122). Ao utilizar um satélite do tipo *parecer<sub>4,5</sub>*, o falante avalia o conteúdo proposicional ou parte dele, dependendo da localização do item na oração. A diferença entre *parecer<sub>4</sub>* e *parecer<sub>5</sub>* reside na presença do complementizador “que”, presente em 4 e ausente em 5, mecanismo que pode marcar com clareza o constituinte escopado. O uso mais gramaticalizado de *parecer*, *parecer<sub>5</sub>*, além de ser caracterizado pela ausência do complementizador “que”, mostra-se completamente independente do ponto de vista sintático no enunciado modalizado, podendo ocorrer em diferentes posições.

(12) Parecer<sub>4</sub>

[o pedágio passou para *parece que* setenta cruzeiro a partir de dia prime- depois de amanhã].

(13) Parecer<sub>5</sub>

Naquele tempo não se tomava uísque tomava-se chope então tinha um barrilzinho de cho:pe uns... uns sanduíches... [naquele tempo devia ser presunto e queijo ... *parece*] ...eu não me lembro bem ((risos)) mas devia ser assim.

A GR, processo de mudança, primeiramente, entendido como a transformação de palavras lexicais em palavras gramaticais, pode explicar casos em que os indícios de mudança estão mais evidentes em alterações na função de itens e não em sua estrutura. Partimos da

hipótese de que vamos lidar, principalmente, com fenômenos que levam itens mais internos à sentença a se transformarem em itens mais externos ou intercalados, daí a ideia de denominá-los como parênteses.

A essa mudança de estatuto alia-se o aumento da expressão de subjetividade, já que a parentetização, embora interrompa o curso de desenvolvimento de um tópico sem constituir outro, funciona, dentre outras coisas, como mecanismo de negociações entre os falantes, acerca da situação comunicativa, de seus papéis e do discurso que vai se construindo dialogicamente. Acreditamos, assim como os autores acima, na possibilidade de enxergar esses processos como GR, o que permite analisar nossos dados à luz desse fenômeno.

## CAPÍTULO 2: COMBINAÇÃO DE ORAÇÕES E MUDANÇA LINGUÍSTICA

### 2.1. Combinação de orações

Assumimos uma perspectiva funcional para o tratamento das orações completivas em posição de sujeito, o que implica adotar a mesma visão para o próprio fenômeno da complementação. Isso significa que consideramos, na relação entre a oração principal e a oração complemento, não só os critérios sintáticos de dependência/independência, mas fatores de ordem semântica e discursiva. Tais fatores serão aqui expostos a fim de que se visualizem, primeiramente, como se dá essa articulação e, em seguida, o que ocorre nos casos em que ela se enfraquece.

Nas gramáticas tradicionais, as relações de subordinação podem ser estabelecidas com base em três tipos de construções subordinativas: a) aquelas que têm função equivalente a SN complemento da matriz; b) aquelas que funcionam como modificador adjetival de um SN integrante da sentença matriz; c) aquelas alocadas na posição de modificador adverbial da sentença matriz (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 598). Os estudos alinhados a essa abordagem consideram, em sua maioria, que a subordinação depende de critérios mais formais, baseados na dependência ou independência sintática entre as orações. De modo geral, consideram as orações subordinadas como aquelas que representam uma função sintática na oração principal.

A visão da gramática tradicional seria suficiente para explicar a natureza das orações subordinadas substantivas subjetivas não fosse a necessidade de considerar mais do que fatores sintáticos para a combinação de orações, assim como graus de (in)dependência entre as sentenças. Para isso, uma outra abordagem da combinação de orações é a que propõe uma visão tripartite dos mecanismos, adotada, por exemplo, por Hopper e Traugott (1993). Os autores observam a união das orações sob a perspectiva da gramaticalização, mostrando que

alguns itens linguísticos que passam a ser usados na conexão de orações são bons exemplos desse tipo de mudança, como os dois casos de *that* exemplificadas em (01).

- (01) That there will be an earthquake within the decade that Will destroy the whole town is likely.  
 ‘É provável **que** dentro de uma década ocorra um terremoto **que** destruirá a cidade.’

(HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 175)

Para os autores, a oração complexa é constituída por mais de uma oração. A oração que pode ficar sozinha é chamada de “núcleo”. Uma oração complexa, portanto, consiste de um núcleo e um ou mais núcleos adicionais; ou de um núcleo e uma ou mais “margens”, que são orações relativamente dependentes, que não podem sustentar-se sozinhas, no entanto, apresentam diferentes graus de dependência. Entre as orações margens, podem-se distinguir semanticamente três tipos: as que desempenham função de nome (chamadas de orações completivas), as que desempenham a função de modificadores do nome (chamadas de orações relativas) e as que desempenham função de modificador do verbo ou de proposições (chamadas de orações adverbiais).

A união das orações surge, inicialmente, de dois núcleos separados e autônomos que são mutuamente relevantes, podendo consistir de vários núcleos que são justapostos sob um contorno entonacional, mas sem nenhum segmento que indique a relação gramatical entre eles, ou da combinação de núcleos e margens em que a relação é altamente condensada. Há um contínuo das formas de ligação: *parataxe*, ou independência relativa, *hipotaxe*, marcada pela interdependência, e *subordinação*, marcada pela completa dependência.

Esses modos de combinação de orações se definem por traços que mostram o grau de relação sintática e semântica entre elas:  $\pm$  dependência,  $\pm$  encaixamento, como segue mostrado abaixo.

parataxe -dependente -encaixada	>	hipotaxe +dependente -encaixada	>	subordinação +dependente -encaixada
---------------------------------------	---	---------------------------------------	---	---

(Adaptado de HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p.178)

Os autores também propõem um esquema que contém as propriedades relevantes para a união das orações, como segue.

parataxe (independência)	_____	hipotaxe (interdependência)	_____	subordinação (dependência)
núcleo	_____		_____	margem
mínima integração	_____		_____	máxima integração
máxima ligação evidente	_____		_____	mínima integração evidente

(HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 171)

A esse esquema se aliam explicações sobre propriedades semânticas, sintáticas e pragmáticas da união de orações. A parataxe se caracteriza pela relativa independência e integração mínima entre as orações, a hipotaxe, por relativa independência e grau intermediário de integração, e a subordinação apresenta o máximo de dependência e de integração entre as sentenças. Pouco desenvolvido na proposta dos autores está o reconhecimento de que, mesmo no pólo da subordinação, existem estruturas mais gramaticalizadas do que outras, o que evidencia que o escopo do fenômeno da GR vai além de itens lexicais.

Já em Lehmann (1988), encontramos uma divisão semelhante à de Hopper e Traugott (1993) no que diz respeito à divisão dos tipos de oração, porém, com o acréscimo da ideia de que a ligação entre orações pode vir a se enfraquecer.

O autor define, basicamente, dois tipos de união já conhecidos da tradição: *subordinação* e *parataxe*. A subordinação é considerada como a forma de unir as orações, e se divide em dois tipos: (i) *Hipotaxe*, que pode ser entendida como subordinação de orações num sentido restrito, em que não é exigido nenhum expediente sintático ou morfológico; (ii) *Encaixamento* (embedding), que é a dependência do sintagma subordinado.

A *parataxe* é a coordenação de orações, mecanismo que pode ocorrer por recurso a uma conjunção ou não, o que dá origem as diferenciações entre coordenadas sindéticas e assindéticas.

Mais do que dividir os tipos de oração, Lehmann (1988) propõe parâmetros que podem levar o complexo oracional a se tornar uma única sentença, processo denominado de *dessentencialização*. Os parâmetros são os seguintes:

- i. o “rebaixamento” hierárquico da oração subordinada;
- ii. nível sintático da oração principal e subordinada;
- iii. “dessentencialização” da oração subordinada;
- iv. gramaticalização do verbo principal;
- v. entrelaçamento das duas orações;
- vi. grau de explicitação da união.

(LEHMANN, 1988, p.183)

Os parâmetros dados acima determinam que sejam analisados três outros fatores envolvidos na combinação de orações: a autonomia ou a integração das orações, sua expansão ou sua redução e o isolamento ou a ligação entre as duas sentenças. Dentre esses fatores, destacaremos os dois últimos, uma vez que as ideias anteriormente discutidas já dão conta da integração de orações.

O tratamento das construções com orações subjetivas como estruturas que, possivelmente, passam de bioracionais a mono-oracioanais mostra, evidentemente, algum

tipo de redução da sentença. Os fatores que determinam essa possível redução são a dessentencialização da oração subordinada e a gramaticalização do verbo da principal.

No processo de redução, uma estrutura perde propriedades de oração, configurando-se como caso de *dessentencialização*. Enfocando as orações subordinadas, Lehmann (1988) diz que componentes da oração que permitem fazer referência a estados-de-coisas específicos são abandonados e, com o tempo, a oração subordinada adquire, cada vez mais, propriedades nominais. Ao final de um processo de nominalização, a oração torna-se um constituinte nominal ou adverbial da oração matriz. Há também vários componentes semânticos e gramaticais que devem ser observados quando, aparentemente, se está diante do fenômeno da dessentencialização, tais como perda de força ilocucionária e da expressão de modo, de tempo, de aspecto ou de outros actantes e circunstanciais.

Primeiramente, observa-se que a oração subordinada não pode, normalmente, ter uma força ilocucionária própria, com exceção das relativas explicativas. Não tendo força ilocucionária, a oração subordinada já se mostra mais dependente e mais vulnerável a se tornar um elemento da matriz, para Lehmann. É importante, para nós, observar de que forma o parâmetro *força ilocucionária* se apresenta no fenômeno analisado, já que, em nosso caso, a oração supostamente portadora da força ilocucionária é que se dessentencializa.

O autor mostra que se deve observar também em que medida a estrutura da oração principal impõe determinada configuração para a subordinada no que diz respeito a tempo, modo e aspecto. Intimamente ligados com a força ilocucionária, certos tempos e modos verbais, como o subjuntivo, já deixam clara a impossibilidade de a oração ter maior independência, daí sua facilidade para se dessentencializar.

Finalmente, a dessentencialização afeta a estrutura argumental do verbo da oração. A predicação expressa em uma oração dependente se perde e, simultaneamente, o sujeito do verbo dessa oração subordinada torna-se oblíquo ou é completamente perdido, o que significa



predicado governante, mesmo esse sendo de natureza adjetival, dá origem a um outro tipo de estrutura bem diferente da original.

Assim, fica claro que há duas maneiras de uma sentença complexa reduzir-se a uma simples: primeiro, pode haver dessentencialização da oração subordinada, transformando-a em um componente simples da oração principal. Segundo, pode haver gramaticalização do predicado matriz. Em ambos os casos, o predicado subordinado torna-se um componente da oração principal: no primeiro caso, um dependente, no segundo caso, o seu verbo principal. Lehmann (1988) propõe as transformações que podem levar um verbo principal a um estágio avançado de GR.

Predicado independente -----	operador gramatical
Verbo lexical    verbo evidencial    verbo modal    auxiliar    afixo derivacional/gramatical	

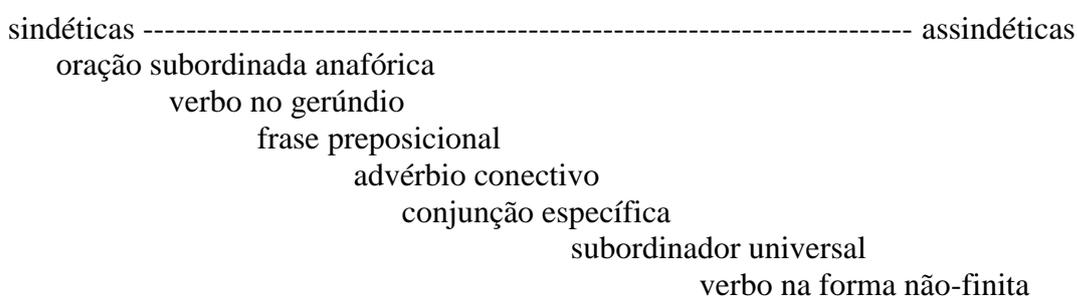
Gramaticalização do verbo principal (LEHMANN, 1988, p. 204)

Acreditamos ser possível, a partir das ideias de Lehmann (1988), observar casos de DC em outros tipos de estruturas, ainda que não se implementem por completo todos os aspectos mostrados pelo autor, que só prevê a GR do verbo matriz e a DC da subordinada. A partir de nossos dados, advogamos que os parâmetros podem contemplar casos em que ocorre a GR, não de um verbo matriz, mas de um predicado de outra natureza como os adjetivos. Da mesma maneira, os fatores que levam uma oração subordinada a se dessentencializar (restrição de força ilocucionária, de certos tempos e modos) podem ser aplicados à matriz, a fim de explicar também quando essa última se dessentencializa, como já propusera Gonçalves (2004). Os fenômenos responsáveis pela DC da matriz hão de ser diferentes daqueles que promovem a DC da subordinada, sendo nosso objetivo compará-los, justificando a hipótese de que matrizes adjetivais de orações subjetivas passam por processo de mudança no qual se pode enxergar uma espécie de dessentencialização. É com essa compreensão que

abordaremos as construções com orações subjetivas que vem passando por processo de mudança linguística.

O grau de interligação entre a oração matriz e a encaixada se determina por meio dos fatores *entrelaçamento* e *explicitude da união*. Com relação ao aspecto semântico, as duas proposições compartilham elementos, como o predicado, tempo e aspecto e participantes. Para nosso objeto de estudo, interessa o compartilhamento de tempo e aspecto, já que as orações matrizes compostas por cópula e adjetivo não expressa participantes sujeitos, o que restringe a verificação de uma possível correferencialidade entre sujeitos da matriz e da subordinada. O tipo de compartilhamento a ser verificado diz respeito ao tempo-modo e aspecto da oração subordinada, que são parcialmente ou completamente determinados por propriedades semânticas da oração principal.

Lehmann (1988) mostra, por meio do esquema reproduzido abaixo, que o vínculo entre as duas orações pode estar expresso ou não. Interessa-nos o fato de que o autor diferencia as conjunções específicas, destinadas a marcar relações semânticas mais definidas entre as sentenças, do que ele chama de *conector universal*, que não expressa uma relação semântica mais precisa. Atribuímos ao *que* essa função em português e observamos que, no contínuo de Lehmann (1988), esse expediente de articulação reforça o quão dependente da matriz é a subordinada.



Explicitude da união das orações (LEHMANN, 1988, p. 213)

Esse último fator, visto em consonância com o que trata da DC da oração subordinada, será crucial para a explicação dos mecanismos que possibilitam a mudança linguística que opera em construções com orações subjetivas encaixadas em matriz adjetival. Na descrição da possível mudança que envolve as orações subjetivas, estarão em jogo o grau de vinculação entre matriz e subordinada e o quão explícita está essa ligação. A depender desses critérios, pode-se ter a DC da matriz, processo que dará à oração subordinada o *status* de absoluta e à antiga matriz uma condição de perda estrutural, mas de ganho pragmático.

## 2.2. As completivas em posição de sujeito

### 2.2.1 Estudos sobre orações subjetivas no português

No PB, já há trabalhos que enfocam as orações subjetivas e que são relevantes pela forma como estudam as mudanças linguísticas nelas presentes. Gonçalves (2001) refere-se à combinação “oração matriz + oração encaixada” como orações complexas subjetivas (OCSs) e as subordinadas como orações encaixadas subjetivas (OESs). Enfocando aquelas com matriz adjetival, considera-se que elas podem estabelecer relações com a OES por meio de verbos como *ser*, *parecer*, *tornar*, *ficar*. É o que se pode constatar nos exemplos abaixo, retirados de Gonçalves (2001).

- (02) Há muitos anos a meticilina não existe mais no mercado brasileiro. **É bom** que se frise isso.
- (03) **Parece impossível** falar mais e melhor sobre a ação do meio.
- (04) **Torna-se imperativo**, ao contrário, estabelecer as premissas científicas e políticas que sustentam as diversas práticas arqueológicas (...)

O predicador adjetival pode ser expreso, em alguns casos, por uma locução prepositiva (SPrep) de natureza adjetival, como se vê em (05).

- (05) Nesse propósito **é de justiça** assinalar também (...)

(GONÇALVES, 2001, p. 186)

A estrutura mostrada em (06) representa os casos de OCSs em cuja matriz se encaixa um OES; constituintes entre parênteses são mutuamente exclusivos.

- (06) [OCS [ matriz verbo copulativo + (SA) (SPrep) [OES]]]

(GONÇALVES, 2001, p. 186)

Apesar dos subtipos de OCS existentes, em Gonçalves (2001, p. 187) encontramos as seguintes propriedades comuns a todas elas:

- a) a OES sempre ocorre à direita da oração matriz (posição não-marcada);
- b) é possível a ocorrência da OES na forma finita ou não-finita;
- c) O verbo da matriz aparece na 3ª pessoa do singular e na maioria das vezes no tempo presente do indicativo;
- d) a oração matriz codifica sempre uma avaliação do falante sobre o conteúdo das OES.

Por meio da observação de traços que definem a prototipicidade das orações encaixadas subjetivas, Gonçalves (2001) conclui que as OCSs prototípicas são aquelas cujo predicado é um adjetivo, prevalecendo os valores epistêmicos e deônticos, a serem discutidos mais adiante. Por serem as mais típicas dentre as orações encaixadas subjetivas, as orações com predicado adjetival provavelmente são as mais utilizadas, fator que tem grande importância para estudos que envolvem o fenômeno da GR, pois a ampliação dos padrões de uso pode ter reflexos sobre a funcionalidade da construção.

Em trabalho que analisa fatores formais e semânticos de maneira conjugada, Gonçalves (2009) apresenta o comportamento das orações subjetivas no português, com base na análise de três parâmetros: (i) natureza categorial do predicado matriz, (ii) valor semântico do predicado matriz e (iii) formato da oração encaixada.

Para o autor, estruturalmente, a definição de construções encaixadas se completa por referência às posições argumentais que elas ocupam no período, o que se define pela estrutura argumental do predicado no qual a construção se encaixa: em posição de primeiro argumento, caso das subjetivas, em posição de segundo argumento, caso das objetivas ou em posição de terceiro argumento, caso em que geralmente aparecem as objetivas indiretas.

Observando as orações subjetivas diacronicamente, o autor mostra, dentre outros aspectos, que matrizes de natureza adjetival alcançam uma certa estabilidade sintática só a partir do século XIX, passando a subcategorizar, predominantemente, orações na forma não-finita, o que indicia maior integração e o processo de GR (GONÇALVES; SOUSA, 2012). É interessante observar que, no referido período, as construções com orações subjetivas mais típicas passam a ter o formato de algumas das que analisamos neste trabalho, as quais já são mais gramaticalizadas. Se o formato típico dessas construções é, a partir do século XIX, *ser+ adjetivo+ oração subjetiva não-finita*, e essa já é uma forma mais gramaticalizada, podemos nos perguntar se elas continuam a se gramaticalizar ou se há uma outra estrutura que é alvo de mudança hoje.

Gonçalves *et al.* (2008) analisam, dentre outros fatores, as classes semânticas dos predicados adjetivais, das quais selecionamos aquelas que, em uma observação prévia dos dados, revelaram-se mais propensas a encaixarem orações subjetivas: Atitude Emocional, Avaliativos, Modalidade Epistêmica, Modalidade Deontica e Volição.

Os predicados de Atitude são meios pelos quais o falante expressa, em relação ao conteúdo da sentença, avaliação mais baseada em seus sentimentos, emoções e sensações.

(07) e eu lembro que eu gostava muito de andar ali... tinha as ruas eram assim é:: você só tem o asfalto na rua mesmo na calça/ a:: na rua só... num existe calçada...a calçada geralmente é areia ou terra mesmo (...) eu gostava de olhar era *gostoso* andar à noite... à noite você queria... tinha aquele... o vento gostoso da praia...(AC 84, L. 159)

Os Avaliativos descrevem uma avaliação subjetiva do falante em relação a um estado-de-coisas. Entendemos que esse tipo de predicado está menos ligado a algum tipo de sensação, portando uma avaliação que, apesar de subjetiva, baseia-se em aspectos diferentes dos sentimentos do falante.

- (08) É *importante* destacar, é claro, o belo show que deu a escola de samba carioca Grande Rio. (FSP, Renato Kramer: *delírios carnavalescos*. 06/03/2011)

Os predicados de valor epistêmico indicam graus de certeza do falante mediante uma proposição, ou a possibilidade de realização de um estado-de-coisas. Já os predicados de valor deôntico caracterizam eventos em termos do que é obrigatório ou permitido dentro de um sistema de convenções morais, legais ou sociais. Esse tipo de modalidade é utilizado para definir regras gerais de conduta. Predicados epistêmicos e deônticos são representados em (09) e (10), respectivamente.

- (09) Quando se fala do fim da literatura, trata-se do fim de um tipo de literatura: aquela da modernidade. É *evidente* que algo mudou, e muito, na esfera literária. (FSP, *O longo adeus a literatura*. 10/07/2011)
- (10) Pelas regras da Academia, é *proibido* "falar de modo negativo ou depreciativo de um filme concorrente". (FSP, *Produtor que pediu votos para "Guerra ao Terror" por e-mail é banido do Oscar*. 02/03/2010)

Já os predicados de Volição indicam que a realização do estado-de-coisas da sentença encaixada é objeto de vontade/desejo do experienciador. Quando orientada para o próprio estado-de-coisas, caracteriza eventos em termos do que é genericamente desejável ou indesejável. Nagamura (2011) traz o exemplo abaixo.

- (11) Muito pelo contrário, é extremamente *desejável* que assim o faça.

Outro aspecto muito relevante analisado pelos autores e que ajudará também a explicar o fenômeno tomado como nosso objeto de estudos é a ordem das sentenças encaixadas. Entendendo posição como o lugar ocupado por modificadores em relação a um núcleo,

definem-se línguas de anteposição, que antepõem não o núcleo, mas os seus modificadores, e línguas de posposição, que posicionam os modificadores depois do núcleo, como é o caso, respectivamente, do japonês e do português (GONÇALVES *et al.*, 2008). De ordem mais geral, esse primeiro princípio universal explica também a organização da sentença completiva em relação ao núcleo, ou predicado matriz, que ela modifica. No português do Brasil (PB), por exemplo, a encaixada ocorre em posição posposta ao predicado matriz, mas essa ordenação pode ser influenciada por outros fatores. Pode-se dizer que quanto mais complexo (ou mais “pesado”) é um constituinte, maior é sua tendência a aparecer à direita. Apoiando-se em autores como Dik (1989), Gonçalves *et al.* (2008) explicam essa tendência através de dois princípios, que valem de modo geral para toda e qualquer língua. O primeiro desses princípios é mais geral; o segundo, mais específico, pode ser considerado como detalhamento do primeiro.

**Princípio geral de Ordenação:**

Há uma preferência para sequenciar os constituintes em ordem de complexidade crescente, que é definida pelo princípio específico abaixo:

**Princípio específico de Ordenação:**

A complexidade categorial se estabelece da seguinte forma:

- i. clítico <pronomes < SN < sintagma adposicional <sentença subordinada;
- ii. para qualquer categoria X: X < X co X;
- iii. para quaisquer categorias X e Y: X <X [sub Y].

DIK (1989, p. 45)

Os fatores mencionados como possivelmente influentes na ordenação das sentenças são de ordem discursiva, como relevo discursivo, focalização etc. Assim, os autores consideram que “nas ocorrências do *cópus* é quase categórica a ordem da sentença encaixada em posição posposta à matriz, fato que permite identificar esta posição como a não-marcada das subordinadas substantivas no português culto falado.” (GONÇALVES *et al.*, 2008, p. 1056). O fato de as subordinadas substantivas não-finitas não constituírem, no contexto do

discurso, informação nova, constitui um aspecto de ordem pragmática que contribui para que ocupem a posição que é típica de constituintes portadores de informação dada.

As sentenças subjetivas distribuem-se entre a forma finita e não-finita, ligada ao modo como essas sentenças se conectam às suas respectivas matrizes. Na forma finita, o verbo da sentença encaixada recebe marcas de flexão de tempo e modo, e na forma não-finita, o verbo da encaixada ocorre em uma de suas formas nominais possíveis (infinitivo, gerúndio ou particípio). Um fator relacionado à forma da oração subjetiva é a classe semântica do predicado encaixador. Gonçalves (2009, 2012) e Gonçalves *et al.* (2008) assinalam a preferência de predicados Epistêmicos encaixarem orações finitas enquanto aqueles com valores Deônticos preferem as não-finitas. Predicados de Avaliação e Atitude Emocional podem encaixar igualmente os dois formatos.

A natureza semântica do predicado tem influência também sobre o estatuto da sentença encaixada, pois pode exigir construção com estatuto de evento (estado-de-coisas), construto mental ou crença (proposição) ou, ainda, ato de fala. Predicados com valor modal epistêmico encaixam proposição, enquanto os de Avaliação e modalidade Deôntica tendem a encaixar estado-de-coisas (GONÇALVES, 2009).

Assim como para Gonçalves *et al.* (2008), a natureza semântica dos predicados com os quais lidamos será ponto importante dessa pesquisa, o que nos impõe observar mais atentamente o campo das modalidades, que permite muitas abordagens.

Dentre essa diversidade de abordagens, adotaremos a de Hengeveld (1988, 2004). Em Hengeveld (1988), encontramos os tipos de modalidade assim estipulados: inerente, objetiva e epistemológica. O autor propõe um modelo de descrição das modalidades que toma por base as camadas de organização da oração<sup>6</sup>, tal como formulada pela Gramática Funcional (DIK, 1989, 1997).

---

<sup>6</sup> A Gramática Funcional assume que cada oração pode ser descrita em termos de uma estrutura abstrata subjacente, à qual correspondem as expressões lingüísticas de um sistema de regras de expressão, que

A *modalidade inerente* é definida como "todos aqueles meios linguísticos pelos quais o falante pode caracterizar a relação entre um participante em um Estado de coisas e a realização potencial do mesmo" (Hengeveld, 1988, p.233). Por meio dessa modalidade, são expressas as relações de habilidade, volição<sup>7</sup> e algumas instâncias da obrigação e da permissão, sendo que "as distinções feitas dentro desse tipo de modalidade são internas ao estado-de-coisas<sup>8</sup> e a única forma possível de dar expressão a essas distinções é o uso de um número limitado de predicados", como *estar apto para, saber como fazer algo, ter que fazer algo* etc (HENGEVELD, 1988, p.234).

A *modalidade objetiva* é definida como "todos aqueles meios linguísticos pelos quais o falante pode avaliar a realidade de um Estado de coisas em termos de seu conhecimento dos Estados-de-coisas possíveis". Hengeveld estabelece uma subdivisão da modalidade objetiva, ao considerar que o conhecimento no qual o falante baseia a sua avaliação pode ser dos seguintes tipos: i) conhecimento de situações possíveis obtidas na concepção da realidade ou de situações hipotéticas que o falante tem ou ii) conhecimento de situações possíveis relativas a algum sistema de regras morais, legais ou sociais. Nesse contexto, o conhecimento do falante sobre situações possíveis é o padrão para sua avaliação epistêmica, que se aloca no eixo do conhecimento, ou deôntica, relacionada à conduta, sendo que se leva em consideração os conhecimentos do tipo (i) ou o do tipo (ii), respectivamente.

Pode-se perceber que dentro da modalidade objetiva se alocam as noções de certo e de obrigatório, sendo que ambas se definem pelo conhecimento que o falante tem sobre os Estados-de-coisas do mundo. Se todos os Estados-de-coisas conhecidos contém aquele

---

determinam a forma, a ordem e o contorno prosódico dos constituintes da estrutura subjacente. Tal estrutura é complexa e abstrata e contém várias camadas de organização formal e semântica.

<sup>7</sup> A depender do autor e da visão da linguagem ao qual se filia, a volição pode se constituir como um tipo de modalidade propriamente dita ou, então, estar inserida em outros valores modais, como acontece com relação à volição e à modalidade deôntica. Em se tratando de volição, assim como Casimiro (2007), defendemos como mais uma modalidade, não como um subtipo da modalidade deôntica. A volição liga-se a valores como vontade, desejo, intenção, esperança, promessa e a outros do campo do *querer*.

<sup>8</sup> Estado-de-coisas é "a ideia de algo que pode acontecer em algum mundo", mesmo que seja o mental. Um EsCo pode ser delimitado no tempo e no espaço, tem certa duração e pode ser visto, sentido ou percebido.

avaliado pelo falante, então ele o define como certo ou como obrigatório. Se apenas alguns Estado-de-coisas contêm aquele por ele referido, então ele passará a avaliá-lo como possível, ou como permissível, sempre levando em conta os tipos de conhecimento (i) e (ii).

Já a *modalidade epistemológica* é definida como "todos aqueles meios linguísticos pelos quais o falante pode expressar seu comprometimento em relação à verdade da proposição". Para Hengeveld o grau de comprometimento do falante com o conteúdo apresentado tem relação com a fonte desse conteúdo. Assim, o autor subdivide a modalidade epistemológica em Subjetiva, que abarca as diferentes nuances da modalidade Epistêmica (certeza, dúvida), e Evidencial, sendo que a Evidência pode chegar ao falante por meio de inferência, citação ou experiência.

Como podemos notar, neste modelo de Hengeveld, a modalidade Epistêmica está contida dentro do domínio da modalidade Objetiva e também dentro do domínio da modalidade Epistemológica-Subjetiva. A diferença entre modalidade subjetiva e modalidade objetiva está no fato de a origem de uma proposição modalizada subjetivamente não poder ser questionada, uma vez que o falante é o enunciador da informação e também sua fonte, o que quer dizer que o evento é um construto (pensamento, crença, fantasia) do próprio falante, que é a fonte da informação.

Uma consideração importante de Hengeveld (1988) é que os adjetivos geralmente dão expressão à modalidade objetiva e os advérbios, à modalidade subjetiva. Hengeveld (1988) mostra que se pode questionar (12).

- (12) É possível que João venha  
É possível que João venha?

mas não se pode questionar (13)

- (13) Possivelmente João vem

\*Possivelmente João vem?

Da mesma maneira, a modalidade subjetiva não permite hipotetização e a negação, e a fonte da informação nela contida não pode ser questionada, enquanto a modalidade objetiva permite tais operações.

- (14) Se é possível João vir, então vou para casa.
- (15) \* Se possivelmente João virá, então vou para casa.
- (16) \* Impossivelmente João virá.
  
- (17) É possível chover amanhã  
Quem disse?
- (18) Possivelmente chova amanhã  
Quem disse?

A reação proposta em (18), “quem disse?”, parece estranha, pois o advérbio *possivelmente* claramente vincula a consideração feita pelo falante a ele mesmo, ou seja, ele é a fonte da afirmação veiculada.

Quando utiliza o que Hengeveld (1988) chamou de modalidade Evidencial, o falante, embora faça um julgamento sobre a informação contida na proposição, pode não se apresentar como a fonte dessa informação. Assim, na modalidade Evidencial inferencial, o evento é caracterizado como sendo inferido a partir de uma evidência, na modalidade citativa, o evento é relatado a partir de uma outra fonte, e na modalidade experiencial o evento é caracterizado como sendo experienciado por uma fonte.

Como já se disse, para Hengeveld (1988), a estrutura da oração em camadas permite identificar o escopo da avaliação realizada por meios modais e evidenciais. Enfocando os modalizadores, observamos que eles podem qualificar uma proposição, ou seja, um construto mental, ou um estado-de-coisas. É possível analisar que, dentro do quadro das modalidades estabelecido por Hengeveld, as modalidades inerente e objetiva se alojem na camada da

predicação<sup>9</sup> e a modalidade epistemológica, na camada da proposição<sup>10</sup>. Sobre tal afirmação, Neves (2002, p. 186) mostra que:

(...) no modelo de estrutura oracional proposto por Dik (1989) e Hengeveld (1989), observa-se que os valores modais relacionados aos eixos do conhecimento e da conduta são classificados de acordo com o nível estrutural em que se inserem. Assim, a modalização do eixo da conduta situa-se no nível da predicação enquanto a modalização do eixo do conhecimento pode se dar tanto no nível da predicação como no nível da proposição. Enquanto no nível da predicação se expressa o estatuto de realidade de um estado de coisas, no nível da proposição o que se expressa é o comprometimento do falante com relação à verdade do que se diz.

Visualizam-se melhor essas considerações no quadro abaixo, idealizado por Dall’Aglío Hattner *et al.* (2001).

MODALIDADE	FUNÇÃO	NÍVEL	EXPRESSÃO
Inerente	Caracterizar a relação entre um participante e um EC	Interno ao EC	Predicados
Objetiva	Avaliar a realidade de um estado-de-coisas	Predicação	Predicados encaixadores e operadores
Epistemológica	Expressar o comprometimento do falante com relação à verdade da proposição	Proposição	Predicados encaixadores, operadores e satélites

Quadro 2: Relação entre modalidade, função, nível e forma de expressão (DALL’AGLIO HATTNER *et al.*, 2001)

Sobre a modalidade deôntica, encontramos em Lyons (1977) a idéia de que ela é sempre derivada de uma fonte ou causa: “Se X reconhece que é obrigado a realizar algum ato,

<sup>9</sup> A construção de uma frase requer um predicado que se aplique a um certo número de termos, sendo que dessa relação surge a predicação. Os predicados designam propriedades ou relações, os termos indicam as entidades e as predicções designam um conjunto de estado de coisas.

<sup>10</sup> Uma proposição é designadora de um fato possível, coisas em que as pessoas dizem acreditar, conhecer ou pensar, pode ser mencionada, negada, rejeitada, lembrada, avaliada em termos de sua verdade ou falsidade.

então, geralmente, existe alguma coisa ou alguém que ele reconhecerá como sendo responsável pelo fato de X ter a obrigação de agir dessa forma” (p.824). Este agente responsável pela ação de X pode ser uma pessoa, uma instituição ou um corpo de princípios morais e legais.

Quando atentamos para a modalidade que ocorre no eixo do conhecimento (epistêmica), além da função e do nível de estruturação da sentença, observa-se também outro fator: a fonte da informação a partir da qual o falante faz sua avaliação. Adentramos assim no que Hengeveld chamou de Modalidade Evidencial, categoria de base pouco consensual na sua relação com a modalidade epistêmica.

Segundo Dall’Aglio-Hattner (1995), a relação entre modalidade epistêmica e evidencialidade transfere o foco da discussão para a fonte de conhecimentos do falante. Se o falante sugere que apenas ele conhece ou teve acesso à evidência a partir da qual conclui, ele assume uma responsabilidade estritamente pessoal para a qualificação modal. Por outro lado, se o falante sugere que a evidência é conhecida e acessível à comunidade da qual ele e, possivelmente, seu ouvinte, fazem parte, ele assume uma responsabilidade partilhada com todos aqueles que tiveram acesso à evidência a partir da qual se estabeleceu a conclusão. Para Nuyts (1993 *apud* DALL’AGLIO HATTNER, 2001) no primeiro caso temos qualificação subjetiva e no segundo, intersubjetiva.

Embora seja aceita a ideia de que a evidencialidade está na base de toda qualificação modal epistêmica, optamos por partir da hipótese de que o sentido que se superficializa em dados como os nossos é a modalização epistêmica.

Para ampliar as possibilidades de análise da classe semântica dos adjetivos, utilizaremos também o estudo de Sousa e Gonçalves (2012), que definem a natureza de predicados matrizes de orações subjetivas, contemplando grande número de nuances. Dentre elas, destacamos a Atitude Mental, que pode ocorrer com predicados adjetivais, os quais

mostram alguma operação ligada ao campo da compreensão ou do conhecimento sobre um estado-de-coisa. A ocorrência (19) exemplifica essa classe semântica.

- (19) É *sabido* que em muitas tipografias do Brasil há excelentes máquinas de impressão iguais às que se usam nos melhores estabelecimentos congêneres do mundo; empregam-se as mesmas tintas, os mesmos papeis, os mesmos tipos, os mesmos clichês, e no entanto não se obtêm os mesmos resultados. (*A educação pública em São Paulo, XX*)

Ainda sobre classes semânticas, interessa-nos o estudo de Castilho e Castilho (2002), que definem subclasses para os advérbios modais. Acreditamos que a análise desses advérbios também pode nos ajudar a explicar a mudança linguística que aparentemente ocorre com os adjetivos encaixadores de orações subjetivas, já que, ao se gramaticalizarem, é o comportamento adverbial que esperamos encontrar. Os autores dividem os advérbios nas seguintes subclasses: 1) *modalizadores epistêmicos*, que abarcam os *asseverativos*, os *quase-asseverativos* e os *delimitadores (hedges)*, 2) *modalizadores deônticos* e 3) *modalizadores afetivos*, divididos em *subjetivos* e *intersubjetivos*. Os subjetivos marcam uma predicação dupla: a do falante em face da proposição e a da própria proposição, ao passo que os intersubjetivos expressam uma predicação simples, assumida pelo falante em face do ouvinte a propósito da proposição.

São exemplos de epistêmicos asseverativos os advérbios *realmente*, *evidentemente*, *naturalmente*, *efetivamente*, *obviamente*, *reconhecidamente*, *logicamente*, *seguramente*, *certamente*, *absolutamente*, *verdadeiramente*, *forçosamente*, *indiscutivelmente*, *inegavelmente*, *incontestavelmente*, *exato*, *claro*, *lógico* e outros. É interessante observar que esses autores, de antemão, já enquadram itens como *claro* e *lógico* dentro do grupo dos advérbios e essa questão está no cerne do nosso interesse de pesquisa.

Nos quase-asseverativos, encaixam-se *talvez, assim, possivelmente, provavelmente e eventualmente*, os quais, na classificação de Neves (2000), corresponderiam a adjetivos de eventualidade. Os delimitadores que Castilho e Castilho (2002) trazem como exemplo são *quase, um tipo de, uma espécie de, em geral, em princípio, fundamentalmente, basicamente, praticamente, do ponto de vista de, geograficamente, biologicamente, historicamente, profissionalmente e pessoalmente*.

Exemplos de advérbios modais deônticos apresentados por esses autores são: *obrigatoriamente e necessariamente*. Já os de modalização afetiva subjetiva incluem *felizmente, infelizmente, surpreendentemente e espantosamente* e os intersubjetivos, *sinceramente, francamente, lamentavelmente e estranhamente*.

Explicitados os mecanismos envolvidos na relação de complementação e os fatores (de todos os níveis) que podem levar tal relação a se enfraquecer, voltamo-nos para as especificidades sintático-semânticas das orações completivas em posição de sujeito, já que elas são, para nós, alvo de uma mudança linguística no português atual. Dentre essas especificidades, destacamos a natureza semântica dos adjetivos encaixadores de orações subjetivas, interligando várias nuances possíveis, a fim de captar que tipo de sentido vem se automatizando no português brasileiro via GR.

### CAPÍTULO 3: UNIVERSO DA PESQUISA E METODOLOGIA

Nossa pesquisa pretende elucidar o processo de mudança linguística que vem ocorrendo com as orações completivas em posição de sujeito com matriz adjetival, considerando que em alguns casos sua configuração é aquela que se vê em (01c-g), ocorrências presentes no banco de dados Iboruna.

- (01) a. **É melhor** brincar com quem sabe (AC 07, 170)  
 b. **É lógico** que depois de alguns meses a mãe dele descobriu (AC 55, 81)  
 c. **Melhor** deixar do jeito que eu tava imaginando (AC 10, 196)  
 d. **Lógico** que Deus escuta o que a gente pede (AC 51, 489)  
 e. **Lógico** quem é RUIM... fez alguma maldade tem que pagar (AC 51, 522)  
 f. Tem que estudar sim **claro** (AC 22, 636)  
 g. Aí a assistente social **lógico** chegou à conclusão que eu num seria uma boa mãe (AC 25, 16)

Os dados apresentados em (01) mostram os diferentes padrões de ocorrências que interessam a nossa pesquisa. Em (01a) temos o padrão típico da oração completiva subjetiva, funcionando como argumento de uma oração matriz composta por *ser* + *adjetivo*, padrão que se repete em (01b), diferenciando-se apenas pelo formato da oração encaixada: em (01a), ela é infinitiva e, em (01b), é finita. Já em (01c) e (01d) ocorre um tipo de construção que começa a dar pistas de um processo de mudança linguística envolvendo essas construções: a ausência do verbo *ser*, quer se trate de oração encaixada infinitiva (01c) quer se trate de oração encaixada finita (01d). Em (01e), além de não apresentar o verbo cópula, a construção, que ainda mantém traços da estrutura composta por matriz + completiva, como a ordem, também não apresenta o complementizador *que*. Nesse caso, o adjetivo ganha nova função, sem o elemento que o articula a sua oração subjetiva, porém há um outro expediente marcando essa

relação, o qual será discutido adiante. Em (01f) e (01g) parece ocorrer o mais alto grau de mudança verificado no complexo que envolve as orações completivas em posição de sujeito, qual seja, a mobilidade do adjetivo que se configurava como matricial nas construções anteriores, além da ausência da cópula e do complementizador. Em casos como esses últimos, o adjetivo sem cópula adquire comportamento de modificador, seja da oração como um todo ou de apenas um item dela, evidenciando, portanto, a mudança linguística. Fundamentais nessas três últimas configurações é a manutenção do traço de finitude da oração.

### 3.1 Seleção dos *corpora*

Os *corpora* que foram selecionados para a presente pesquisa são provenientes de fontes diversas: (i) para investigação do fenômeno na modalidade falada do PB contemporâneo, empregamos as amostras de fala do banco de dados Iboruna, de responsabilidade do Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), que registra o português falado na região de São José do Rio Preto (GONÇALVES, 2007); (ii) como representantes da modalidade escrita contemporânea do PB contemporâneo, selecionamos um conjunto de textos da versão *online* do jornal *Folha de São Paulo*; e, (iii) para a investigação diacrônica, compusemos um *cópus* que inclui textos técnicos e peças de teatro dos séculos XVIII, XIX e XX, encontrados na base de dados lexicográficos da UNESP de Araraquara e em outros ambientes, como a biblioteca Brasileira Usp.

Optamos por realizar pesquisa baseada em *corpora* devido à natureza de nosso trabalho, o qual, por se aliar à vertente funcionalista para os estudos da linguagem, nos impõe a descrição da língua em uso real, tanto na fala quanto na escrita, já que essas modalidades não se excluem, mas se completam, em um contínuo composto por traços que as diferenciam, mas também por elementos que as aproximam (KOCH, 2004).

Sobre a pesquisa diacrônica, devido à inexistência de dados de língua falada dos estágios mais anteriores do português brasileiro, optamos por selecionar peças de teatro dos séculos XVIII, XIX e XX, para mostrar o funcionamento desse tipo de construção em um gênero mais próximo da modalidade falada. As peças de teatro, segundo Berlinck *et al.* (2008), mantêm uma relação com o uso da linguagem em situações concretas de enunciação já que, sendo um texto literário, torna possível observar, no conjunto das falas dos personagens, uma tentativa de reprodução da língua falada em uma determinada época, em diferentes contextos. É válido então considerar que, nas peças de teatro, há uma espécie de representação da interação verbal entre usuários da língua, o que não deixa de ser a fala em situações reais de comunicação. Mesmo assim, para o século XVIII, não foram encontradas peças, de modo que tivemos que lançar mão dos materiais disponíveis, no caso, apenas textos técnicos.

Para o recorte temporal do corpus, baseamo-nos nas idéias de Mattos e Silva (2004), para quem o século XIX foi propício a uma “expansão” da língua portuguesa do Brasil, tendo meados do século XVIII como ponto de partida. Assim, a gramática do PB se definiria de meados do século XVIII para o século XIX.

Quanto ao século XVIII, utilizamos todo o material disponível, sendo eles textos técnicos publicados no Brasil ou em Portugal, por autores brasileiros. São eles: *Compêndio narrativo do peregrino da América*, de Nuno Marques Pereira (1760), *O fazendeiro do Brasil*, de José Mariano da Conceição Velloso (1799), *Relação da entrada que fez o excelentíssimo e reverendíssimo Sr. Antonio do Desterro Malheyro*, de Luiz Antonio Rosado da Cunha (1747), e *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, de Matias Aires Ramos da Silva de Eça (1752).

Já para o século XIX, mantendo a gênero disponível no século anterior, selecionamos textos técnicos, mas foi possível também incorporar peças teatrais, entendendo que essas têm alguma relação com a fala.

Os textos técnicos selecionados para o século XIX foram: *Dictames theoretico-practicos para conservar a saúde e preservar a vida*, de Francisco de Mello Franco (1823), *Memórias sobre a cultura do arroz em Portugal*, de José Mariano Veloso (1800), *Diário de uma expedição*, de Euclides da Cunha (1897), e *Manual do agricultor brasileiro*, de Carlos Augusto Taunay (1839). As peças desse mesmo século que nos serviram de material foram: *Leonor de Mendonça*, de Gonçalves Dias (1846), *O noviço e Judas em sábado de Aleluia*, de (Martins Pena (1845 e 1844, respectivamente), *Viagem ao parnaso* e *O Tribofe*, de Artur Azevedo (1890 e 1892, respectivamente).

Para o século XX, selecionamos os seguintes textos técnicos: *História da literatura brasileira*, de José Veríssimo (1916), *O elogio da mediocridade*, de Amadeu Amaral (1924), *A educação pública e São Paulo*, de Fernando de Azevedo (1937), *Caminhos e povoamento do Brasil*, de Capristano de Abreu (1930). Quanto às peças desse século, selecionamos: *O mambembe* e *O dote*, de Artur Azevedo (1904 e 1907, respectivamente), *Deus lhe pague*, de Joracy Camargo (1932), *O oráculo*, de Artur Azevedo (1952) e *O bem amado*, de Dias Gomes (1962).

Convém detalhar também o Banco de Dados Iboruna, que serviu como fonte dos dados de língua falada para nossa pesquisa. O banco de dados foi idealizado dentro do projeto ALIP - Amostra Linguística do Interior Paulista – e teve como objetivo servir como fonte de dados para trabalhos de descrição do português brasileiro, na sua variedade falada no interior do Estado de São Paulo. Sediado na UNESP de São José do Rio Preto, o Projeto ALIP coloca o seu banco de dados à disposição dos interessados<sup>11</sup> na descrição linguística feita a partir de manifestações reais da linguagem inserida no contexto social (GONÇALVES, 2008). O banco foi organizado com amostras de fala da região Noroeste do Estado de São Paulo, mais

---

<sup>11</sup> O banco de dados está disponível em <<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>>.

especificamente, de sete municípios circunvizinhos: Bady Bassitt, Cedral, Guapiaçu, Ipiguá, Mirassol, Onda Verde e São José do Rio Preto.

A motivação para a criação do banco de dados era constituir amostras de fala sistematicamente controladas por variáveis sociais e representativas do dialeto falado no interior paulista, em razão de este ser ainda pouco conhecido em bases científicas, por seus usuários e pelos próprios linguistas.

Trata-se de dados coletados segundo os preceitos da Sociolinguística Variacionista, por meio de gravações de entrevistas, posteriormente, transcritas. Os informantes foram selecionados a partir do cruzamento de quatro variáveis sociais, a saber: (i) sexo/gênero; (ii) faixa etária; (iii) nível de escolaridade e (iv) renda familiar, proporcionalmente distribuídos. As variantes consideradas dentro de cada variável são apresentadas no quadro a seguir.

<b>Variáveis</b>	<b>Variantes</b>
1. Sexo	(1) masculino; (2) feminino
2. Faixa etária	(1) de 15 anos; (2) de 25 anos; (3) de 35 anos; (4) de 55 anos; (5) + 55 anos
3. Escolaridade	(1) 1º Ciclo do Ens. Fundamental; (2) 2º Ciclo do Ens. Fundamental; (3) Ens. Médio; (4) Ens. Superior
4. Renda	(1) + 25 sal. mínimos; (2) 24 sal. mínimos; (3) 10 sal. mínimos; (4) até 5 sal. mínimos.

Quadro 3: Variáveis e variantes controladas na constituição do banco de dados Iboruna

Do cruzamento das variantes resultou um total de 160 células, que definiram o perfil social dos informantes. Excluídas oito células impossíveis de serem preenchidas (faixa etária de 7 a 15 anos X escolaridade *Ensino Superior*), definem-se, então, os 152 informantes, como se verifica no quadro a seguir.

RENDA / GÊNERO		+ DE 25 SM		DE 11 A 24 SM		DE 6 A 10 SM		ATÉ 5 SM		SUB-TOTAL DE INF.	TOTAL DE INF.
FAIXA ETÁRIA / ESCOLARIDADE		MAS	FEM	MAS	FEM	MAS	FEM	MAS	FEM		
7 A 15 ANOS	1º.CEF	001	002	003	004	005	006	007	008	8	24
	2º.CEF	009	010	011	012	013	014	015	016	8	
	E. M	017	018	019	020	021	022	023	024	8	
16 A 25 ANOS	1º.C EF	025	026	027	028	029	030	031	032	8	32
	2º. C EF	033	034	035	036	037	038	039	040	8	
	E. M	041	042	043	044	045	046	047	048	8	
	SUP	049	050	051	052	053	054	055	056	8	
26 A 35 ANOS	1º.C EF	057	058	059	060	061	062	063	064	8	32
	2º. C EF	065	066	067	068	069	070	071	072	8	
	E. M	073	074	075	076	077	078	079	080	8	
	SUP.	081	082	083	084	085	086	087	088	8	
36 A 55 ANOS	1º.C EF	089	090	091	092	093	094	095	096	8	32
	2º. C EF	097	098	099	100	101	102	103	104	8	
	E. M	105	106	107	108	109	110	111	112	8	
	SUP	113	114	115	116	117	118	119	120	8	
+ DE 55 ANOS	1º.C EF	121	122	123	124	125	126	127	128	8	32
	2º. C EF	129	130	131	132	133	134	135	136	8	
	E. M	137	138	139	140	141	142	143	144	8	
	SUP.	145	146	147	148	149	150	151	152	8	
SUB-TOTAL DE INF.	1º.C EF	5	5	5	5	5	5	5	5	40	152
	2º. C EF	5	5	5	5	5	5	5	5	40	
	E. M	5	5	5	5	5	5	5	5	40	
	SUP.	4	4	4	4	4	4	4	4	32	
TOTAL DE INFORMANTES			19	19	19	19	19	19	19		
		38		38		38		38			
		76				76					

Tabela 1: Perfis dos Informantes do banco de dados Iboruna (GONÇALVES, 2007)

As entrevistas que compõem a chamada *Amostras Censo* (AC) do Projeto ALIP foram direcionadas para obtenção de cinco tipos de textos de cada informante, a saber: *narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, relato de descrição, relato de procedimento e relato de opinião*, ainda que não seja possível dividir categoricamente tais tipos textuais nas entrevistas, o que requer que consideramos os tipos pré-definidos apenas em termos de predominância. Todas as entrevistas de AC foram utilizadas na presente pesquisa, não havendo a elaboração de nenhum tipo de subamostra.

Para mostrar como a mudança observada nas orações alvo da pesquisa vem afetando a escrita, foi necessário selecionar um *cópus* atual e representativo, além de acessível. Assim, decidimos analisar textos jornalísticos, mais especificamente, a versão *on line* do jornal *Folha*

de São Paulo (FSP, daqui em diante). Esse material nos forneceu ocorrências como as que seguem.

- (02) a. **Claro que** alguns programas saem melhores do que outros, a depender do desprendimento dos entrevistados e do que têm a contar. (FSP, *Provocações comemora dez anos, 10/10/2010*)
- b. Michelle já estampou várias capas de revista. Vale lembrar que ela é linda, elegante. E, **claro**, magra. (FSP, *Quantas vezes você viu uma gorda em capa de revista? 18/09/2010*)
- c. **Triste** um programa de TV fazer a gente lembrar que ainda tem muita gente que acha que o mais importante é "levar vantagem em tudo" (FSP, *BBB promove revival da Lei de Gerson, 24/01/2011*)
- d. Boninho percebeu, **óbvio**, e vai trocar dois participantes neste domingo por um casal recém-chegado. (FSP, *Afinal, quantos "BBBs" estão no ar 27/01/2011*)

Uma observação preliminar da FSP revelou a presença constante de dados como (02) em todos seus cadernos, porém, chamou-nos a atenção a frequência dessas ocorrências em textos em que possivelmente há menor preocupação com a objetividade e a formalidade, como os artigos de opinião, as colunas, as críticas etc. Considerando que era necessário viabilizar a coleta de dados na FSP, optamos por selecionar ocorrências de apenas um caderno do jornal, e escolhemos a seção *Ilustrada*, na qual os gêneros citados acima são abundantes. Devido ao elevadíssimo número de ocorrências, foi, para nós, importante definir também o intervalo de tempo dentro do qual os dados seriam pesquisados. Assim, decidimos coletar todas as ocorrências de orações subjetivas, nas suas mais variadas configurações estruturais, no período de 01 de janeiro de 2009 até 30 de julho de 2011. Acreditamos que com esse procedimento contemplamos o que há de mais inovador no que se refere ao objeto de nossa pesquisa. Os textos da *Ilustrada* apresentaram grande diversidade de padrões formais para as orações encaixadas em posição de sujeito de matrizes adjetivais. Chama-nos a atenção a

“liberdade” com que são usadas as construções alvo de nossa pesquisa, tal como mostram as ocorrências acima.

### 3.2. Procedimentos de análise

À medida que progrediam as reflexões acerca dos *corpora* que seriam utilizados na pesquisa, era necessário repensar e redefinir os procedimentos para a descrição e análise dos dados. A natureza do trabalho já impunha que adotássemos grupos de fatores, metodologia advinda da Sociolinguística Variacionista. Cabe ressaltar, porém, que os grupos de fatores e suas respectivas variáveis não têm aqui o mesmo enfoque que tem na Sociolinguística. Para nós, tais ferramentas não serviram para medir os pesos de uma variável em relação a outra, mas apenas para que o grande número de ocorrências com as quais lidamos fosse analisado à luz dos mesmos critérios.

A coleta de dados deu-se por meio da leitura e audição das entrevistas do Banco de Dados Iboruna. Cada ocorrência que apresentava a estrutura *ser + adjetivo + completiva* ou qualquer uma de suas formas variantes era selecionada e codificada por meio de símbolos atribuídos a cada fator de análise, já que, posteriormente, os dados seriam processados eletronicamente por meio do pacote estatístico GOLDVARB 2001 (RAND, SANKOFF, 1990) e seus subprogramas, a fim de estabelecer correlações entre as informações apontadas pelos critérios de análise.

Por ocasião da coleta de dados, foi necessário também sistematizar a forma de referência a cada uma das ocorrências. Assim, a sigla AC após cada ocorrência indica que se trata da Amostra Censo do Banco de Dados Iboruna, que comporta também ou segundo tipo

de amostra: as Amostras de Interação (AI)<sup>12</sup>. O número que segue a sigla indica a numeração original das entrevistas definida no banco de dados. Após o número da entrevista, há vírgula e outra numeração, a qual indica a linha em que o dado ocorre. No caso dos dados da Folha de São Paulo, indicamos com a sigla FSP, seguida do título do texto e da data. Para as ocorrências provenientes de corpora diacrônicos, colocamos apenas o nome da obra seguido do século.

### **3.3. Critérios de análise**

#### **1) Presença ou ausência de cópula**

É consenso que uma das maneiras de se construir orações subjetivas é o verbo da oração matriz ocorrer na forma impessoal de terceira pessoa seja ele da classe dos copulativos ou não (BECHARA, 2006; CUNHA, 2001; CARONE, 1988; PERINI, 2001 dentre outros). Além da gramática tradicional, autores filiados a diferentes correntes dos estudos linguísticos também se ocupam da análise da cópula, ora atribuindo a ela mais importância, ora assinalando a irrelevância desse recurso em alguns casos.

Assim, a observação desse aspecto é primordial para nosso estudo, já que, por um lado, consideramos a ausência do verbo *ser* como o primeiro indício dos processos de mudança linguística em curso e, por outro, observamos se a alternância entre construções com cópula e sem cópula tem efeitos de sentido na língua. As ocorrências em (03) exemplificam a presença e a ausência de cópula.

---

<sup>12</sup> Coletada em contextos interacionais livres, ou seja, sem o controle de qualquer variável, e de modo secreto (RONCARATI, 1996). As AI não foram utilizadas em nossa pesquisa porque nem todas estão com boa qualidade de som.

- (03) a. **É impossível** não reparar na criatividade dos estilistas para escolher os temas dos trajes, que representam desde "os encantos dos rios do Estado de São Paulo" ao "melhoramento genético do Mato Grosso". (FSP, *Miss Brasil 2010 diz que investiu no concurso para poder ser ela mesma*. 09/05/2010)
- b. **Impossível** plantar raízes, então; apesar da resistência inicial, Jian se deu conta de que precisava retornar à China. Assim o fez. (FSP, *Escritor perseguido na China discute na Flip questões de seu país*. 29/06/2009)

Consideramos as ocorrências que se constituem de verbo de ligação + adjetivo como as construções prototípicas e, portanto, conservadoras. Já as que apresentam alguma mudança estrutural, seja a ausência do verbo de ligação, a ausência do complementizador ou o possível funcionamento parentetizado do adjetivo da matriz, serão por nós consideradas inovadoras. Encará-las dessa maneira é importante porque estamos em busca de uma resposta para a questão: construções mais gramaticalizadas que aparentemente se relacionam às construções envolvendo matriz adjetival + subjetiva realmente se originam desse complexo oracional ou a GR de alguns adjetivos epistêmicos não se origina de contextos em que eles funcionam como encaixadores? Acreditamos que o cotejo entre as construções conservadoras e as inovadoras pode mostrar em que medida elas diferem ou se assemelham, sendo a alternância da cópula um bom parâmetro para isso.

## 2) Frequência de cada predicado matriz

O parâmetro (2) observa primeiramente quais adjetivos estão encaixando as orações subjetivas, para depois verificar se algum(ns) está(ão) mais especializado(s) nas construções mais típicas e também nas mais gramaticalizadas. É a partir desse fator que, uma vez conhecido o conjunto de adjetivos que aparecem encaixando as orações subjetivas, poderemos controlar a frequência de cada predicado, tanto em construções conservadoras como nas inovadoras. A hipótese é, portanto, a de que há alguns adjetivos encaixadores mais

gramaticalizados do que outros, o que nos leva a dizer que apenas alguns já estão funcionando como parentético. Verificaremos, também, se há diferenças na fala e na escrita, bem como na sincronia e diacronia, quanto aos adjetivos mais envolvidos com o processo de mudança.

### **3) Classe semântica do predicado**

Conforme mostrado em capítulo anterior, os adjetivos que podem funcionar como encaixadores de orações subjetivas ligam-se aos domínios da modalidade ou a algum tipo de avaliação não-modal. Assim, a observação da classe semântica responderá se, de fato, há uma classe mais propícia aos processos de GR e DC. Os predicados matrizes encontrados nos corpora foram agrupadas nas seguintes classes semânticas, possíveis de se manifestarem em adjetivos encaixadores de orações subjetivas:

- 1) Avaliativo
- 2) Modalidade deôntica
- 3) Modalidade Dinâmica
- 4) Modalidade epistêmica
- 5) Atitude mental
- 6) Atitude emocional
- 7) Volitivo
- 8) Frequência

### **4) Posição da oração matriz**

O princípio da complexidade (DIK, 1997) mostra que as orações subordinadas têm como posição não marcada o final da sentença. Nos estudos de Gonçalves *et al.* (2008) sobre as orações subordinadas substantivas, confirma-se a anteposição, ou a posição inicial, como a preferida pelas orações matrizes; logo, a encaixada coloca-se na posição final. Os autores reforçam que as sentenças encaixadas geralmente ocupam posição compatível semanticamente com aquela ocupada pelo respectivo termo simples, o que não se observa, entretanto, para os casos de orações subjetivas, que ocupam sempre a posição final, diferentemente da posição canônica ocupada por sujeito não oracional. Tomando como

exemplo as orações subjetivas, esses autores observam que, em alguns casos, orações subjetivas podem aparecer em posição inicial da sentença. Nesses casos, concorrem tanto o princípio geral de ordenação de constituintes complexos quanto um de ordem pragmática, relacionado ao fluxo do discurso. O fator relacionado ao fluxo do discurso é que, frequentemente, o conteúdo da oração subjetiva já foi enunciado, e, portanto, quando ela é verbalizada, não se constitui como informação nova, como mostra o exemplo abaixo.

- (04) L2 vou de carro... vou de Kombi  
 L1 me desculpe então você tem paciência  
 L2 Não eu tô  
 L1 porque viajar de kombi não é moleza (DID SSA 98)  
 (GONÇALVES *et al.* , 2008, p. 1060)

Nessa ocorrência, a idéia de *viagem* e a idéia de *kombi* já tinham sido enunciadas no diálogo, de modo que a sentença que se coloca como sujeito, na última sequência, não é informação nova. O que vemos aqui é que o fluxo de informação sobrepuja o princípio de ordenação geral, que prediz a posição final para orações complexas.

No presente estudo, interessa-nos a colocação quando a construção conserva sua configuração original, que lhe dá o estatuto de encaixador, em comparação com a ordem que se instaura quando o processo de mudança ocorre. Observamos, assim, fatores que mantêm os elementos em sua posição típica (inicial) e também aqueles que motivam seu deslocamento para as posições medial e final. Os itens em posição final tanto podem fazer parte de uma construção conservadora, como em (05a) a seguir, em que a oração subjetiva vem no início da oração, como podem já ter comportamento de parentético epistêmico. Quando em posição medial, essa última função fica bem marcada, como em (05c).

- (05) a. Entrar numa faculdade **é difícil**... (AC 24, L. 428)  
 b. Porque **he certo** que quem se não contenta com o que tem, vem a perder o que mais deseja. (*Compêndio Narrativo do Peregrino da América, XVIII*)

c. Afora isso houve, **é claro**, a apresentação dos participantes. (*FSP, Renato Kramer: Refazenda, 20/07/2011*)

d. Ela contou isso como uma situação de muito medo assim na vida deles **lógico**... (AC 54, L. 116)

## **5) Forma da encaixada**

### **6) Tempo-modo da oração matriz e da oração encaixada**

Nos estudos sobre combinação de orações, esses dois fatores (finitude das orações envolvidas e seus aspectos modo-temporais) são relevantes por dois motivos principais: primeiro, pela consideração de que a semântica do predicado encaixador determina em alguma medida a forma que deve assumir o predicado encaixado. Segundo, porque as configurações modo-temporais de ambas servem de critério para a análise da integração entre elas, como se apreende em Noonan (1985), Cristofaro (2003), Givon (1990), Lehmann (1988). Para esses autores, uma oração encaixada não-finita é mais dependente de sua matriz do que uma oração finita, pois não há na primeira distinções de tempo, modo e aspecto, fato que impede que seu verbo se constitua como núcleo de uma oração independente. Vista dessa forma, entende-se que uma oração que tem seu verbo finito, ainda que encaixada, tem as mesmas propriedades de uma oração principal (DIK, 1997), enquanto uma oração com verbo no infinitivo tem configuração morfossintática inferior à da sua matriz.

Além disso, não podemos perder de vista o que é proposto por Lehmann (1988), já que orações não-finitas são consideradas portadoras de algum grau de dessentencialização, enquanto aquelas com verbo finito são mais sentenciais. Tal observação tem fundamental relevância em nosso trabalho, pois estamos em busca da elucidação das condições formais dentro das quais uma oração pode perder esse estatuto e levar todo o complexo oracional a se tornar uma construção simples. A hipótese que fundamenta esse grupo de fatores é a de que as

construções com orações subjetivas nas quais a matriz adjetival vem perdendo sua sentencialidade são as que contam com uma subordinada em forma finita.

### 7) Unidade semântico-funcional representada pela oração encaixada

Na gramática funcional de Dik (1989, 1997), a descrição da oração deve ser feita em termos de uma estrutura subjacente da oração, que será representada, na expressão linguística, por meio de um sistema de regras de expressão que determinam a forma, a ordem e o padrão de entonação dos constituintes da estrutura da oração subjacente.

Para cada elemento dessa estrutura subjacente é definida uma variável, que indica o que está sendo designado pelos elementos na estrutura. As variáveis podem ser vistas abaixo:

ORDEM	ESTRUTURA	TIPO	VARIÁVEL
0	Predicado	Propriedade/Relação	f
1	Primeira ordem	Entidade espacial	x
2	Predicação	Estado de Coisa	e
3	Proposição	Fato possível	X
4	Oração	Ato de fala	E

Tipos de entidades referidas por termos (DIK, 1997, p. 93)

Para Dik, os termos de ordem mais alta (e, X, E) podem ser formados por nomes simples ou por termos complexos que contém uma predicação, proposição ou oração encaixada. Ele considera “encaixado” qualquer tipo de termo complexo que está inserido em um *slot* da estrutura. Então, podemos ter um ato de fala encaixado, uma proposição encaixada e uma predicação encaixada, como mostram os exemplos a seguir:

- (06) a. John watched the match.  
 ‘John assistiu à partida’ (refere-se a um evento, entidade tipo “e”)
- b. John knew the fact.  
 ‘John soube do fato’ (refere-se a um conteúdo proposicional, entidade “X”)

- c. John answered the question.  
 ‘John respondeu a questão’ (refere-se a um ato de fala, entidade tipo “E”)
- (07) a. John witnessed the changing of the guards.  
 ‘John assistiu à troca de guardas’ (refere-se a um evento, entidade tipo “e”)
- b. John knew that Mary had failed to show up.  
 ‘John soube que Maria não apareceu’ (refere-se a um conteúdo proposicional, entidade tipo “X”)
- c. John considered why Peter had failed to show up.  
 ‘John ponderou o porquê de Peter não ter aparecido’ (refere-se a um ato de fala, entidade tipo “E”)

(DIK, 1997, p. 94).

As orações subjetivas podem configurar-se como conteúdo proposicional (que, localizado no espaço e no tempo, tem seu estatuto avaliado apenas em termos de verdade) ou como estado-de-coisas (eventos, avaliados não em termos de sua verdade, mas de sua realidade). A consideração que subjaz a esse parâmetro é a de que a classe semântica do predicado matriz define a unidade encaixada: os predicados epistêmicos parecem tender a encaixar proposições (08a) e os demais parecem articular-se majoritariamente com estados-de-coisas, como se vê em (08b), com um Avaliativo.

- (08) a. **É lógico que a criança vai chegar e vai falar que o professor foi mal-educado** (AC 67, 373)
- b. **É muito bom você entrar numa televisão e ser visto por milhões de pessoas.** (AC 35, 78)

## 8) Presença de traços prosódicos relevantes

Com a observação desse aspecto, esperamos explicar como a prosódia atua nas construções em que a cópula da oração matriz, bem como o complementizador *que*, já desapareceram. A hipótese é a de que pausas e mudança de tessitura cumprem o papel de

assinalar a relação entre as orações sempre que a construção já se encontra sem esse mecanismo de ligação (*que*), ou seja, quando já se encontra mais gramaticalizada.

Em Biber *et al.* (1999 *apud* WICHMANN *et al.*, 2010), por exemplo, vemos que os graus de integração entre uma oração e um marcador podem ser aferidos conforme expresso por aspectos prosódicos e por marcadores específicos na escrita. Quando há uma clara marcação prosódica e ortográfica, eles são mais adequadamente tratados como constituintes não oracionais, já que pode haver, entre o parentético epistêmico e as porções textuais circundantes, pausa prosódica demarcativa, bem definida em casos delimitados por nítida curva entoacional com rebaixamento de tom no final da unidade.

Para Castilho (2010, 2011), esses adjetivos são adjuntos adsentenciais, pois “tomam como escopo toda a sentença, funcionando como um hiperpredicador adsentencial, localizado fora das suas fronteiras” (p. 518). Tratando mais especificamente dos Epitêmicos, o autor mostra que eles se situam fora da oração, incidindo sobre ela como um todo.

A observação desse fator nos permitirá averiguar até que ponto o comportamento do adjetivo matricial que perde suas propriedades de encaixador e passa a ter nova função está identificado com o comportamento de um parentético epistêmico. A comparação entre (09) e (10) mostra a diferença prosódica entre o item que encaixa subjetiva e o item já mais gramaticalizado, nas quais procuramos representar as pausas com (::) e a mudança de tessitura com caixa alta.

- (09) **É claro** que a concorrência com qualquer tipo de pirataria é danosa. (FSP, *Migração de ibope para a TV fechada é menor*. 28/02/2010)
- (10) Eu cuidava d’uma de quatro anos de manhã. Essa num... num tinha problema nenhum normal:: só que tinha que ter aquele cuidado **CLARO::** que era pequenininha (AC 62, 343)

## 9) Presença do complementizador

Já vimos que a presença de um complementizador marcando a ligação entre uma oração completiva e uma oração matriz indica que não há, entre elas, a máxima integração que se pode constatar nessas estruturas. Isso significa que uma construção com oração completiva introduzida por conjunção apresenta menor grau de encaixamento e integração da completiva à matriz do que naqueles casos em que não há nenhum elemento entre elas, caso de orações infinitivas ou de nominalizações encaixadas (HOPPER; TRAUGOTT, 1993; LEHMANN, 1988).

Por meio desse fator, observamos, então, o complementizador em termos de sua presença ou ausência, investigando de que forma esse elemento está envolvido nos processos de mudança que estamos analisando. A hipótese é que a ausência desse nexos seja um mecanismo que viabiliza a mudança de estatuto do item que antes encaixava a oração, como se vê em (11) a seguir.

- (11) Ramsay não faz por menos: sugere demissões, critica pratos, temperos e, **é claro**, a higiene dos locais, que geralmente estão entregues às moscas. (FSP, *Segunda temporada do reality*. 03/05/2011)

Sem *que*, torna-se nítido que *claro* não está encaixando a oração e seu comportamento como parentético epistêmico se evidencia. Por outro lado, é relevante observar, quando da ausência do complementizador típico (*que*), se há outro expediente marcando a relação entre as partes, como a própria prosódia.

## CAPÍTULO 4: PREDICADOS MATRIZES ADJETIVAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Neste capítulo, procedemos à análise das construções com orações subjetivas coletadas no Banco de Dados Iboruna e nos materiais do jornal *Folha.com*, as quais dão conta dos padrões presentes nas modalidades falada e escrita na sincronia atual do português brasileiro. A discussão será encaminhada por meio da descrição dos resultados originados, para a compreensão tanto do perfil das construções com orações subjetivas quanto para a elucidação do possível processo de mudança linguística. Revertemos, assim, os resultados quantitativos em considerações de natureza qualitativa, com vistas a dar um tratamento mais amplo ao nosso objeto de estudos.

Encaminharemos uma discussão que explora as propriedades sintáticas, semânticas e pragmático-discursivas das construções com orações completivas em posição de sujeito, sempre com vistas às mudanças nelas observadas. Detalhar as características dessas estruturas deve nos permitir apontar tendências que expliquem sua trajetória. Utilizando a denominação de Bybee (2002), chamaremos de construções *conservadoras* aquelas que se apresentam com a configuração canônica *ser + adjetivo + oração subjetiva*. Aquelas que se apresentam com alguma modificação dessa estrutura prototípica serão denominadas *inovadoras*.

Nos dados sincrônicos, a modalidade falada foi responsável por um total de 208 ocorrências, enquanto a modalidade escrita rendeu um total de 408 dados. O primeiro ponto a ser observado é quais adjetivos aparecem nos *corpora* atuando como encaixadores de sentenças em posição de sujeito, o que permitirá depreender quais deles ocorrem com as construções inovadoras. O quadro 4 nos mostra quais adjetivos ocorrem em estruturas com orações completivas e suas variantes, na fala e na escrita. Os adjetivos sublinhados são comuns às duas modalidades.

Fala	Escrita
<u>bom</u> , <u>certo</u> , chato, <u>claro</u> , <u>complicado</u> , <u>comum</u> , <u>conveniente</u> , desagradável, <u>Difícil</u> , <u>engraçado</u> , <u>fácil</u> , gostoso, <u>horrível</u> , <u>importante</u> , incrível, injusto, <u>interessante</u> , legal, <u>lógico</u> , <u>melhor</u> , perigoso, <u>permitido</u> , <u>possível</u> , <u>proibido</u> , ruim, sagrado.	Aceitável, agradável, <u>bom</u> , <u>certo</u> , <u>claro</u> , <u>complicado</u> , <u>comum</u> , <u>conveniente</u> , curioso, <u>difícil</u> , <u>engraçado</u> , evidente, estranho, <u>fácil</u> , <u>horrível</u> , <u>importante</u> , impossível, inevitável, injusto, <u>interessante</u> , inútil, justo, <u>lógico</u> , <u>melhor</u> , natural, necessário, nítido, normal, óbvio, <u>permitido</u> , <u>possível</u> , preciso, <u>proibido</u> , provável, raro, triste.
Total= 26 adjetivos	Total= 36 adjetivos

Quadro 4: Predicados matrizes adjetivais de orações subjetivas na fala e na escrita do PB contemporâneo

Podemos perceber, por meio do quadro, que o conjunto de adjetivos matriciais selecionados nos dois *corpora* é amplo e contempla itens de diferentes naturezas semânticas. Tal observação nos ajudou a destacar os predicados que vêm passando pelos processos de mudança, conforme se verá adiante.

Como se observa, a modalidade escrita apresenta maior variedade de tipos de predicados em relação à modalidade falada, numa proporção de 36 tipos/408 ocorrências para a escrita contra 26 tipos/208 ocorrências para a fala; 18 tipos de predicados são comuns às duas modalidades, 18 são próprios da escrita e 8, próprios da fala, o que faz com que se observe a tendência de os tipos de predicados da escrita englobar os da fala, como observa também Gonçalves (2011).

Para a organização da exposição, destacaremos, primeiramente, as considerações referentes à modalidade falada da língua, isto é, advindas da análise do banco de dados Iboruna, focando, em princípio, a descrição do grupo das construções conservadoras e, em seguida, a análise das inovadoras, em que vemos fenômenos indicativos da mudança. Na sequência, passaremos à análise das construções na escrita, com base nos dados da *Folha.com*. Por fim, as considerações referentes a esses dois *corpora* serão associadas a dados diacrônicos do português, a fim de perceber se podemos buscar, na história da língua, indícios do processo de mudança que vimos investigando.

#### 4.1. Construções com orações subjetivas na fala: orações conservadoras

Dentre as 208 ocorrências do *cópus*, 129 se apresentaram matriz na forma canônica [*ser + adjetivo*] seguida de oração completiva, molde tido como um dos mais relevantes para a formatação de orações subjetivas no português, do ponto de vista tanto da tradição gramatical (CUNHA, 2001; BECHARA, 2000, 2006; CARONE, 1988), quanto do da descrição linguística (GONÇALVES, 2001; GONÇALVES *et al.*, 2008; CASTILHO, 2010; NEVES, 2000).

Essas construções conservadoras apresentam a *cópula* na matriz, que, consensualmente, carrega as noções de modo, tempo e aspecto. A opção por analisar a presença de *cópula* antes do adjetivo matricial evidencia o reconhecimento de construções em que ela não aparece. Surge, então, o questionamento sobre a relevância desse mecanismo em português, visto, em algumas discussões teóricas, como dispensável. Tomamos, então, as idéias de alguns autores sobre a presença da *cópula* em construções do português brasileiro.

Bagno (2011), Neves (2000) e outros autores creem que a *cópula* tem significado bastante esvaziado. Há, porém, autores que não apostam nesse esvaziamento semântico, como Cabeza-Pereiro (1997), que, por outro lado, minimiza o papel do adjetivo encaixador de oração subjetiva ao afirmar que eles são “limitados a emitir um juízo sobre a proposição encaixada, que é o real conteúdo da frase” (p. 94). Vemos, no entanto, que a função avaliativa dos predicados com os quais lidamos não é enfraquecida nem tampouco se perde com a efetivação das mudanças linguísticas que vem ocorrendo em construções com orações subjetivas, embora consideremos que, realmente, o conteúdo da oração encaixada tem maior relevância semântico-pragmática do que a qualificação expressa na oração matriz (MACKENZIE, 2008 *apud* SANTANA, 2010).

Defendemos que não é na ausência de cópula que encontraremos aspectos sintáticos ou semânticos para a GR do adjetivo, mas na alternância entre construções em que esse recurso aparece e construções em que ele não é utilizado. Ao mesmo tempo em que há a possibilidade de não utilizar a cópula em algumas construções, a alternância entre construções em que ela aparece e aquelas que dispensam esse recurso é significativa. No caso do presente trabalho, essa oscilação é um dos aspectos que nos permitem enxergar a relação entre as construções conservadoras e as inovadoras, propondo que as segundas são formas em que se vê GR de algum item das primeiras.

Sem sinais dessa GR, há, no corpus analisado, adjetivos que não apareceram em construções com oração subjetivas sem cópula. São eles:

<p>Certo, Ruim, Importante, Legal, Horrível, Incrível          Conveniente, Chato, Injusto, Desagradável, Comum          Sagrado, Permitido, Possível, Proibido.</p>
--

Quadro 5: Predicados matrizes adjetivais de orações subjetivas que não prescindem de cópula na modalidade falada do PB contemporâneo.

Com exceção de *certo*, há um traço comum entre os adjetivos encaixadores desse grupo, o qual é detectado quando se observa sua classe semântica, já que todos são Avaliativos.

O quadro 6 mostra quais classes semânticas mais gerais (*type geral*) de adjetivos ocorrem na modalidade falada investigada e quais tipos específicos (*type específico*) integram cada classe .

<i>Types gerais</i>	Avaliativos	Atitude emocional	Epistêmicos	Frequência	Deônticos
<i>Types específicos</i>	Difícil, fácil, melhor, bom, ruim, incrível, interessante, conveniente, complicado, chato, injusto, sagrado, importante.	gostoso engraçado, legal, horrível, perigoso, desagradável.	Lógico, claro, certo, possível.	comum, difícil,	Proibido, permitido.

Quadro 6: Classes e tipos semânticos de predicados matrizes de orações subjetivas na modalidade falada do PB contemporâneo

A participação de cada classe semântica dentre as construções conservadoras é também relevante, por permitir captar o comportamento predominante de cada grupo.

Classe semântica	Participação dentre as construções conservadoras
Avaliativos	55%
Atitude Emocional	20%
Epistêmicos	17%
Frequência	4%
Deônticos	2%

Tabela 2: Participação de cada classe semântica no encaixamento de orações subjetivas na modalidade falada do PB contemporâneo

A mesma prevalência dos predicados Avaliativos se observa no total de ocorrências do Iboruna, conforme a tabela 3.

Classe semântica	Participação no total de ocorrências no corpus
Avaliativos	34,1%
Atitude emocional	12,5%
Epistêmicos	11%
Frequência	2,8%
Deônticos	1,4%

Tabela 3: Participação das classes semânticas no total de encaixamento de orações subjetivas na modalidade falada do PB contemporâneo

A prevalência de construções com predicados Avaliativos e de Atitude Emocional no grupo das construções conservadoras (prototipicamente encaixadoras) tem relações com a configuração sintática da matriz e da encaixada. Na oração matriz, a natureza semântica do predicado interfere na presença ou ausência de cópula, já que há predicados que tendem a dispensar esse expediente e os que tendem a retê-lo. Ainda nos domínios da matriz, é a semântica de predicado que regula a configuração modo-temporal da cópula, quando ela está presente. Já a influência da semântica do predicado na oração encaixada recai sobre sua finitude e sua configuração modo-temporal (NOONAN, 1985; CRISTOFARO, 2003; LEHMANN, 1988 entre outros).

Em Givon (1990), a combinação de orações pode ser tratada em termos de motivações icônicas. Para ele, quanto mais dois eventos/estados são integrados semanticamente ou pragmaticamente mais as orações que os expressam estarão integradas gramaticalmente. Associando essas idéias à divisão tripartite da combinação de orações (HOPPER; TRAUGOTT, 1993; LEHMANN, 1988; NOONAN, 1985), eventos menos integrados tendem a ser expressos por parataxe, enquanto os mais integrados são lexicalizados de maneira a se afastar do modo paratático.

A integração semântica dos eventos reflete-se fortemente na forma de codificação das orações. São exemplos de Sousa (2007), a esse respeito:

- (01) a. Ana viu que João saiu de casa apressado  
b. Ana viu João sair de casa apressado

Para Givon (1990), em ocorrências do tipo (01b), a simultaneidade da visão que Ana tem e a saída de João marca a maior integração desses dois eventos no mundo real, o que se reflete na codificação linguística em que o segundo evento está mais incorporado ao primeiro, enquanto em (01a), a percepção mental de Ana e a saída de João não são “eventos”

simultâneos e, por isso sintaticamente estão menos integrados, porque o segundo não remete necessariamente a evento do mundo real, mas apenas a uma inferência ou percepção mental baseada em pistas evidenciais: por exemplo, Ana infere/percebe/vê que João saiu de casa apressado porque encontra os óculos dele.

Para as construções analisadas neste trabalho, essa consideração de Givón ajuda a compreender os motivos pelos quais uma oração não-finita é mais integrada a sua matriz, mas não é relevante em termos de compreensão da simultaneidade (ou não simultaneidade) dos eventos, já que nas construções com orações subjetivas encaixadas em adjetivos não há dois eventos, mas um único evento e uma avaliação que incide sobre ele. Em (01a), a completiva conserva as propriedades prototípicas de oração, com verbo finito, estando menos incorporada à matriz. Já em (01b), o infinitivo evidencia que a oração perde suas características usuais, estando mais dessentencializada e, portanto, mais integrada à matriz. Prova disso é que, com essa forma verbal, a oração não poderia ocorrer de forma independente, na forma de oração absoluta, como em *\*João sair de casa apressado*.

Essas considerações são corroboradas por aquelas defendidas por Lehmann (1988), no contexto em que o autor analisa o entrelaçamento entre as partes de um complexo oracional. Tal entrelaçamento pode ser aferido pela observação do compartilhamento de predicados, de tempo, de aspecto e de participantes. Demos atenção especial à idéia de compartilhamento de tempo e aspecto, pois Lehmann (1988) considera que a matriz influencia, até certo ponto, as características de tempo e aspecto da subordinada, já que, quanto mais as orações estiverem integradas, maiores as chances de essa influência ocorrer.

De acordo com certas exigências da oração matriz, a subordinada pode ser estruturada com base em verbo no subjuntivo, no indicativo ou infinitivo. As ocorrências abaixo servem para verificação de tais considerações:

- (02) *é bom* que você tenha assim essa opinião formada (AC 36, L. 367)
- (03) *é lógico* que o cara que vendeu o dono da droga ele vai falar ele vai dar os dia... passou os dias... ele chegar em você (AC 31, L. 178)
- (04) *era melhor* se separar do que continuar brigando... (AC 12, L. 213)

Nas ocorrências acima, percebe-se que a configuração temporal da oração encaixada decorre de exigências semânticas do predicado encaixador. Com o verbo da matriz no presente, o predicado *bom* costuma combinar com expressões *irrealis*, pois há uma relação forte entre o subjuntivo e as expressões não-factuais (GUIRALDELLI, 2005). Já o predicado *lógico* exige como complemento uma expressão com verbo finito no indicativo, dada a forte asserção instaurada pelo item, que não combinaria com um conteúdo menos real. Por fim, o predicado *melhor* em geral admite um complemento menos sentencial, que pode ser uma sequência com verbo no infinitivo, como vemos acima, ou uma sentença com subjuntivo.

Os predicados Avaliativos, maioria dentre as construções conservadoras, em geral, preferem como complemento construções menos sentenciais, isto é, dentro de uma escala de variação que vai de encaixadas plenamente desenvolvidas com verbo na forma finita até aquelas cujo núcleo é um verbo infinitivo ou uma nominalização (SANTANA, 2010). Mais de 65% das estruturas encaixadas em predicados dessa natureza organizam-se em torno de verbo no infinitivo, embora possam encaixar formas mais sentenciais, porém com referência temporal sempre dependente do tempo expresso na oração matriz. A ocorrência em (05) mostra um predicado Avaliativo com um complemento não-finito.

- (05) num foi *fácil* a gente conviver esse tempo todo (AC 133, L. 18)

Esse resultado confirma o que vemos na pesquisa de Moura (2009), que, interessada nas orações subjetivas encaixadas nesse mesmo tipo de predicado, constatou que o infinitivo é a forma preferida, o que indicia alta integração.

Semelhantemente, os predicados de Atitude Emocional encaixam estruturas com verbo no infinitivo, como em (06), denotando, também, maior integração sintática entre as partes.

(06) *é gostoso* acordar assim de manhã e ter aquele negocinho logo cedo (AC 22, L. 279)

Já os predicados de Frequência e os Deônticos apresentam, categoricamente, encaixamento de não-finitas, como se vê em (07) e (08).

(07) No Ratinho passa cada coisa que... Apesar que *é difícil* eu assistir (AC 104, 292)

(08) Não *é permitido* colocar nenhum tipo de cartaz (AC 88, 350)

Na contramão desse comportamento, estão os predicados Epistêmicos, com todas as ocorrências encaixando orações finitas.

(09) *é claro* que tem aquelas pessoas que sabem aproveitar (AC 22, L. 563)

(10) lembrei de um amigo nosso o A. que canta... que é pintor– falei – “bom... vou pedir um prazo pra ele né?”... e e:: consegui a tinta num preço mais barato e aí conversei com o J. que canta comigo na noite... que que ele achava assim desse tom de de laranja que é na moda né?... jogar um tom diferen::te... (essa escala de Ton)... em vez de Ton Maior porque o tom é com N né? num é com M é é de tonalidade ao mesmo tempo é de T... né? maior é porque::... *é lógico que podia ser tom menor também* né?... mas o maior é porque é uma coisa pra frente (AC 109, L. 387)

Os resultados que aqui discutimos relacionam-se aos de Santana (2010). Apesar de seu estudo focar predicados verbais, os predicados classificados em sua pesquisa como de Atitude

Proposicional aproximam-se dos Epistêmicos e só encaixam orações finitas. Em Gonçalves (2012), também encontramos considerações semelhantes às nossas. Em trabalho que analisa a mudança de padrões das orações completivas na história do português, o autor mostra que predicados adjetivais de Avaliação não modal encaixam cada vez mais orações com verbo no infinitivo, assim como os de Frequência e de modalidade Deôntica. Já os Epistêmicos encaixam apenas orações desenvolvidas.

Tendo em mente que o encaixe de orações não-finitas é evidência de maior integração sintática e também do processo de GR, e que há um tipo de predicado que não seleciona infinitivas, já temos pistas sobre o tipo de estrutura que vem se gramaticalizando. Por um lado, os encaixadores Avaliativos, Deônticos, de Frequência e de Atitude emocional envolvem-se em contextos em que a oração subordinada já é menos sentencial e, por outro, os Epistêmicos aparecem em construções com encaixadas mais sentenciais e possível dessentencialização da matriz. Na seção seguinte, essa relação ficará mais bem evidenciada.

Ainda tratando de questões estruturais das construções com orações subjetivas, podemos ver que, em nossos dados, o tempo da matriz é quase categoricamente o presente, que ocorre em 88% das 129 ocorrências. Deve-se destacar que as leituras Epistêmica e Deôntica estão fortemente correlacionadas ao tempo presente da cópula, como se vê nas ocorrências abaixo.

(11) *é lógico* que eu num sou bobo (AC 31, L. 14)

(12) então *não*:... *é permitido* colocar nenhum tipo - DE... cartaz nessa nessa... nessa sala... (AC 088, L. 350)

Predicados Avaliativos permitem o verbo da matriz no presente, pretérito perfeito ou imperfeito:

- (13) quando ela entra *é difícil* tirar ela daQUI... (AC 10, L.387)
- (14) *foi... interessante* ele ter ficado com ela (AC 72, L 236)
- (15) *Era melhor* se separar do que continuar brigando... (AC 12, L. 213)

Os predicados de Frequência permitem, além do presente, o pretérito:

- (16) *é comum* eu fazer faxina (AC 22, L. 417)
- (17) *era difícil...* jogar contra os outros times da região.. (AC 41, L. 90)

Já os predicados de Atitude Emocional podem se combinar com pretérito, além do presente:

- (18) *é gostoso* cê ficar vendo assim um matinho e vaquinha (AC 72, L 334)
- (19) *era gostoso* andar à noite (AC 84, L. 159)

Quando a oração encaixada é infinitiva, como em (16) a (19), a referência temporal da oração matriz transfere-se para o evento descrito na oração encaixada. É o que se observa nos casos de presente atemporal, em (16) e (18), que confere, respectivamente, leitura de habitualidade e de atitude emocional positiva aos eventos expressos na oração encaixada, cuja temporalidade se estende ao tempo presente da enunciação. No caso de passado imperfeito, como em (17) e (19), as leituras de Frequência e de Atitude emocional positiva propiciadas pelos predicados matrizes recaem sobre eventos localizados temporalmente em um passado remoto.

O tempo verbal das completivas finitas é bastante variável, mas o modo é quase sempre o indicativo, havendo apenas dois casos de predicados Avaliativos encaixando orações com subjuntivo. Isso mostra que temos, por um lado, grande quantidade de orações

subjativas não-finitas (68% das 129 ocorrências) e, por outro, uma regularidade de uso do indicativo quando a completiva é finita. De forma muito clara, podemos associar tais tendências à semântica dos predicados que aparecem no córpus: de forma geral, predicados Avaliativos, de Frequência, de Atitude Emocional e de modalidade Deôntica respondem pelas orações não-finitas e pelas poucas finitas no subjuntivo, enquanto os Epistêmicos respondem pelas finitas no indicativo.

Esse resultado pode ser associado ao quadro proposto por Santana (2010) para aferição do grau de sentencialidade/nominalidade, a partir de Givón (1990), Lehmann (1988) e Noonan (1985):

Indicativo < subjuntivo < inf. Pessoal. < inf. Impessoal < nominalização
--

< significa *menos nominal do que*

Quadro 7: Grau de sentencialidade de uma construção (SANTANA, 2010, p. 134)

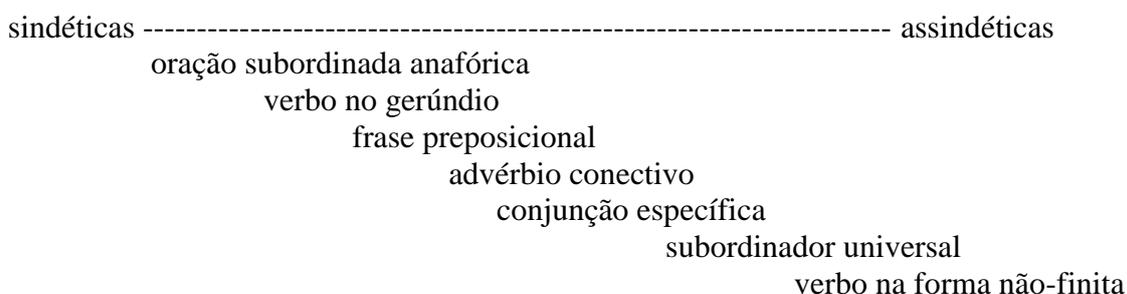
Associaríamos a esta escala a classe semântica dos nossos predicados, constatando que os predicados Epistêmicos especializam-se no encaixamento do tipo de completiva mais sentencial que detectamos no português brasileiro, o que terá relevância para a explicação da mudança linguística em curso. Por outro lado, as outras classes semânticas, apesar de admitirem orações desenvolvidas, combinam-se mais com reduzidas de infinitivo. É o que mostramos no quadro abaixo.

Indicativo	< subjuntivo < infinitivo
Predicados epistêmicos	< Predicados avaliativos e deônticos

< significa *menos nominal do que*

Quadro 08: Associação entre grau de sentencialidade de uma construção e classe semântica de predicados matrizes

Outro fator analisado é a presença de *que*, conector não-específico e marca da construção complexa. O esquema de Lehmann, repetido abaixo, pode ser usado em consonância com nossos dados da seguinte forma:



(LEHMANN, 1988, p. 213)

*Predicados Epistêmicos + subordinador universal + oração finita*

*Predicados Avaliativos, de Frequência, Atitude Emocional e Deôntico + oração não-finita*

A presença de um conector universal entre as orações, caso do *que*, é, desse modo, uma marca de que elas têm um menor grau de conexão, o que pode ajudar a explicar a ausência desse expediente em construções inovadoras. Nas construções conservadoras, essa marca está sempre presente.

Outro aspecto da integração da subordinada à principal é a posição da oração matriz em relação à subordinada. A oração subordinada pode estar incluída na principal, precedê-la ou segui-la, a depender de restrições gramaticais e pragmático-discursivas (LEHMANN, 1988). Em nossas 129 ocorrências de construções conservadoras, em 96%, a encaixada ocorre em posição final, confirmando a preferência das sentenças subordinadas por essa colocação. É o que vemos em (20).

(20) era *bom* eu prestar uma universidade Pública (AC 12, L. 260)

Os 4% restantes mostram a matriz em posição posposta, sempre com predicado Avaliativo, como se vê em (21 a-e), que contemplam os predicados *difícil*, *complicado*, *fácil*, *ruim* e *sagrado*.

- (21) a. entrar numa faculdade É *difícil*... (AC 24, L. 428)
- b. Tirar do cabelo preto é meio *complicado*... (AC 72, L. 359 RP)
- c. Porque assim você julgar os outros é *fácil* né? (AC 72, L. 636)
- d. quando você tá na beira do rio e choveu você... ficar tomando chuva também é *ruim* (AC 107, L. 161)
- e. Limpar banheiro TODO dia... é *sagrado* (AC 32, L. 1341)

Os dados mostram que os casos de anteposição da subjetiva são observados apenas com orações na forma não-finita, o que promove a topicalização da subjetiva, cujo conteúdo é visto como mais relevante pelo falante. Além disso, nessas ocorrências a oração subjetiva mostra-se quase sempre sem sujeito, isto é, impessoal. As duas orações passam a ter, então, semelhante complexidade sintática, o que abre espaço para a prevalência do princípio da relevância pragmática da informação contida na subjetiva.

O fato de as orações matrizes das construções conservadoras aparecerem majoritariamente no início do complexo oracional reforça sua prototipicidade, chamando ainda mais a atenção para a colocação dos mesmos elementos em estruturas inovadoras, em que se observa, em alguma medida, a GR, pois a posição é um dos aspectos que evidenciam os processos de mudança linguística, no sentido de que, quando o adjetivo encaixador encontra-se gramaticalizado, há o rompimento dessa tendência de colocação.

Além desses aspectos formais, para investigar a combinação de orações de maneira que os ultrapasse, levando em conta o significado que as sentenças representam, é preciso observar o tipo de unidade semântico-funcional expresso nas completivas. Pode-se assim

analisar como o tipo de unidade presente em um complemento tem relação com a integração entre as sentenças e com a semântica do encaixador.

Hengeveld e Mackenzie (2008), no desenvolvimento da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), assinalam que diferentes predicados encaixadores selecionam diferentes tipos de complementos, cuja classificação depende da camada que eles representam. Levando em conta o nível Representacional, que explica todos os aspectos de uma unidade linguística que são representativos de seu papel no estabelecimento de uma relação com o mundo real ou imaginário, temos as seguintes camadas:

Descrição	Variável	Exemplo
propriedade	f	colorir
Indivíduo	x	cadeira
Estado-de-coisas	e	encontro
Conteúdo proposicional	p	ideia
localização	l	topo
tempo	t	semana
Episódio	Ep	incidente
modo	m	maneira
Razão	r	Razão
quantidade	q	litro

Quadro 09: Categorias semânticas do Nível Representacional (HENGEVELD; MACKENZIE, 131-132)

De acordo com o tipo de encaixador com o qual vimos trabalhando (adjetivos), percebemos que as subjetivas que com eles se combinam podem ser:

- *p*-complemento: orações que se encaixam em predicados que exigem proposição. Estas podem ser modificadas por expressões referentes a atitude proposicional (*possivelmente, evidentemente*) e por algumas que expressam a fonte da informação (*supostamente*), como em (22), com *é lógico*.

(22) o que eu espero é assim que... eu consiga daqui pra frente... depois que eu comecei a trabalhar no Centro de Zoonoses já venho tentando um trabalho... de conscientização:... éh:: um trabalho de reestruturação do Centro de Zoonoses... punições eu acho que tem que ter punição tem que vir da prefeitura começar pela prefeitura né?... com punições mais rigorosas pra maus tratos... essas coisas *é lógico que tem outras coisas tem crianças abandonadas* eu não tô descartando isso... é uma frente que eu tô trabalhando... são várias frentes problemáticas. (AC 76, L. 435)

- *e-complemento*: vinculam-se a predicados que sinalizam a expressão de um estado-de-coisas.

(23) É bom ele ter essa independência né. (AC 36, L. 384)

Santana (2010), que sustenta a relação entre a semântica do predicado matriz e a configuração do elemento encaixado e se baseia na classificação dos predicados feita por Dixon (2006), Dik (1997) e Cristofaro (2003), mostra as relações entre a unidade semântica configurada na oração completiva e sua forma, o que se reflete na seguinte tendência: complementos mais verbais concretizam-se em proposições, ou seja, construções completivas com verbo finito no indicativo são aptas a estabelecerem um conteúdo proposicional. Já complementos mais nominais (orações infinitas) concretizam-se em Estados-de-coisa.

A unidade semântico-funcional encaixada em predicados matrizes adjetivais, de acordo com a classe semântica, ficou assim distribuída:

Classe semântica	Unidade semântico-funcional predominante	%
Avaliativos	Estado-de-coisas	84%
Atitude Emocional	Estado-de-coisas	90%
Epistêmicos	Proposição	100%
Frequencia	Estado-de-coisas	100%
Deônticos	Estado-de-coisas	100%

Tabela 4: Relação entre classes semânticas de predicados matrizes e unidades semântico-funcional representada pela oração subjetiva na modalidade falada do PB contemporâneo

As ocorrências abaixo exemplificam a relação entre a classe semântica e a unidade encaixada.

- (24) é muito *difícil* entrar sabe?... (AC 42, L. 280)
- (25) é bastante *difícil* você encontrar pessoas educadas (AC 35, L. 529)
- (26) Eu comecei trabalhar com sete anos... minha mãe pôs a gente trabalhar hoje é *proibido* crianças de menores trabalhar né?. (AC 130, L 418)
- (27) é tão *gostoso* você:... ver que uma pessoa gostou de uma um trabalho que você fez (AC 86. L 356)

Podemos notar que o predicado *difícil* apresenta diferentes gradações de significado, ora atuando como Avaliativo (24) ora como de Frequência (25). No primeiro caso, esse adjetivo corresponderia a *árduo*, *penoso* e, no segundo, seria o mesmo que *raro*, *esporádico*. Nos dois casos, a unidade encaixada é um estado-de-coisas.

Dentre os Avaliativos, apenas um adjetivo apareceu como encaixador de *p*-complemento, com o alvo da avaliação voltado para a Proposição, como pode ser visto em (28), cujo co(n)texto permite verificar que se trata de uma inferência do falante.

- (28) a minha sobrinha que era pequena hoje tá uma moça pequena... viu... o N. de mão dada com a L., pai e filha de mão dada... chegou e falou assim... –“que que você tá de mão dada com ele?... o que que ele é seu?”– aí ela falou assim... –“ele é meu pai”– – “num é teu pai não viu e você solta da mão dele” (...) é interessante *que ela teve uma reação ciumenta...* e nessa hora... é que eu percebi que o que tinha... era uma coisa assim de de de:... uma mistura de sentimento que devia ter uma ligação com ciúme (AC 150, L. 169)

Os predicados de Frequência e os Deônticos têm como alvo o acontecimento, isto é, o evento expresso na oração subjetiva. Esse comportamento era esperado, visto que essas duas classes semânticas encaixam apenas estados-de-coisas, como mostram (29) e (30).

- (29) então não::... é permitido *colocar nenhum tipo de cartaz* nessa nessa... nessa sala...( AC – 088 - DEL. 350)
- (30) é comum *eu fazer faxina* (AC 22, L. 417)

Os predicados de Atitude Emocional podem se referir tanto ao Estado-de-coisas quanto à Proposição, com preferência por essa última (90% dos 129 casos), tendo-a, geralmente, como o alvo da avaliação.

- (31) e o meu pai DIZ... que uma certa vez... quando meu avô veio buscar falou – “olha eu vou tirar o R. aqui do colégio num ta dando certo ele ficar aqui” –... que era caçula... – “e vou deixar só o R..... porque o R. vai ter que ajudar lá em casa num sei quê” – e diz que o padre virou pra ele e falou assim – “ mas escuta... você tira... o::... você leva o bom e deixa o ruim você tinha que fazêr o contrário”–... né? *e é engraçado que depois... quando nós éramos pequenos... o meu pai... se esqueceu do tanto que ele era arteiro e levado* (AC 82, L. 199)

Já os predicados Epistêmicos encaixam sempre Proposição e são representativos da modalidade Subjetiva Epistêmica, em que a informação é um construto (pensamento, crença) do próprio falante, que é a fonte dela. Dessa maneira, o alvo da modalização é, na mesma medida, voltado à Proposição, ou seja, ao conteúdo daquilo que o falante enuncia como verdadeiro, como se vê em (32).

- (32) *cê vai num outro serviço é lógico que num vai ganhar a mesma coisa* (AC 67, 417)

Para a análise de nossos dados, a audição das entrevistas do Iboruna foi essencial, já que consideramos que as construções típicas do complexo oracional *oração matriz + subjetiva* teriam uma configuração prosódica que revelaria a integração entre as duas orações, pois constituem, juntas, um só contorno entoacional.

A análise auditiva revelou que tanto as subjetivas não-finitas quanto as finitas mostram-se ligadas à matriz pela inexistência de mudança de contorno entoacional audível, o que, se presente, sugeriria algum tipo de fronteira. Abaixo, entre *incrível* e *lógico* e suas respectivas orações complemento, não há marca que evidencie algum desprendimento do encaixador e sua oração, como se espera que aconteça com as construções inovadoras.

(33) *é incrível você sair de um bairro ir pra outro bairro e um moço ficar te seguindo*  
(AC 66, L. 34)

(34) *cê vai num outro serviço é lógico que num vai ganhar a mesma coisa* (AC 67, 417)

#### **4.2. Construções inovadoras no banco de dados Iboruna**

A exposição das características das construções inovadoras que envolvem orações subjetivas no cópulus do Iboruna visa a atingir dois objetivos principais: primeiro, pretende-se, por meio da comparação com as construções conservadoras, descritas acima, comprovar que são formas em variação, sendo que as inovadoras derivam das conservadoras. Tal fato é averiguado pelo compartilhamento de muitos traços entre as construções conservadoras e inovadoras. Em segundo lugar, busca-se explicar os processos de GR do adjetivo matriz e DC da oração matriz, já que é sob a perspectiva desse segundo grupo que as mudanças linguísticas podem ser vistas.

Foram encontradas 79 ocorrências de construções com resquícius de orações subjetivas, o que contempla tanto construções tipicamente encaixadoras de subjetivas, porém, sem cópula, quanto estruturas com oração absoluta com o elemento “encaixador” atuando como parentético (às vezes, ainda com a cópula, como em (35f)). As ocorrências em (35) são exemplos do que consideramos construções inovadoras.

- (35) a. Muito *bom* fazer churrasco lá (AC 35, L. 320)
- b. Muito *engraçado* ver todo mundo novinho falando tudo errado em inglês sabe? (AC 42, L. 49)
- c. o lugar que eu gosto mesmo É Assim... é de tá perto do avião *lógico*... (AC 51, L. 203)
- d. *LÓgico* que é tudo moderno (AC 51, L. 453)
- e. e eu curioso *LÓgico* perguntei pra ele o que ele tinha feito né?... (AC 55, L. 69)
- f. Aquele... que está com problema a gente substitui... montamos ajustamos é *lógico*... (. AC 91, L. 140)

Conforme procedimento adotado com as construções conservadoras, a observação das características sintáticas, semânticas e pragmáticas das construções inovadoras também será feita a partir da classe semântica do predicado encaixador. É importante dizer, então, que a participação de cada classe semântica no total deu-se da seguinte maneira:

Classe semântica	Participação dentre as construções inovadoras
Avaliativos	10%
Frequência	2%
Atitude Emocional	8%
Epistêmicos	80%

Tabela 5: Participação de cada classe semântica de predicado nas construções inovadoras na fala (Iboruna)

Mostramos, no quadro 10, os predicados que aparecem sem cópula em nosso corpus:

Lógico, Claro, Melhor, Engraçado, Difícil, Perigoso, Bom,  
Gostoso, Interessante, Complicado, Fácil

Quadro 10: Predicados matrizes adjetivais de orações subjetivas que prescindem de cópula na modalidade falada do PB contemporâneo

Nesse grupo, a cópula deixa de ser utilizada em 91% das 79 ocorrências. A ausência desse expediente antecedendo o predicado foi o fator que permitiu alocar essas ocorrências de construções com predicados Avaliativos, de Frequência e Atitude Emocional dentre as construções inovadoras, o que significa que, para essas classes semânticas, as ocorrências só são inovadoras por não terem cópula, mesmo preservando a estrutura de encaixe, com o conectivo.

Dentre as construções inovadoras, os Epistêmicos, mais especificamente, os asseverativos (CASTILHO; CASTILHO, 2002), formam a única classe semântica que apresenta uma alternância entre construções com e sem verbo *ser*, pois, como se vê em (35f), a cópula, às vezes, fica preservada mesmo em casos em que o adjetivo não é mais encaixador. Isso torna evidente que há outros fatores atuando no processo de mudança linguística mesmo quando o mecanismo da cópula é conservado. Por isso e por serem a grande maioria dos itens desse grupo, os Epistêmicos asseverativos serão a classe à qual dispensaremos maior atenção a partir de agora.

À semelhança das conservadoras, quando um predicado Epistêmico asseverativo se envolve em uma construção inovadora, esta é sempre uma oração finita. Esse fato é um dos critérios que possibilitam que a construção, antes encaixada, passe a funcionar como absoluta. Segundo Noonan (1985), orações encaixadas finitas, que constituem complementos do tipo sentencial, podem ter as mesmas propriedades de uma oração principal. Já as construções não-finitas, conforme discutido na seção anterior, são formas verbais dependentes e, como tal, compartilham traços da oração finita que funciona como sua matriz. Tais fatos nos permitem perceber que a relação da classe semântica com a configuração do elemento que ela encaixa tem grande relevância para as construções inovadoras, pois somente aquelas sentenças com potencial para funcionarem sozinhas podem portar um termo parentetizado nos moldes de (36).

- (36) falamos “óh L. aconteceu isso isso e isso né?... nós fomos no Sarau... o teu noivo tava lá” –... aí ela ficou super furiosa *cla::ro*... falou assim que ia dar o troco nele (AC 70, L. 110)

Em Moura (2009), encontramos a ideia de que a oração asseverativa *é claro que* pode ser retirada permitindo que o valor semântico da encaixada se mantenha, justamente porque essa última, pouco integrada à matriz, tem seu verbo finito e no indicativo. O mesmo pode ser observado com *é lógico que/lógico*.

- (37) Você olha aquela grana (...) e você... *lógico* o que que passa pela sua cabeça? (AC 143, L. 436)
- (38) geralmente as lendas têm sempre... alguma coisa... de real de acontecido e depende *é cla::ro* de cada narrador... fazer essa lenda... MAIS vistosa mais fantasiosa. (AC 146, L. 166)

Com uma oração não-finita, tal rearranjo não poderia se concretizar, assim, o máximo de inovação que se pode observar é a ausência de cópula:

- (39) é melhor ficar na bagunça do que ficar assim no hotel (AC 20, L. 16)
- (39') \*ficar na bagunça do que ficar assim no hotel

Nesse caso, não é possível que o termo encaixador seja retirado, nem tampouco mude de posição, figurando como parentético a exemplo do que ocorre nas ocorrências de (37) e (38). Buscamos, mais uma vez, respostas para essas diferenças na integração de orações e na GR dos mecanismos de combinação. Conforme já vimos, autores como Lehmann (1988) e Hopper e Traugott (1993) consideram a completiva não-finita mais integrada a sua matriz e, além disso, menos característica dos moldes de uma completiva prototípica, porque, com verbo no infinitivo, essa sentença encontra-se mais dessentencializada, o que, nos termos de

Lehmann (1988), é uma das maneiras pelas quais uma completiva pode perder seu estatuto de oração. A outra forma de isso ocorrer é a nominalização. No momento em que explica como um complexo com duas orações pode se tornar uma sentença simples, o autor diz:

...existem dois modos de reduzir uma sentença complexa a uma sentença simples. Primeiro, podemos dessentenciar a oração subordinada tornando-a um constituinte da oração principal. Segundo, podemos gramaticalizar o verbo regente, tornando-o afixo que modifica o significado do verbo semanticamente subordinado. Em ambos os casos, o verbo subordinado torna-se um constituinte da oração principal: no primeiro caso um verbo dependente e, no segundo caso, seu verbo principal. (p. 204)<sup>13</sup>

Lehmann (1988) propôs a dessentenciarização da oração subordinada, via nominalização. Nossos dados mostram, em outro sentido, uma redução da matriz, que, antes portadora de traços de tempo e modo e governante de uma outra sentença introduzida por *que*, tende a preservar apenas seu elemento encaixador, porém, com outro funcionamento. Nessa redução da matriz, é possível visualizar uma forma de dessentenciarização, no sentido de que uma construção, antes portadora de traços que a caracterizavam como oração, perde-os e limita-se ao seu predicado.

Predicados Avaliativos, de Frequência e de Atitude Mental, por serem tipicamente encaixadores de sentenças não-finitas, não se envolvem em processo de mudança linguística que vá além da ausência da cópula na matriz. Se uma das formas de dessentenciarização é a perda dos traços sentenciais da subordinada, e isso inclui portar um verbo no infinitivo, entendemos que a matriz não poderia perder todas as suas características de encaixadora, pois isso destruiria o complexo oracional. Por esse motivo, as estruturas com predicados Avaliativos, de Frequência e de Atitude Emocional detectadas dentre as construções

---

<sup>13</sup> There are two ways of reducing a complex sentence to a simple one (and conversely, two ways of expanding a clause to a complex sentence). First, we may desentenciarize the subordinate clause, turning it into a simple constituent of main clause. Second, we may grammaticalize the governing verb, turning it into an affix which modifies the meaning of the semantically subordinate verb. In both cases, the subordinate verb becomes a constituent of the main clause: in the first case, a dependent one, in the second case, its main verb.

inovadoras, com exceção da cópula, têm exatamente os mesmos traços formais das suas conservadoras correspondentes.

Em Moura (2009), que também trabalha com predicados Deônticos e Avaliativos, encontramos essa mesma análise quando a autora diz que estruturas como *é possível que, é bom que* devem se manter exatamente dessa forma “para que o sentido da sentença seja pleno (p. 125)”.

Como já dissemos, predicados Epistêmicos Asseverativos, como *lógico e claro*, pedem verbos finitos na subordinada, o que a torna mais autônoma. Moura (2009), quando observa construções com o Epistêmico *claro*, assinala que a encaixada realizada no presente do indicativo pode apresentar-se desvinculada sintaticamente da matriz: ao lermos a encaixada, a atitude do falante expressa na matriz pode ser retirada sem comprometer o sentido do conteúdo da subjetiva, embora possa haver comprometimento do sentido que se quis dar, pois a posição do falante não fica explicitada, modalizada. São exemplos da autora:

(40) Aprovada em maio de 2007, até hoje ela não funcionou, segundo o vereador Eliomar Coelho (P-SOL), por falta de apoio dos vereadores ligados à prefeitura. “Era para ter acontecido no mês de junho. *Foi transferida para agosto, depois para novembro, e agora é claro que não sai porque não há o menor interesse em que se apure* o que aconteceu realmente com esses recursos astronômicamente aumentados”. Na avaliação dele, por causa das "manobras contra a CPI", talvez seja impossível investigar o caso.  
(Estado de Minas, 01/01/2008)

(40’) “(...) Foi transferida para agosto, depois para novembro, e agora não sai porque não há o menor interesse em que se apure o que aconteceu realmente com esses recursos astronômicamente aumentados”.

Enquanto Lehmann (1988) trata da GR do verbo regente de algumas construções, devemos dizer que, no caso investigado em nosso trabalho, o regente é um adjetivo, que vem se gramaticalizando. O fato de que em alguns casos em que constatamos itens como *claro* e *lógico* já mais gramaticalizados ainda haver a cópula exige que tratemos *é claro* e *é lógico* como expressões formulaicas, nos termos de Traugott e Dasher (2001). Os autores destacam

que construções assim constituem expressões em que os traços formais (como tempo e modo) já não são mais relevantes, o que salienta mais os aspectos discursivos.

Associando essas considerações aos nossos dados, podemos estender essa cristalização formal e semântica a casos como os de *é claro* e *é lógico*, os dois predicados que mais se mostraram mais gramaticalizados no *cópus*. O fato de a leitura epistêmica desses itens depender da invariabilidade da cópula na terceira pessoa do singular do presente do indicativo parece favorecer sua rotinização, como nos casos abaixo.

- (41) *é lógico* que tem outras coisas, tem crianças abandonadas eu não tô descartando isso...  
(AC 76, L. 435)
- (42) *é claro* que regras gramaticais isso vai ficando pra trás (AC 84, L. 40)
- (43) roubaram uma égua aqui óh  
Doc.: *é lógico* eles investigaram né? (AC 63, L. 1145)

No caso destacado em (43), assim como em muitas ocorrências do *cópus*, a cópula é conservada, porém, entendemos que se trata da cristalização da estrutura, pois esse recurso deixa de ter sua especificidade modo-temporal para se “unir” ao adjetivo, seguindo-o mesmo quando a função desse último já se distancia muito da de um encaixador. Em (43), ao invés de estrutura subjetiva, temos agora apenas uma oração absoluta, que não se coloca mais como complemento de uma matriz, ao menos em termos estruturais. Era de se esperar, dessa forma, que aquilo que era a oração principal perdesse todas as suas características sentenciais, começando pela cópula, o que resultaria no seguinte:

- (43’) roubaram uma égua aqui óh  
Doc.: *lógico* eles investigaram né?

Diante dessa variação, é possível pensar que, para as estruturas mais gramaticalizadas, a verbalização (ou não) da cópula não é mais relevante, pois o significado independe da presença ou ausência desse mecanismo, devido ao fato de a relação semântica ser estabelecida com o adjetivo. Assim, será possível dizer que a ausência de cópula, apesar de indiciar o processo de mudança, é apenas um dos mecanismos que desencadeiam a passagem de complexo bioracional para mono-oracional.

Dentro do processo de GR, compreende-se que expressões se cristalizam por meio da rotinização na língua, a qual pode ser estudada via frequência de uso. De Bybee (2003b) vem a idéia de que o aumento de frequência de uso de uma forma ou construção em GR, no transcorrer de seu caminho evolutivo, constitui um indício importante da ocorrência do processo. Itens gramaticais apresentam frequência textual alta, enquanto itens lexicais apresentam frequência baixa. O crescimento da frequência de uso de um item surge como uma consequência do aumento no número de contextos em que ele é empregado e de sua GR.

Bybee (2003b) enfatiza que a repetição, entendida como uma ritualização, tem papel preponderante na mudança linguística, pois uma sequência de palavras ou morfemas que é usada muito frequentemente torna-se uma unidade automatizada e fixa. Para essa autora, a alta frequência pode levar a mudanças como enfraquecimento da força semântica pela habituação. A alta frequência pode levar também a uma maior autonomia da construção, e o item individual que há nela enfraquece sua associação com outras ocorrências do seu sentido primário, o que permite o uso da construção em outros contextos, com ganho de pragmática.

É importante destacar que várias das mudanças sinalizadas por Bybee (2003b) envolvem algum tipo de perda para o item/construção, como enfraquecimento semântico ou perda fônica. Quanto a tais considerações, devemos ter em mente dois pontos principais: i) apenas alguns itens/construções mais gramaticalizados experimentam perdas de diferentes ordens, ii) podemos entender que as perdas são, na verdade, ganhos de ordem pragmática,

pois, conforme já dito, os falantes desenvolvem novas significações para palavras/construções já existentes, expondo, via recursos linguísticos, atitudes baseadas no próprio universo da comunicação.

É da própria Traugott (2010) a discussão que relaciona o ganho de subjetividade de uma construção, fenômeno que, ao invés de restringir seu uso, faz com que a ela sejam agregados novos sentidos, com algumas idéias que pressupõem perdas dentro da GR. Para discutir esse ponto, a autora retoma a definição clássica da gramaticalização: “mudança por meio da qual itens lexicais, em alguns contextos, adquirem funções mais gramaticais”. Além da definição padrão do fenômeno, a autora lembra também que reduções e limitações, de vários níveis (morfológicos, fonológicos, sintáticas), operam em alguns, não sendo, portanto, obrigatórias em todos os casos de GR.

Observemos, pois, a frequência de *lógico* e *claro*, no *córpus* do Iboruna, não sem antes discutir a semântica desses predicados.

Em vários trabalhos analisados (BASILIO, 1992; CASTILHO; CASTILHO, 2002; NEVES, 2002), esses dois itens são citados como representativos da modalidade Epistêmica. Mais especificamente, esses predicados são aqueles que, para Castilho e Castilho são asseverativos, pois marcam alta adesão ao que é afirmado. Há, então, uma ênfase do conteúdo, eliminando a possibilidade de dúvida, através do adjetivo *claro* ou *lógico* da matriz. Além disso, conforme vimos, *claro* e *lógico* são predicados que expressam modalidade Epistêmica Subjetiva, ou seja, baseada nas crenças e conhecimentos do próprio falante, e que têm sempre como alvo o conteúdo Proposicional, como vemos nas ocorrências do *córpus* em (44) e (45).

(44) *é lógico...* cê tá na idade de vinte vinte e poucos anos cê só quer namorar né (AC 117, L. 278)

(45) *CLAr*o que eu penso eu me esforço pra poder parar (AC 36, L. 405)

O adjetivo *lógico* originalmente significa “relativo à lógica, racional, coerente” (SOARES, s/d). Percebemos, porém, que a abrangência de seu significado tem sido maior no português brasileiro falado contemporâneo. Em vez de restringir-se a contextos em que se relacionaria à lógica, esse adjetivo vem sendo usado em um número cada vez maior de casos em que não estão em jogo questões, necessariamente, lógicas, mas de qualquer natureza, desde que avaliadas pelo falante como um conhecimento dado, comum aos participantes da interação. O adjetivo, hoje, relaciona-se mais com a ideia de obviedade e menos com a ideia de coerência e de racionalidade, como se vê em (46).

- (46) *É lógico* que tem outras coisas, têm crianças abandonadas... Eu não tô descartando isso (AC 76, 435)

Das 79 ocorrências inovadoras selecionadas no cópús do Iboruna, 41 ocorreram com o item *lógico*. Esse fato, que pode ser relacionado à generalização de significado (TRAUGOTT; KONIG, 1991; BYBEE, 2003b), mostra que significados concretos e mais específicos tornam-se mais abstratos e, por isso, generalizados, já que se tornam apropriados a um maior número de contextos. A generalização é também estudada por Traugott (1997) quando a autora investiga construções que se tornam Marcadores Discursivos pelo processo de GR. A generalização ocorre porque o significado do termo torna possível que ele seja disponibilizado para mais e mais contextos.

- (47) meu amor estuda no Miziara então eu queria ir pra lá *lógico* né?... (AC 20, L. 175)
- (48) parou duas viaturas... e já tinha parado a briga... aí o que aconteceu?...eles perguntaram o que que tava acontecendo *lógico*... (AC 72, L. 53)

A conclusão a que o falante chega na construção em (47) não se liga à lógica, em sentido mais estrito, mas a uma espécie de lógica pessoal, à qual o emissor espera que o

ouvinte chegue a partir de sua explanação sobre o tópico em questão. Assim, podemos entender, com Traugott, que o item em questão ganha em termos de atuação no nível do discurso, marcando uma negociação de sentidos que vai além do nível sintático e semântico. Inserido após o conteúdo proposicional, *é lógico*, seguido de outro marcador (*né?*) evidencia o estabelecimento de opiniões supostamente partilhadas entre os interlocutores (BRINTON, 1996). Nas palavras de Wichmann *et al.* (2010), estabelece-se a solidariedade no discurso, pois o enunciador divide com o destinatário a responsabilidade pela verdade do conteúdo proposicional.

Procedimento idêntico é detectado em (48), em que o falante narra uma briga e a chegada da polícia, marcando como informação compartilhada aquilo que diz respeito à atuação das autoridades em contextos como o exposto.

Já o adjetivo *claro* significa, dentre muitas acepções, “aquilo que ilumina, brilhante, resplandecente, que recebe muita luz; iluminado, bem acentuado, perceptível, distinto, facilmente inteligível, evidente, manifesto, sem ambiguidade, inequívoco, explícito, certo, comprovado, averiguado” (SOARES, s/d). O significado de *claro* também parte de um domínio mais concreto (ligado à luz, à claridade) em direção a um domínio mais abstrato (a clareza de uma ideia, uma certeza, uma evidência). Na há dúvidas de que o item conta com a generalização de seu significado (TRAUGOTT; KONIG, 1991) como aspecto que permite as outras mudanças que nele se instauram.

No conjunto das 79 ocorrências inovadoras, há 22 sentenças construídas com *claro*.

- (49) aí eu pego o defrizante... lavo bem a cabeça *claro* lavo bem passo condicionador desembaraço tudo... depois tiro BEM o condicionador (AC 62, L. 316)

Nessa ocorrência com *claro*, notamos também a função subjetiva, no sentido de marcar o compartilhamento de expectativas entre falante e ouvinte. À medida que o falante

define que procedimento adota para tingir cabelos, informações dadas sobre tal situação são acionadas por ambos, o que faz com que o falante pontue que, no que diz respeito a essas afirmações, estão em comum acordo. Daí a razão pela qual Traugott (1989) explica que parentéticos epistêmicos têm função que vai além da subjetividade, pois o falante não só se compromete com a verdade da proposição, mas, de certa forma, compromete seu ouvinte por pressupor que este concorda com ela, o que aciona também a intersubjetivização.

Os adjetivos *claro* e *lógico*, pela habituação e expansão de seus significados, vêm, dessa maneira, sendo utilizados como elementos parentéticos, que modalizam o que está sendo dito, indo além da clareza ou da lógica. Nesses casos, seu comportamento sintático é assemelhado ao de um advérbio, que escopa toda a sentença. Tal mudança, se não atesta a GR, pelo fato de adjetivos e advérbios constituírem uma classe com mesmo grau de gramaticalidade, pode ser aliada à ideia de que *claro* e *lógico*, passam por um ganho de intersubjetividade, o que, para Traugott (1989; 2010), já é um indicativo suficiente do processo de gramaticalização.

A própria parentetização do predicado, que muda seu estatuto de encaixador e governante da sentença encaixada para a função de “constituente extra-oracional”<sup>14</sup> também indicia a GR. O elo entre o predicado encaixador e a encaixada (que seria o conectivo *que*), também protagoniza importantes transformações nas construções em questão, pois permite o deslocamento do item. Porém, para tratarmos com mais cuidado do complementizador, abordaremos, antes, a questão da posição das orações envolvidas, de acordo com as classes semânticas, mas com destaque para os Epistêmicos Asseverativos.

Dentre os oito predicados Avaliativos, todos se colocam na posição inicial do complexo oracional. Como já dissemos, se temos em mente que esses predicados, quando envolvidos em construções inovadoras, estão sem verbo suporte e encaixam orações reduzidas

---

<sup>14</sup> Os chamados *extra-clausal constituents*, tidos como “fragmentos de orações”, com associação mais frouxa com a sentença. (DIK, 1997, p. 379)

de infinitivo, fica fácil concluir que eles só poderiam ter essa colocação, pois não há ocorrências como (50').

(50) Muito difícil ter esse negócio de círculo bíblico (AC 23, L. 570)

(50') \*Ter esse negócio de círculo bíblico difícil

Dentre os seis predicados de Atitude Emocional, todos se colocam em posição inicial, encaixando, preferencialmente, orações não-finitas, o que, naturalmente, reserva-lhe a posição de início da sentença, como em (51).

(51) *engraçado que*::... eles fez tanto complô ali dentro (AC 26, L. 235)

Os predicados de Frequência também têm a colocação inicial como preferida, pelos mesmos motivos estruturais que os Avaliativos e de Atitude Emocional, como mostra (52).

(52) pessoas que às vez rouba as vez até pra comer... esse fica preso, aquele que faz um crime bárbaro como matar estrupar... *muito difícil* ficar na cadeia (AC 59, L. 240)

Já os 63 predicados Epistêmicos asseverativos (*claro e lógico*) tiveram a seguinte distribuição nas posições:

Predicados	Posição inicial	Posição medial	Posição final
Claro, lógico	30	12	21

Quadro 11: Posição dos adjetivos parentéticos na modalidade falada do PB contemporâneo

Tendo em mente essas informações acerca da posição do predicado, podemos voltar à questão do complementizador e também da cópula com Epistêmicos Asseverativos.

Considerando as trinta ocorrências de *claro* e *lógico* na posição inicial, em 24 delas ocorre o complementizador *que*. Nesses 24 casos, houve apenas a perda da cópula, mas a preservação da estrutura de encaixamento, como mostram (53) e (54).

- (53) *Lógico que* eu num tenho os mesmos recursos que você tem no atelier. (AC 86. L. 401)
- (54) se as pessoas temer a Deus se as pessoas... conhecer a vontade do Senhor... *claro que* o mundo não estaria como está... (AC 142, L. 170)

Em apenas dois dos dados de Epistêmicos na posição inicial, ocorre a cópula, mas não o complementizador, como mostram (55) e (56).

- (55) roubaram uma égua aqui óh  
Doc.: *é lógico* eles investigam né? (AC 63, L. 1145)
- (56) *é lógico* quando você não sabe muito de uma coisa você tem que recorrer a outras pessoas... (AC 141, L. 27)

E em outros quatro casos, como (57) a (60), não ocorre cópula nem complementizador. Assim, fica clara a total dessentencialização da matriz, no sentido de que, além de desprovida das noções modo-temporais, sua possibilidade de encaixar outra estrutura já é inexistente. O adjetivo gramaticalizado e, portanto, transformado em parentético muda seu comportamento de predicado da matriz para modificador sentencial, com liberdade de colocação. Assim, a estrutura que era a sentença principal se dissolve, enquanto a subjetiva passa a ser uma sentença absoluta.

- (57) *Claro* cê num tá mais no fundo conversando (AC 13, L. 53)
- (58) *Lógico* quem é ruim fez maldade tem que pagar (AC 51, L. 522)
- (59) aí ela catou levou ela pra colocar brinco... *lógico*, doeu porque... furar a orelha dói mas ela falou assim –“aí eu aguento” (AC 102, L. 86)

- (60) aí você prepara a terra... e:: aí você... faz as covas... *lógico* a gente pôs adubo orgânico e::... colocou pimenta... aí dentro de três meses ela começa a produzir (AC 145, L. 173)

Nesses casos, os adjetivos relacionam-se a uma sentença livre, não mais como predicado de uma oração matriz, mas como um constituinte externo, que tem por função avaliá-la. Em (56), por exemplo, a presença da cópula antes de *lógico* mostra que esse recurso não impede o processo de mudança linguística, pois mesmo em posição inicial e com verbo *ser* na terceira pessoa do singular, a ausência do *que* chama a atenção para o não encaixamento da oração que segue o adjetivo.

Os 21 casos com predicados Epistêmicos que se alocam na posição final têm sempre o mesmo perfil: são construções com *claro* e *lógico*, que, já sem complementizador, vão para o fim da sentença, como em (61) e (62).

- (61) se acontecer isso comigo eu vou aceitar numa boa... vai ser difícil... *lógico*... mas eu vou aceitar numa boa (AC 52, L. 315)
- (62) eu cuidava... d'uma de quatro ano... de manhã:... essa num... num tinha problema nenhum só que tinha que ter aquele cuidado *claro*... (AC 62, L. 343)

Os Epistêmicos em posição medial somam 12 casos, protagonizados, também, por *lógico* e *claro*, como mostram (63) e (64).

- (63) se o Lula se reeleger eu NÃO voto nele porquê?... eu quero um outro partido eu quero um *claro* um novo um partido que possa... arrumar os defeitos... que o PT deixou. (AC 87, L. 440)
- (64) a minha escola posso te dizer com certeza que... é como se tivesse algo né?... como se isso aqui tivesse vida... tem horas que eu olho assim eu converso até com as paredes de vez em quando... sabe? porque eu num faço disso uma... *lógico* uma coisa superficial... (AC 109, L. 504)

Entendido por Lehmann (1988) e Hopper e Traugott (1993) como marca do vínculo sintático que se estabelece entre orações fracamente dependentes, o complementizador faz-se relevante na codificação de dois eventos encaixados (GIVÓN, 1990). Por outro lado, quando temos, em vez de dois eventos, uma avaliação (em sentido amplo) e um evento combinados, a integração entre essas duas unidades parece ser mais frouxa, até porque não há o conhecido compartilhamento de participantes, nem, necessariamente, o de tempo, pois a avaliação se cristaliza no presente do indicativo, na terceira pessoa do singular, enquanto a subordinada experimenta uma variabilidade quanto a esses mesmos fatores. Dessa maneira, o *que* não seria tão relevante, pois o vínculo entre as unidades, que já era menos tenso, passa a não ser sintaticamente marcado, daí o desaparecimento do conector. O resultado é a mobilidade do predicado antes de função encaixadora/predicativa, que continua predicando sobre a sentença, agora absoluta, no sentido de avaliá-la.

A mobilidade de *claro* e *lógico* faz pensar no fato de que, ao focar as construções encaixadas subjetivas, espera-se que esse tipo de construção ocupe o lugar que costuma ocupar o termo simples correspondente. Assim, como portadora da função de sujeito, no português brasileiro, pode-se esperar que a oração subjetiva ocupe a posição inicial da oração, considerada por Dik (1997) como universalmente relevante. Se somarmos os 21 casos desses itens em posição final com as 12 ocorrências em posição medial, veremos que eles já vêm ocorrendo mais “deslocados” do que em posição inicial, o que permite que a antiga “subjetiva” retome a colocação mais à esquerda que é comum aos sujeitos. É de Dik (1997), também, a consideração da posição inicial como própria para a colocação de constituintes como Tópico e Foco. Vejamos as ocorrências em (65) e (66).

- (65) fica durinho durinho cê come com colher claro... mas fica um manjar (AC 132, L. 356)

- (66) a fase daqui da indústria nossa aqui é fazer o corte... e a montagem... só essa esquadria de de de::... de:: alumínio... ela tem lógico a vantagem de num ter de ser uma coisa... vamos dizer assim permanente (AC 119, L. 220)

As orações acima são compostas por um conteúdo e uma avaliação que recai sobre ele. Vemos que tais construções, se colocadas na forma típica das construções com subjetivas no português brasileiro, teriam o conteúdo após a avaliação, o que resultaria em *é claro que você come com a colher e é lógico que ela tem a vantagem de ser uma coisa permanente*. Mas o que ocorre quando o predicado se gramaticaliza e a oração matriz perde suas propriedades de sentença é que o conteúdo proposicional fica na primeira posição. Neves (2000) vê, em casos de subjetiva na posição inicial, a função de topicalização (tomada em sentido amplo) da informação de maior relevância. Para acentuar o conteúdo apresentado, o falante o posiciona antes da avaliação que irá fazer sobre ele, sugerindo que essa informação deve ser considerada como primordial em seu discurso.

Thompson e Mulac (1991), com base no trabalho de Underhill (1988), assinalam que o conteúdo da encaixada tende a tomar a posição de tópico e seu conteúdo tende a ser aquele com o qual o falante quer se comprometer. Em nossos dados, a topicalização é aferida pela perda das propriedades oracionais de uma matriz e conseqüente primazia daquela que era a encaixada. Passando a ser uma oração absoluta, seu conteúdo é posto em posição saliente, o que não significa, entretanto, que os itens que poderiam constituir uma matriz são esvaziados, pois sua função avaliativa é mantida, porém com outra configuração sintática, semelhante a de advérbio de sentença.

Outra pista para essa mudança de comportamento pode ser buscada na prosódia. Elementos como *claro* e *lógico* das ocorrências anteriores costumam ser tratados como constituintes não argumentais da estrutura oracional, ou seja, vistos como externos à sentença, chamados, por isso, de *Constituintes Extra-Oracionais* (DIK, 1997), rótulo que se deve tanto

a sua dissociação da estrutura sintática da oração quanto a sua demarcação prosódica, revelando sua relativa independência do contorno entoacional da frase.

Tal demarcação prosódica dá-se por recurso à mudança de tessitura e, principalmente, por pausas (DIK, 1997; RISSO *et al.*, 2002; LOPES, 2004 e outros). Em Risso *et al.* (2002) vemos que a dissociação sintática do MD em relação à frase tem como mais um indicativo a pausa prosódica demarcativa, bem definida pela delimitação com nítida curva entoacional, rebaixamento de tom no final da unidade, ou mais outro expediente. Em Traugott e Dasher (2001), considerar *I promise* como parentético chama a atenção também para o fato de ser “uma modalidade de inserção, ou seja, breve suspensão do tópico discursivo em curso” (JUBRAN, 2006), o que também chama a atenção para a relativa autonomia prosódica dos itens que estudamos.

As ocorrências inovadoras são marcadas, primeiro, com as pausas e, depois, com uma mudança de tessitura que incide principalmente no próprio adjetivo. Nota-se uma pequena variação de altura, com aumento na frase analisada, caracterizando o que Cagliari (2001) denomina asserção enfática. É o que vemos nas ocorrências (67) e (68), nas quais procuramos representar as pausas com (::) e a mudança de tessitura com caixa alta.

- (67) porque é reservado... pros pais é dos pais da direção é da direção dos funcionários... quer dizer:: LÓgico que num dá pra todos os funcionários porque hoje em dia quase tudo mundo tem carro (AC 96, L. 255)
- (68) às vezes acontece da pessoa chegar a gente tá bordando de outra pessoa e é aquela correria e guarda e cê guarda uma coisa esquece outra peça então cê acaba num num tendo como esconder tudo a pessoa desconfia:: é LÓgico (AC 120, L. 10)

Vale mencionar que, ao longo do trabalho com os dados do Iboruna, notamos uma marcação feita pelos transcritores em todas as ocorrências de *lógico* e *claro* parentetizados, que tinha suas primeiras sílabas em caixa alta. Consultando o Manual de Transcrição

(GONÇALVES; TENANI, 2008), percebemos que a transcrição em letras maiúsculas evidenciam justamente mudança na altura utilizada pelo falante na pronúncia do item.

As mudanças ocorridas com a construção exigem outro expediente atuante na coesão da sentença. Esses fatores motivam o surgimento de um novo padrão de construção: se tínhamos um padrão típico para a construção formada por oração matriz e oração subjetiva, marcado pela cópula suporte em posição inicial, seguida de adjetivo, agora parece haver um novo padrão, que se constitui como uma forma inovadora do padrão inicial, a qual apresenta ausência de cópula, mudança de estatuto do predicado e marcação prosódica baseada em pausas e tessitura.

São relevantes também as possibilidades pragmáticas que as mudanças dão a *é claro/claro* e *é lógico/lógico*. Detectamos, por exemplo, que tais itens ganham a possibilidade de atuarem como focalizadores. Não comprometidos com uma definição específica de foco, limitamo-nos a observar tal função com base no realce atribuído a determinado termo na oração. Vimos que os itens destacados acima encaixam sempre proposições. O alvo desses modalizadores costuma ser a própria proposição, mas, com comportamento parentético, é possível que *claro* e *lógico* tenham como alvo um único termo. Esses casos são observados, principalmente, quando esses itens estão em posição medial, a qual é bastante marcada por quebrar a estrutura canônica da sentença como em (69).

- (69) eu acho que o prefeito também tinha que ter em mente que ele tá administrando uma cidade... pro bem-estar da população e não... pro... BEM financeiro dele ou qualquer coisa desse tipo... acho que tem *lógico* uma realização –“ah:: eu sou prefeito de Mirassol”–... existe uma realização pessoal em falar isso... (AC 117, L. 454)

Só o fato de estar em posição menos comum já aponta para a possibilidade de que *lógico* tenha aqui uma função discursiva, ao focar o item a sua direita, o que se define por

percebermos que é a parte da informação considerada como dada. Tentemos essa caracterização a partir da ocorrência em (70).

(70) e eu fiz o tratamento lá... trinta e oito aplicações... felizmente até hoje... já:: vai pra quase DEZ anos... num sinto mais nada... num tenho é/ tive problema nenhum... ficou assim *lógico* né... a famosa sequela... (AC 147, L. 73)

Pela audição da gravação, percebemos que a sequência cuja informação parece mais saliente é *a famosa sequela*, sobre a qual recai o item *lógico*, separado por pausa da porção textual que o antecede e também da que o sucede. Essa leitura é corroborada por Quirk, citado por Wichmann *et al.* (2010), em que itens como *of course* relacionam-se a apenas um item na sentença, estando, para isso, ao lado dele. Na pesquisa dessas autoras, *of course* apareceu majoritariamente em posição medial, o que é mais um indicativo de que tal marcador incide sobre um elemento adjacente e atribui-lhe ênfase (QUIRK *et al.* 1985 *apud* WICHMANN *et al.* 2010 p. 112)

Se a flexibilidade da posição, os traços prosódicos e as funções pragmáticas dos itens enfocados provocam mudanças de padrão que indicam os processos de GR e DC, notamos que ocorre, especificamente, o tipo de GR que transforma sentenças em parentéticos epistêmicos, fundindo esse funcionamento ao seu estatuto original de adjetivo. Assim, *lógico* e *claro* passam a ter colocação mais livre dentro da frase e portar funções pragmático-discursivas como as que destacamos. Como dissemos acima, o adjetivo *lógico*, assim como *claro*, atualmente está mais relacionado à ideia de obviedade, advinda da imagem que o falante faz sobre os conhecimentos prévios do ouvinte. O falante parece pressupor as informações e opiniões compartilhadas na interação, mas, mesmo assim, julga conveniente acionar alguma parte da informação pragmática do ouvinte. Vejamos (71) e (72).

(71) Eu prezo muito a minha liberdade assim... Tenho *lógico* medo... devido à insegurança (AC 51, 502)

- (72) Eles moravam em São Paulo... super frio tal... Elas resolveram fazer uma sopa cheia de coisa né?... Que antigamente num tinha as facilidades de hoje *claro*... (AC 148, 80)

Brinton (1996 *apud* TRAUGOTT, DASHER, 2001), além de ver em casos semelhantes a esse, no inglês, marcas do falante para demonstrar que o conteúdo é um conhecimento compartilhado, menciona que tais itens marcam a saliência de uma parte da informação, justamente aquela que julga ser conhecida pelos envolvidos na comunicação. Essa marca de saliência fica clara em nossos dados, em termos prosódicos e devido à função pragmática de focalização, que já comentamos.

Essas interpretações remetem à idéia de Wichmann *et al.* (2010) de que os termos que passam pelo tipo de GR focado aqui atuam como marcador de heteroglossia ou polifonia. A polifonia é entendida pelas autoras, a partir de Bakhtin, como a presença de outros textos dentro de um texto, explicada pela inserção do autor num contexto que já inclui previamente textos anteriores que lhe inspiram ou influenciam.

Fica inequívoca a forte atuação discursiva de *é claro/claro* e *é lógico/lógico* no português brasileiro. Como instauradores das várias vozes que compõem o discurso, podemos ver em (73) a marcação de cumplicidade com o ouvinte, ainda que, às vezes, o último não a estabeleça de imediato.

- (73) o interesse:: *é claro*:: era aquele antigo né?... que ainda existe  
Doc.: qual?  
Inf.: voto de cabresto (AC 143, L. 413)

Já em (74), a seguir, também se estabelece cumplicidade, mas de uma maneira a preservar a face do locutor, já que a idéia adversativa (não abrir a escola *versus* ter responsabilidades com os alunos) é introduzida para que a imagem passada por quem fala não

resulte diferente daquela que era objetivada. A inserção de *é lógico* funciona como uma ressalva, uma antecipação àquilo que o ouvinte poderia pensar e que também é uma crença do falante: que não abrir a escola é uma irresponsabilidade.

- (74) hoje eu faço o que eu quero... se eu falar que eu num vou abrir a escola... vou abrir depois do almoço eu abro depois do almoço... *é lógico* se eu num se eu num tiver aluno... porque eu acho que é muito importante você ter um domínio sobre você... seus horários.. (AC 109, L. 46)

#### 4.3. Análise das construções com orações subjetivas na *Folha.com*

A investigação de um processo de mudança linguística em curso nos limites das orações matrizes de subjetivas faz-nos questionar o quão disseminado o fenômeno poderia estar na língua. Como vimos, é grande sua difusão na fala e, nessa seção, mostraremos até que ponto isso também ocorre na escrita.

Ainda que não adotemos uma visão dicotomizada de fala e escrita, reconhecemos a natureza mais conservadora da última, o que nos motiva a investigar se as mudanças que vimos observando já são incorporadas em textos escritos e, em caso afirmativo, de que maneira isso tem sido implementado.

A pesquisa na escrita incluiu todos os adjetivos encaixadores de orações subjetivas, que foram analisados de acordo com os mesmos fatores utilizados para a fala, a fim de comparar os resultados. Mesmo assim, serão, mais uma vez, enfatizados os resultados que dão conta dos predicados que vêm passando pelos processos de mudança.

Na modalidade escrita, com base nos dados coletados no caderno Ilustrada do jornal *on line* Folha.com, foram selecionadas 408 ocorrências de predicados encaixadores de orações subjetivas, sendo 225 conservadores e 183 inovadoras.

Começando pelas conservadoras, a tabela abaixo mostra quais adjetivos fazem parte de cada classe semântica.

<i>Types gerais</i>	Avaliativos	Epistêmicos	Deônticos	Modalidade dinâmica	Frequência	Atitude emocional
<i>Types específicos</i>	Normal, fácil, curioso, justo, injusto, importante, complicado, óbvio, comum, conveniente, estranho, inútil, natural, nítido, raro, melhor, difícil, bom, aceitável, interessante.	Claro, certo, lógico, provável, evidente, possível.	preciso, permitido, proibido, inevitável, necessário, impossível.	Possível.	Difícil.	triste, engraçado, horrível, agradável, lamentável.

Quadro 12: Classes e tipos semânticos de predicados matrizes de orações subjetivas na modalidade escrita

Assim como na fala, há maior número de predicados Avaliativos, o que resulta na maior participação de itens dessa classe semântica no corpus:

Classe semântica	% de ocorrências dentre as construções conservadoras
Avaliativos	40%
Epistêmicos	23,5%
Deônticos	20%
Atitude Emocional	10,6%
Modalidade Dinâmica	5,3%
Frequência	0,4%

Tabela 6: Participação das classes semânticas como encaixadores de orações subjetivas no total de ocorrências da escrita (Folha.com)

Os principais predicados Avaliativos que aparecem dentre as construções canônicas são *Difícil* e *Fácil*. Quase sempre encaixando orações não-finitas, esses itens estão sempre em posição inicial, típica para as matrizes de orações subjetivas. Os casos típicos de ocorrências com esses predicados estão exemplificados abaixo.

- (75) E é *difícil* não invejar sua liberdade. Os que admiram a atitude do cartunista se inspiram nele e pensam: ele tem coragem de fazer o que quer, por isso é o meu herói. (FSP, *Quem tem inveja do Laerte*, 06/11/2010)
- (76) É *fácil* imaginar a razão desse sucesso. (FSP, *Marcus Preto: Amar ou odiar A Banda Mais Bonita da Cidade?*, 20/05/2011)

Os principais Epistêmicos dentre as construções conservadoras não incluem *claro* e *lógico*. Nesse grupo, destacam-se, em frequência, os itens *possível* e *provável*. Sempre antecedidos pelo verbo *ser* na terceira pessoa do singular no presente do indicativo, esses predicados foram responsáveis também por algumas orações subjetivas com subjuntivo.

- (77) É *possível* ainda que um novo nome se agregue à lista obtida com exclusividade pela folha. (FSP, *Panorama do MAM-SP reincorpora brasileiros após polêmica* 28/06/2011)
- (78) Winehouse morreu em sua casa em Londres em 24 de julho, aos 27 anos, então é *provável* que as vendas aumentem ainda mais. (FSP, *Venda de músicas de Amy Winehouse*, 27/07/2011)

Os principais Deônticos são *preciso* e *proibido*. Apesar de poderem encaixar oração subjetiva finita, esses predicados, na grande maioria dos casos, combinam-se com oração menos sentencializadas, com verbo no infinitivo.

- (79) É *preciso*, aqui, que se explique que os filmes produzidos por grandes estúdios, como Warner e Fox, são lançados por essas mesmas companhias. (FSP, *Mercado de filmes tem reação após crise*, 18/02/2011)

- (80) Para a gente ver que, para fazer graça, não basta ser bem-humorado. *É preciso* ser generoso. Fala, macaco Simão! (FSP, *Em novo livro, José Simão retrata "Hilária História do Brasil"*, 18/06/2011)
- (81) *É proibido* fazer a chamada cobrança "no tiro", ou seja, cobrar um preço fixo, preestabelecido, sem respeitar o marcador eletrônico. (FSP, *Após 21 anos, Paul McCartney volta para show no Rio*, 22/05/2011)

Os principais predicados de Atitude Emocional dentre as construções conservadoras são *engraçado* e *horrível*, que sempre encaixam orações não-finitas.

- (82) O envelhecimento era outra coisa que o preocupava, que nunca quis uma vida "longa" e considerava que envelhecer era *horrível*. (FSP, *Michael Jackson achava que Madonna era apaixonada por ele*, 25/09/2009)
- (83) Foi *engraçado* ver como Natália reagiu quando Maurício despachou Michelly para o paredão. (FSP, *Tony Goes: antipatia e abraços gratuitos*. 23/01/2011)

Todas as ocorrências classificadas como de Modalidade Dinâmica têm o predicado *possível*, que, nesses casos, caracteriza um evento em termos das condições físicas ou circunstanciais que possibilitam sua ocorrência, sem que isso dependa do falante.

- (84) Agora *é possível* ver reproduzidas pela primeira vez algumas cenas que até então nunca haviam saído dos negativos de vidro. (FSP, *IMS reúne imagens da família imperial*, (27/07/2011)

O único predicado de Frequência é o predicado *difícil*, com sentido de *esporádico*, *raro*, sempre encaixando oração não-finita.

- (85) Hoje, *é difícil* zapear pela TV paga sem cruzar com a Supernanny Jo Frost ou uma das genéricas que deixou pelo caminho. (FSP, *"Supernanny" americana*, 12/09/2010)

As características estruturais das construções conservadoras na escrita são idênticas aos traços encontrados na fala, com cópula na terceira pessoa do singular do presente do indicativo antecedendo o adjetivo, independentemente da sua classe semântica.

Já os verbos das orações encaixadas podem ter diferentes traços modo-temporais. Relacionando essa configuração à semântica do adjetivo encaixador, vemos que, embora aptos a encaixar orações finitas, os predicados Avaliativos em construções conservadoras também se destacam pela combinação com orações não-finitas: 80% dos 90 casos encontrados protagonizam construções com esse formato.

- (86) Para quem acha que são os homens que devem tomar a iniciativa da paquera, os especialistas são enfáticos: *é importante* mandar sinais de interesse. Muitos. (FSP, *Em clima de Dia dos Namorados, TV explora estatísticas do amor, 11/06/2011*)

Como encaixadores de complementos menos sentenciais, os Avaliativos combinam-se também com orações com subjuntivo, como em (89).

- (87) Mas, espera, não é *normal* que as pessoas namorem, beijem, fiquem? (FSP, *Por que Justin Bieber e Luan Santana não podem ter namorada, 21/09/2010*)

Predicados Deônticos também encaixam predominantemente orações com verbo no infinitivo (83% dos casos). O predicado *preciso* foi o único Deôntico que apareceu encaixando oração finita, como se vê em (88).

- (88) *É preciso*, aqui, que se explique que os filmes produzidos por grandes estúdios, como Warner e Fox, são lançados por essas mesmas companhias. (FSP, *Mercado de filmes tem reação após crise, 18/02/2011*)

Os predicados de Atitude Emocional e de Modalidade Dinâmica são tipicamente encaixadores de orações não-finitas. No grupo dos de Atitude Emocional, 92% das 24

ocorrências têm o verbo no infinitivo. No grupo de predicados de Modalidade Dinâmica, dentre 12 ocorrências, exatamente o mesmo percentual de casos aparecem com verbo nessa forma.

- (89) Desde Woodstock, em 1969, a terra molhada tem sido associada a festivais de música, hippies e liberdade. O que não significa que seja *agradável* assistir a um show com o pé enfiado na lama gelada. (FSP, *Festival SWU espera 50 mil pessoas por dia*, 06/10/2010)
- (90) Victoria Beckham publicou neste domingo no Twitter a primeira foto de sua filha recém-nascida, Harper Seven, na qual é *possível* ver o pai, o jogador de futebol David Beckham, embalando o bebê. (FSP, *Victoria Beckham posta no Twitter 1ª foto de sua filha Harper Seven*, 17/07/2011)

Os predicados Epistêmicos, como esperado, encaixam sempre orações finitas, como exemplificam (91) e (92).

- (91) É evidente que a vida para um profissional de nível superior é mais fácil. (FSP, *A diáspora conta suas razões*, 14/07/2011)
- (92) Emma Smith, da Universidade de Oxford, citada nesta quarta-feira pela rede britânica "BBC", diz que é *muito provável* que *Shakespeare tenha sabido do fato, que ressurgiu em sua mente enquanto escrevia a poética cena da morte de Ofélia*. (FSP, *Morte de prima pode ter inspirado Ofélia de Shakespeare*. 08/06/2011)

Na modalidade escrita, o subjuntivo fez-se mais presente do que na fala, o que pode ser considerado comum (GONÇALVES, 2011), devido à maior preservação das regras da norma culta em textos escritos. A responsabilidade pelo encaixe de orações com esse modo verbal ficou por conta de predicados Avaliativos como *normal* e Epistêmicos negados como *certo*, como exemplificam (93) e (94).

- (93) É normal que no carnaval os homens se vistam de mulher. (*FSP, Quem tem inveja do Laerte, 06/11/2010*)
- (94) Ainda não é certo que os filmes sejam produzidos. (*FSP, Contrato de atores de Glee é renovado, 18/06/2010*)

No universo das construções conservadoras, qualquer que seja a classe semântica, a posição inicial do adjetivo é soberana, chegando a 98% dos casos. Mais um indicativo dessa prototipicidade é a presença do complementizador *que* para encaixamento das orações finitas, mecanismo reconhecidamente responsável por tornar evidente o vínculo entre as orações (LEHMANN, 1988).

Os predicados Epistêmicos opõem-se a todos os outros no que diz respeito à unidade semântica encaixada, pois somente eles combinam-se, majoritariamente, com conteúdos proposicionais, dada a presença de predicados fortemente asseverativos dentro desse grupo. Tal resultado corrobora o de Santana (2010), que pontua que predicados de Atitude proposicional e de Conhecimento, que, de certa forma, podem ser relacionados aos Epistêmicos, selecionam Proposição.

As ocorrências abaixo demonstram a relação entre a semântica do predicado e a unidade encaixada, na seguinte ordem: Avaliativos, Deônticos, de Modalidade Dinâmica, de Atitude Emocional e Frequência, com os respectivos Estados-de-coisa destacados e, os Epistêmicos, com destaque na Proposição.

- (95) Ora, convenhamos... É melhor ver uma "miss" na televisão e ler o Veríssimo do que o contrário. (*FSP, Renato Kramer: Crônica de uma miss anunciada, 28/01/2011*)
- (96) É necessário também cobrar times mais compactos e mais bem posicionados no gramado. (*FSP, Tática: palavra proibida, (19/07/2011)*)
- (97) Além disso, é possível ver fragmentos do filme de oito horas "Empire", do curta-metragem "Blow Job", e do retrato cinematográfico dos dois ícones do pop "Warhol e Lennon". (*FSP, Exposição mostra relação entre Andy Warhol e John Lennon, 17/06/2011*)

- (98) Foi *engraçado* ver como Natália reagiu quando Maurício despachou Michelly para o paredão. (FSP, *Tony Góes: antipatia e abraços gratuitos*, 23/01/2011)
- (99) Hoje, é difícil zapear pela TV paga sem cruzar com a Supernanny Jo Frost ou uma das genéricas que deixou pelo caminho. (FSP, *"Supernanny" americana lança programa de dicas da TV paga*, 12/09/2010)
- (100) Ele ri, eu rio, alguém que está ouvindo na sala ao lado ri. É *claro* que Godard é contra todo o conceito capitalista burguês. (FSP, *O autor está morto*, 22/07/2011)

No universo da escrita, poderia haver alguma marcação que indicasse mudança prosódica relacionada às construções com orações subjetivas, como vírgulas. Com as construções conservadoras, não há nenhuma pista de pausa ou alteração no contorno entoacional visto que, dada a integração entre matriz e encaixada, a sinalização de pausas ou outro dado prosódico é vedada.

#### 4.4. Construções inovadoras na *Folha.com*

O predicado *claro* é o que mais se envolve em construções inovadoras na modalidade escrita, protagonizando 136 dos 183 casos encontrados. É interessante mencionar que o predicado em questão apareceu em apenas 11 casos de expressões conservadoras, isto é, com cópula, em posição inicial e encaixando seu complemento por meio do *que*. *Lógico*, adjetivo tão produtivo na modalidade falada, aparece em apenas três casos na escrita, já parentetizado, como se vê abaixo.

- (101) As duas exceções, *lógico*, estão no álbum recém-lançado. James Taylor aparece com "Carolina in My Mind", amostra do bitter sweet pop que consolidaria nos anos 1970 ao lado de nomes como Carly Simon e Jim Croce. (FSP, *Coletânea reúne artistas*, 18/06/2011)

- (102) Segundo testemunhos das *sisters* ao Bial (na parte exibida ao vivo) e os trechos gravados durante a tarde na piscina, ele parece ser um talentoso passador de bronzeador em meninas deitadas de bumbum para cima. Era merchandising do bronzeador, *lógico*, mas ainda pornô soft. (FSP, *Thales de Menezes: "BBB11" é pornô soft em horário nobre*, 28/01/2011)
- (103) Ela, mesma emparedada, não demonstra a menor ansiedade. Parece que pagou todo o seu carma com Mau-Mau e, desde que ele saiu da casa, vive sempre alegre e feliz. Continua "mariando", *é lógico*. Ontem cometeu a façanha de errar absolutamente todas as perguntas da última prova do líder. (FSP, *O último paredão*, 27/03/2011)

A posição predominante de *claro* na escrita é a posição medial (61% dos 136 casos) seguida da posição final (22%). Em posição inicial, o item pode ocorrer de duas maneiras: sem cópula, porém ainda encaixando a oração por meio do complementizador (44%) ou já na forma parentetizada (56%).

- (104) *Claro que* o meio/fim dos anos 1960, com Beatles, Stones, Beach Boys, Who, Kinks, Dylan e tantos outros, ainda é imbatível em termos de inventividade. (FSP, *Interseção entre rock e pop*. 02/05/2011)
- (105) Resumindo: "pegou o bonde andando" e já está sentado na janelinha da frente! *Claro*, nenhum demérito nisso, afinal sorte é para quem tem! (FSP, *Renato Kramer: sessão nostalgia*. 28/03/2011)

O item (*é claro*) pode ocorrer entre elementos, quebrando a adjacência, por exemplo, de verbo e objeto, o que reforça o funcionamento do item como focalizador de um termo.

- (106) A festa teve ainda uma apresentação do Acrobático Fratelli, as indefectíveis mensagens de parabéns de famosos --incluindo as de Ronaldo e da apresentadora Xuxa, que cantou "Parabéns da Xuxa"-- e, *claro*, bolo. (FSP, *Tiago Leifert comanda aniversário*. 17/06/2011)

Por meio do trabalho de Wichmann *et al.* (2010), associamos nossos resultados àqueles com o Marcador *of course*, que também se destaca pela possibilidade de aparecer

inserido entre constituintes essenciais da sentença. Para Quirk *et al.* (1985 *apud* WICHMANN *et al.*, 2010), tal comportamento revela uma estreita relação entre o item que está ao lado de *of course*. Observando nossos dados, é possível concluir que o termo escopado pelo marcador em questão pode estar antes ou depois deste. No caso de (108), *claro* recai sobre *bolo*, isto é, o parentético anuncia que a informação que virá em seguida é esperada, e, como tal, é uma expectativa compartilhada com o ouvinte/leitor.

O córpus da língua escrita possibilitou-nos enxergar a existência de outros adjetivos comportando-se semelhantemente a *claro*. Chama atenção a presença de outros adjetivos que ocorrem sem cópula, do grupo dos Avaliativos e de Atitude Emocional, tais como *importante*, *impossível*, *interessante*, *triste*, *bom*.

Conforme discussão anterior, quando se tem um adjetivo encaixando oração subjetiva, a relação sintática da encaixada é com a cópula suporte que antecede esse predicado e carrega as noções modo-temporais, mas a relação semântica é com o próprio adjetivo. Sendo assim, com a cristalização dessa estrutura na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, deixa de ser necessário enunciar a cópula, de modo que o predicado passa a figurar sem esse recurso, encaixando a subjetiva. Isso quer dizer que não detectamos ainda o uso parentético de tais itens, apenas um indício de mudança, sinalizado pela ausência da cópula, como se vê nas ocorrências abaixo.

- (107) *Triste* um programa de TV fazer a gente lembrar que ainda tem muita gente que acha que o mais importante é "levar vantagem em tudo" (FSP, *Nina Lemos: BBB promove revival de lei de Gerson*, 24/01/2011)
- (108) Desde os primeiros versos, *impossível* não imaginar que a canção dramatiza, com leveza e ironia, o namoro entre o autor e a cantora Thais Gulin. Ambos dividem ainda a voz em "Se Eu Soubesse". (FSP, *Chico Buarque faz música de sua literatura em novo álbum*, 15/07/2011)
- (109) De volta ao Complexo do Alemão. *Muito bom* ver que o Exército continua aqui. E que a paz impera. Que isso se multiplique", escreveu o apresentador. (FSP, *Luciano Huck visita Complexo do Alemão e publica foto no Twitter*, 04/04/2011)

- (110) *Importante* dizer que enquanto o processo administrativo estava em andamento o Sr. Milton Coitinho e sua procuradora foram notificados judicialmente para darem explicação e devolverem as quantias recebidas. (FSP, *Écad pagou R\$ 128 mil a autor errado*, 26/04/2011)
- (111) *Interessante* notar que as séries não abandonam o universo atual infantojuvenil, tratando de videogames, computadores e até de uma espécie de Ben 10 em versão tupiniquim. (FSP, *TV pública banca 17 novas animações com R\$ 5 milhões*, 22/01/2010)
- (112) *Engraçado* essa palavra estar tão em voga no programa. Ela é usada por sujeitos que decidem, do alto da pretensão que lhes cabe, formar um paredão só de homens para a final. (FSP, *Nina Lemos: Correção política de vitrine não engana ninguém*, 12/03/2011)

Há, por outro lado, outros Epistêmicos, não vistos na fala, ocorrendo de maneira parentética, com ou sem o verbo suporte e parentetizados, totalmente identificados com o estatuto de parentético epistêmico. Há, inclusive, preferência pela posição medial na escrita, colocação altamente marcada e, a nosso ver, ligada à focalização do item escopado, que pode anteceder ou preceder o parentético.

- (113) Não há um número preestabelecido de artistas brasileiros na Bienal, embora a insipiência e a fragilidade dos mecanismos institucionais para absorção e circulação da produção artística existentes no Brasil --principalmente se comparados com os de um país como a Alemanha-- até possam justificar uma presença relativamente forte de artistas brasileiros na mostra. Desde, *é evidente*, que isto não signifique uma posição paternalista ou implique um rebaixamento dos padrões adotados para o conjunto da mostra. (FSP, *"Quero reavaliar a arte brasileira"*, diz curador da Bienal de SP, 03/09/2009)
- (114) Aparentemente, Gallet foi esfaqueado e teve a bochecha esquerda arrancada por um tiro (Simenon também sabia ser macabro). É a vítima, *evidente*. Algumas páginas adiante, porém, descobriremos que era também um pequeno vigarista. (FSP, *Tática: palavra proibida*, 19/07/2011)
- (115) Chama a atenção que a poeta Maria Gadú, nascida Mayra Corrêa Aygadoux, tenha encolhido seu complexo sobrenome francês para uma palavrinha tão simples que qualquer bebê pode balbuciar. De Aygadoux para Gadú fica mais fácil, *é certo*. (FSP, *"Shimbalaiê" e "Tchubaruba" compõem gênero musical "criancês"*, 23/02/2011)

- (116) *Certo*, a realidade sempre foi mais complexa do que a nossa apreensão dela. (FSP, *Amor por política e leitura*, 29/06/2009)
- (117) Para o álbum solo, Slash colecionou participações de amigos, incluindo os integrantes da formação clássica do Guns: Izzy Stradlin, Duff McKagan e Steven Adler. Todos, menos Axl, *óbvio*. (FSP, *Ainda na carona do Guns N' Roses*, *Slash faz show em São Paulo*, 07/04/2011)
- (118) Boninho percebeu, *óbvio*, e vai trocar dois participantes neste domingo por um casal recém-chegado. (FSP, *Tony Goes: Afinal, quantos "BBBs" estão no ar?*, 27/01/2011)

É relevante observar que o uso inovador dos itens *evidente* e *certo* como parentéticos epistêmicos vem despontando na escrita, visto que as ocorrências expostas acima são a totalidade do que foi encontrado no corpúsculo. A GR ocorre no âmbito do predicado, que, de encaixador passa a ser um parentético, e a dessentencialização é o mecanismo que se observa depois que a GR ocorre nesses casos, pois, sem um encaixador, a estrutura que subordinava uma outra deixa de existir e o complexo oracional torna-se uma construção simples.

Vale mencionar que os predicados destacados são todos da mesma natureza, ou seja, Epistêmicos, por marcar o conhecimento do falante diante do conteúdo proposicional, e asseverativos (CASTILHO; CASTILHO, 2002), por acentuarem a certeza do falante diante do que é dito. Se a semântica desses marcadores é a mesma, não é difícil perceber que o tipo de sentença a eles relacionada também é igual: são sempre orações com formas finitas, que representam conteúdos proposicionais.

Mais um fator fortemente observado na escrita foi a pontuação utilizada para assinalar os usos parentéticos dos itens analisados. Em 100% dos casos em que o adjetivo perdeu todas as suas marcas de encaixador, há pausas indicadas por vírgulas, notificando que a pronúncia é diferenciada, em virtude da função que se quer expressar. Essa interpretação nos conduz à retomada de nossa análise das construções da fala, ocasião em que afirmamos haver marcas de entoação próprias da natureza de parentético que os predicados ganharam. Na escrita, isso

se evidencia pela preocupação dos escritores em revelar, por sinais de pontuação, a maneira como o item se relaciona com a frase.

A alta utilização desses parentéticos epistêmicos na escrita parece ter explicação em dois pontos principais: a função pragmático-discursiva cumprida pelo item e a natureza dos textos do caderno selecionado na *Folha.com*. Quanto ao primeiro fator, estão na base deste trabalho as considerações de Traugott (1995, 2003, 2010) sobre o processo de subjetivização, entendida como “a forma pela qual as línguas naturais, em sua estrutura e maneira própria de operação, fornece para o falante meios de expressão de suas crenças e atitudes” (LYONS, 1982 *apud* TRAUGOTT, 2012, p. 33 )

Experimentada por alguns itens em processo de GR, a subjetivização se traduz pelo recrutamento de itens do campo proposicional, que corresponde a todos os recursos linguísticos que viabilizam a fala sobre qualquer conteúdo extralinguístico, para o nível expressivo, que abrange todos os recursos capazes de expressar atitudes e avaliações do falante em relação àquilo que está sendo dito. Destacam-se, nesse nível, modalizadores, conectores argumentativos, marcadores de pressuposição, os índices de polifonia e também os marcadores discursivos. A proposta é que, ao passar pelos processos de mudança que atingem seus aspectos sintáticos e semânticos, alguns itens tornam-se cada vez mais ancorados no contexto do ato de fala e mais reveladores das atitudes do falante.

Nesse sentido, contrapondo-se às perdas, propostas por tantos autores quando se fala em GR (HOPPER, 1991; LEHMANN, 1982 entre outros), há os ganhos de ordem pragmática, já que, além da subjetivização, o item pode passar a codificar intersubjetividade, ou a relação entre falante e ouvinte.

Para deixar mais evidente essa trajetória, Traugott (2010) assinala que, inicialmente, significados são recrutados pelo falante para codificar e regular suas atitudes e crenças diante do que é dito e, uma vez subjetivizada, a mesma expressão é recrutada para expressar a

relação falante-ouvinte. Fica claro que esse processo está ligado à mudança semântica que ocorre na GR, já que a polissemia sofrida por um item é que permite que ele passe a transitar pelos domínios ideacional, textual e, finalmente, interpessoal.

A natureza dos textos selecionados na *Folha.com* também nos dá alguma pista sobre o caráter intersubjetivo de itens como *é claro/ claro* e *é lógico/lógico*. Coletadas no caderno *Ilustrada*, nossas ocorrências fazem parte de textos em linguagem formal distensa, o que significa que há maior liberdade vocabular e de relação com o leitor. Observamos que as ocorrências atuam em contextos em que são pontuadas informações supostamente conhecidas pelos envolvidos na interação. Além disso, busca-se aquilo que Witchmann *et al.* (2010) chamou de solidariedade no discurso, a qual só é possível quando se reconhece a natureza dialógica deste. O dialogismo, por sua vez, pode ser entendido como um equilíbrio das responsabilidades pelo conteúdo enunciado, as quais passam a ser divididas entre falante e ouvinte, quando o primeiro pressupõe que o último já tinha conhecimento e, dessa forma, aceita aquilo com o que o emissor se compromete.

O escritor dos textos da *Ilustrada*, ao tratar de temas que não se direcionam a leitores especializados no assunto, opta por envolver estes últimos no discurso, estabelecendo proximidade ao lhes revelar que crê fortemente na identificação entre si mesmo e seu público. Isso se dá pela evidenciação, no texto, do quanto de informações, opiniões e conhecimentos o enunciadador julga ter em comum com o seu receptor, o que é marcado pelos itens analisados. Quanto maior o uso desses marcadores, maior é a quantidade de conhecimentos compartilhados e mais aberta se torna a via de comunicação falante-ouvinte.

A GR de adjetivos epistêmicos e seu comportamento identificado com o de advérbios é reafirmado quando encontramos ocorrências como a seguinte:

- (119) O filósofo Hugo Adam Bedau, um dos maiores pensadores modernos sobre a matéria, escreveu abundantemente sobre isso: a pena capital nada restitui e nada retribui.

*Logicamente*, não restitui as vítimas à vida --e pouco interessa se falamos de uma, de oito, ou de oito mil. (FSP, *Penas de vida*. 30/05/2011)

- (120) Entretanto, o tempo necessário para a adaptação e o treinamento de pessoas no novo sistema pode gerar problemas, como já vem sendo relatado por alguns órgãos na esfera federal.  
Torvalds, *logicamente*, defende a mudança. (FSP, "As pessoas são resistentes a mudanças", diz criador do Linux. 31/08/2010)
- (121) *Claramente* essa pessoa não estava autorizada a fechar compromissos em nome dela. (FSP, *Trote coloca Lindsay Lohan em programa*. 16/02/2011)
- (122) *Evidentemente* que o governo Lula aparelha o Estado, é viciado de uma forma que não achei que seria, do toma-lá-dá-cá, da aliança cretina por conta da chamada governabilidade. ("*Fiz o maior esforço para ficar grisalho*", diz Wagner Moura sobre "*Tropa de Elite 2*". 11/05/2010)

Essas ocorrências mostram semelhança com aquelas já analisadas de adjetivos epistêmicos que, ao se gramaticalizarem, transformam-se em parentéticos epistêmicos. Nesses casos, o próprio advérbio correspondente encontra-se parentetizado, funcionando da mesma maneira que o item gramaticalizado, inclusive no que diz respeito à liberdade de colocação. Esse intercâmbio é reforçado pela ocorrência (122), já que o advérbio *evidentemente* aparece como encaixador, papel que, canonicamente, seria cumprido pela expressão *é evidente que*. Atesta-se, assim, a imprecisão categorial quando se trata de adjetivos e advérbios epistêmicos que encaixam orações subjetivas.

#### **4.5 Predicados epistêmicos com complemento em posição de sujeito na história do PB (séculos XVIII, XIX e XX)**

Na busca por mais evidências da mudança linguística que ocorre com alguns adjetivos encaixadores de orações subjetivas no PB, optamos por recuar na história da língua a fim de

observar o comportamento dos itens que passam por GR em períodos anteriores. Julgamos que uma retomada dos últimos quatro séculos poderia nos apresentar alguma informação relevante sobre tais adjetivos, considerando que esse é o período que compreende o nascimento de uma língua verdadeiramente brasileira (MATOS e SILVA, 2004).

Embora estivéssemos pesquisando dados históricos dos adjetivos que hoje já funcionam como parentéticos, decidimos coletar ocorrências de todos os adjetivos encaixadores de subjetivas, com o intuito de comparar com o comportamento do mesmo tipo de estrutura no PB atual (já descrito por meio da análise do Banco de Dados Iboruna e da Folha.com), principalmente se detectarmos alguma semelhança ou diferença que nos ajude a explicar os fenômenos. Assim, as ocorrências selecionadas foram tabuladas e analisadas de acordo com os mesmos fatores, os quais deram origem a resultados que foram cruzados e passarão agora a auxiliar na discussão do objeto de estudos.

A primeira observação sobre o comportamento histórico das orações subjetivas encaixadas em predicados adjetivais diz respeito a quais adjetivos ocorrem em cada uma das sincronias investigadas, informação constante no quadro 13 abaixo.

Século XVIII	Século XIX	Século XX
Certo, claro, preciso, conveniente, evidente, justo, melhor, necessário, bom, fácil, útil, impossível, interessante	Natural, claro, evidente, necessário, possível, útil, fácil, melhor, preciso, inútil, impossível, provável, importante, conveniente, difícil, certo, lícito, raro, indispensável, singular, inverossímil	Impossível, possível, provável, preciso, melhor, claro, bom, prudente, natural, certo, evidente, fácil, difícil, óbvio, despropositado, admissível, mister, estranho, compreensível, lícito, sabido, lastimável, inegável, crível, inadmissível, justo, curioso, indispensável, inegável, falso, indiferente.

Quadro 13: Predicados matrizes adjetivais encaixadores de orações subjetivas na história do PB (século XVIII a XX)

Observam-se, nos três séculos a ocorrência de 39 diferentes tipos específicos de predicados matrizes adjetivais, em 273 ocorrências. São comuns aos três períodos apenas sete tipos, quais sejam: *certo, claro, evidente, fácil, impossível, melhor e preciso*. A diversidade de materiais selecionados para a investigação histórica pode ser uma primeira explicação para a maior variância de classes semânticas do que nos *corpora* que compõem a sincronia contemporânea o PB. A natureza semântica é base para o quadro 14 abaixo.

Século / Classe sem.	XVIII	XIX	XX
Avaliativos	Conveniente, justo, melhor, bom, fácil, útil, interessante	Natural, útil, fácil, melhor, inútil, importante, conveniente, difícil, raro, singular, inverossímil	Melhor, bom, prudente, natural, fácil, difícil, inegável, inadmissível, notável, justo, curioso, indiferente, estranho, despropositado, raríssimo, admirável, urgente
Epistêmicos	Certo, claro, evidente	Claro, certo, evidente, possível, provável.	Claro, certo, Possível, provável, evidente, óbvio, crível, falso
Deônticos	Preciso, necessário, impossível	Necessário, preciso, impossível	Impossível, preciso, inevitável, indispensável, lícito, mister,
Atitude Emocional	-	-	Lastimável
Atitude Mental	-	-	Sabido, compreensível
Modalidade Dinâmica	-	-	Possível

Quadro 14: Classes e tipos semânticos verificadas em cada século na história do PB

Com base no quadro acima, um primeiro dado que se destaca é o crescimento de variedades de tipos semânticos gerais de predicados adjetivais encaixadores de orações subjetivas do século XIX para o século XX, de três para seis diferentes classes. Como já observado anteriormente, mantêm-se estáveis nas três sincronias dois tipos específicos da classe dos Avaliativos (*fácil, melhor*), três da classe dos Epistêmicos (*certo, claro, evidente*) e dois da classe dos deônticos (*preciso, impossível*).

Ainda sobre essas classes semânticas gerais que se mantêm estáveis nas três sincronias, a que mais cresce em tipos específicos é a classe de predicados Avaliativos, que salta de sete tipos no século XVIII, para 11, no século XIX, chegando a 17 tipos no século XX. A classe dos Epistêmicos e Deônticos mantêm-se praticamente com os mesmos tipos específicos.

É no século XX, no entanto, que são encontrados três novos tipos gerais não ocorrentes nas sincronias anteriores: predicados de Atitude Emocional, de Atitude Mental e de

Modalidade Dinâmica, com no máximo dois tipos específicos de predicado participante de cada uma dessas classes.

Ao darmos enfoque para as características formais das construções com orações subjetivas, observamos que, nos três séculos, há predominância de orações conservadoras, ou seja, constituídas por um adjetivo matriz antecedido de cópula, chegando a 90% das 273 ocorrências. No século XVIII, inclusive, apenas esse formato prototípico aparece, não havendo predicados adjetivais cujo comportamento distancie-se dos traços canônicos de um encaixador.

Associando os dados de todo o período estudado, há uma tendência de que a cópula suporte esteja sempre na terceira pessoa do singular do presente do indicativo (90% dos casos em que ocorre).

Quanto ao formato das orações encaixadas, assim como nos *corpora* que retratam o português brasileiro atual, nos dados diacrônicos os predicados de modalidade Epistêmica incidem somente sobre orações finitas. Em pesquisa também diacrônica, Gonçalves (2012, p. 13) observa a mesma tendência: “*modalidade epistêmica* codificada por predicados adjetivais, nominais e locuções incide somente sobre orações finitas”.

Predicados Deônticos, Avaliativos e de Modalidade Dinâmica encaixam, em geral, orações não-finitas, mas há ocorrências no presente do subjuntivo combinadas com os dois primeiros tipos, conforme mostram as ocorrências abaixo.

- (123) *He preciso* que a grandeza das panelas seja proporcionada á das formas. (*O fazendeiro do Brasil, XVIII*)
- (124) Perdão, *é preciso* que *saibam*: não me presto exclusivamente aos cavalinhos... tenho uma companhia de zarzuelas. (*Viagem ao parnaso, XIX*)
- (125) Afeito ao aspecto imponente do litoral do Sul onde as serras altíssimas e denteadas de gnaisse recortam vivamente o espaço investindo de um modo soberano as alturas, é

*singular* que o observador *encontre* aqui a mesma majestade e a mesma perspectiva sob aspectos mais brandos. (*Diário de uma expedição, XIX*)

- (126) Todavia *he fácil* conhecer quanto a presença do corpo mucoso doce, e assucarado pôde ofender a extracção do Assucar. (*O fazendeiro do Brasil, XVIII*)
- (127) Ah! Coração! Isso é que não pode ser! Hoje em dia não *é possível* viver em família! (*O tribofe, XI*)

Já vimos que predicados de Atitude Emocional podem encaixar tanto orações finitas como não-finitas, o mesmo se aplicando aos predicados de Atitude Mental. Como houve poucas ocorrências dessas duas classes semânticas nos dados diacrônicos, fica claro que o formato da encaixada depende da classe semântica de cada um dos adjetivos que podem ser alocados nesses grupos.

Deve-se destacar também a pequena variação temporal das subjetivas encaixadas em predicados Epistêmicos, pois 80% das 96 ocorrências aparecem no presente. Considerando que a própria natureza dessa construção é expressar atitude do falante, muito frequentemente, a avaliação do usuário sobre o conteúdo da oração encaixada é concomitante com o tempo presente da enunciação, como observa Gonçalves (2003, p. 72): “a evidência mais clara da subjetividade da ME [modalidade epistêmica] é o fato de os modais mais relevantes ocorrerem sempre no tempo presente, uma vez que o julgamento feito pelo falante ocorre simultaneamente ao ato de fala”. Predicados das demais classes semânticas também preferem o presente do indicativo, embora possam, quando finitas, encaixar orações com configurações modo-temporais diversificadas.

Quanto à unidade semântica encaixada, há confirmação da mesma tendência observada nos dados sincrônicos: predicados de modalidade epistêmica encaixam proposição, enquanto predicados Deônticos e Avaliativos não-modais encaixam estado-de-coisas.

Considerando a predominância de construções canônicas nos dados dos séculos XVIII, XIX e XX, não é difícil perceber que a ordem não marcada, com a matriz em primeira posição, é a mais frequente nas ocorrências. Conforme já mostramos, dois fatores parecem concorrer nessa colocação: de um lado temos a maior relevância pragmática da subjetiva e, de outro, o fato de ela ser sintaticamente mais pesada do que a matriz. Nos casos em que a oração subjetiva é bastante dependente de sua matriz devido ao seu verbo infinito (cf. seção anterior), não há possibilidade de que ela se “desgarre” da matriz (DECAT, 2011), prevalecendo a ordem subordinante + subordinada. Porém, quando há na subjetiva condições para ela se sustentar sozinha, ela toma a posição mais à esquerda do complexo oracional, ficando na privilegiada posição inicial. O ponto-chave a se ressaltar é que a avaliação, que antes encaixava o conteúdo da subjetiva, não é descartada nem enfraquecida, codificada de outra maneira, o que dá origem às construções inovadoras.

Não há nenhuma indicação do que poderia ser uma marca prosódica entre a matriz e a subjetiva, o que indicia o vínculo existente não entre eventos, mas entre a avaliação e o estado-de-coisas ou proposição sobre o qual ela recai. O único material interveniente entre matriz e completiva é o complementizador *que*, no caso das finitas.

Nos dados do século XIX, há presença de construções inovadoras, ainda que com frequência baixa, apenas três casos, mostrados abaixo.

- (128) *Impossível* formar-se a mais leve idéia sobre a situação. (*Diário de uma expedição, XIX*)
- (129) Vivo de versos, *é certo...* (*Viagem ao parnaso, XIX*)
- (130) Chegamos à uma hora da tarde, depois de cinco horas de viagem sob um sol abrasador, através das caatingas intermináveis, por uma estrada magnífica, *é certo*, mas cujo leito arenoso multiplica enormemente os ardores da canícula. (*Diário de uma expedição, XIX*)

Em (128), o adjetivo *impossível* encaixa uma oração com baixo grau de sentencialidade, por ter seu verbo na forma não-finita. A modalização Deôntica, que recai sobre o evento representado na encaixada, instaura-se sem o recurso da cópula, permanecendo a relação semântica da completiva com o predicado.

Já em (129) e (130), pode-se observar o predicado *certo* em sua forma parentetizada. De acordo com Soares (s/d), *certo* significa “exato, evidente, infalível, em que não há erro, previamente combinado, ajustado, convencionado”. Essas últimas acepções do adjetivo parecem mostrar seu caráter de elemento ligado a conhecimentos compartilhados, o que é reforçado quando, de encaixador, ele passa a parentético, portando contorno entoacional próprio e predicando sobre a proposição. A diferença entre (129) e (130) é que nesta última ocorrência *é certo* focaliza um elemento do complexo oracional, aquele que está a sua esquerda. Vale lembrar que a presença da cópula não impede as mudanças no estatuto do adjetivo, já que esse recurso, por carregar noções modo-temporais já consagradas para esse tipo de avaliação, acopla-se ao predicado e passa a funcionar como “parte” dele.

Embora compartilhe com os outros dois séculos o perfil das construções conservadoras, o século XX já apresenta mais construções inovadoras. Como no século anterior, a maioria delas não ocorreu nas peças de teatro, que reproduzem a fala, e, portanto, em geral contam com menor formalidade. Ao contrário do esperado, a maior parte das construções inovadoras ocorreu em textos técnicos, elaborados tanto conceitualmente quanto materialmente por meio da escrita, considerada mais conservadora.

Os predicados envolvidos em construções inovadoras foram *claro*, *certo*, *inútil* e *melhor*. Os dois últimos, na qualidade de encaixadores de orações não-finitas, diferenciam-se das construções conservadoras pela ausência de cópula. Sem esse recurso, a avaliação se torna mais enfática e ganha a atenção do ouvinte (FORTILLI, 2007). É o que vemos nas ocorrências (131) e (132).

(131) A reforma copiou o que já estava feito e, onde não copiou, modificou para pior. *Inútil* entrar em pormenores, que não cabem aqui (*A educação pública em São Paulo, XX*)

(132) *Melhor* seria que nos houvésemos casado (*O oráculo, XX*)

Já os predicados *claro* e *certo* aparecem tanto sem a cópula suporte quanto já na condição de parentéticos, como se observa nas ocorrências de (133) a (139).

(133) ZECA- Seu doutor, como delegado eu tenho que ser justo. Fui lá mesmo com gana de fazer o moço engolir o que disse. Mas ele me fez sentar e conversar. Me mostrou a lei que garante a ele dizer o que quiser. Lei feita pelos deputados, não sei se vosmincê conhece.

ODORICO – *Claro* que conheço. (*O bem amado, XX*)

(134) *Claro* que esta não poderia ser, e não foi a intenção de quem, de modo tão sensato, criticou os arrebiques com que arremedamos o progresso do estrangeiro no que ele tem de aparente e vistoso com desprezo pelo que é oculto, mas essencial. (*A educação pública em São Paulo, XX*)

(135) É justamente o período de maior florescimento do nosso teatro, que então realmente existiu com autores e atores nacionais, queridos e estimados do público. Entre os últimos havia, *é certo*, portugueses, mas êsses, quase todos domiciliados aqui, achavam-se de fato nacionalizados. (*História da Literatura Brasileira, XX*)

(136) *Certo*, em matéria de ensino normal e primário foram os republicanos de trinta anos atrás que lançaram num surto de idealismo produtivo as bases de sua organização. (*A educação pública em São Paulo, XX*)

(137) Seja que ainda pesa sôbre êles essa herança, seja porque continuam a preferir alcançar por tais meios o que só com fadiga e dificuldade lhes daria trabalho mais honesto, *certo é*, não desapareceu o costume de todo. (*História da Literatura Brasileira, XX*)

(138) E a isto se reduziam os principais argumentos contra a reforma. Não se levando em linha de conta, *é claro*, certos destampatórios sentimentais, como o daquele poeta que exigia a conservação do x e de outras jóias inestimáveis... em nome da estética (*O elogio da mediocridade, XX*)

(139) Pergunta: Qual a melhor forma de agir com o ensino primário?  
Resposta: A forma adotada pelo governo passado.

Pergunta: Qual a melhor solução: o ensino primário incompleto para todos ou integral para alguns?

Resposta: Coerente com a resposta dada à questão precedente, prefiro a primeira hipótese, desde, *é claro*, que o ensino se tornasse pelo menos tão completo quanto possível. (*A educação pública em São Paulo, XX*)

Os dois primeiros dados mostram o predicado *claro*, em posição inicial, encaixando uma oração finita e escopando-a em termos de modalização epistêmica, sem a presença da cópula e com a presença do complementizador, que denota que a encaixada ainda se conserva como relativamente dependente.

Já nos demais dados, encontramos *certo* e *claro* já sem a condição de encaixadores, funcionando como parentéticos epistêmicos. Tal constatação torna-se clara porque temos exatamente as mesmas condições linguísticas de ocorrência dos itens: com orações finitas, que podem sustentar-se sozinhas. Quanto a indícios prosódicos, há vírgula antes e depois, sugerindo pausas, o que mostra que, no contorno entoacional da frase como um todo há uma quebra imposta pela inserção (JUBRAN, 2006) de *é certo/é claro*.

Em (135), por exemplo, o marcador epistêmico *é claro*, antecedido e sucedido pelas pausas, incide sobre um termo, no caso, *portugueses*. Já em (137), há uma diferença de colocação da cópula, que, costumeiramente, vem antes do predicado e, nessa ocorrência, ocorre depois. Vemos esse caso como mais raro, até por conta da cristalização que ocorre com a estrutura *ser + adjetivo*, a qual é responsável pela transformação de uma construção em um item gramaticalizado e com função de marcador.

Se antes mencionamos que as condições linguísticas para a ocorrência de *é certo* e *é claro* como parentéticos nos dados diacrônicos são as mesmas que observamos no português brasileiro atual, podemos dizer que os efeitos discursivos causados pela parentetização desses itens são também semelhantes. Embora sejam textos de literatura técnica, há uma busca de aproximação com o leitor via pressuposição dos conhecimentos com ele compartilhados. É interessante observar que todos são textos que contêm alguma crítica, seja à educação, seja à

agricultura ou à literatura. Ao expor sua opinião sobre o tema, o emissor busca uma aprovação do receptor, inserindo elemento que evidenciam tal estratégia. Fica clara, inclusive, a função adversativa (WICHMANN *et al.*, 2010) do item *é claro* na última ocorrência, já que o autor antecipa o efeito negativo de sua consideração sobre o leitor, ressaltando-se, por meio do marcador em questão, ao colocar informação que esclarece os limites de seu ponto de vista.

Ainda que se assente em um conjunto de textos relativamente pequeno, nossa análise permite perceber que o uso de adjetivos epistêmicos asseverativos como parentéticos, associado à dessentencialização da oração em que o item figurava como predicado, emerge no século XX. A função de encaixador é mantida nos séculos XVIII e XIX, porém, à semelhança do que se observa na sincronia atual do português brasileiro, no século XX, itens como (*é claro* e (*é lógico* alternam-se entre essa função prototípica e o comportamento parentético, destinado a marcar, de forma geral, uma avaliação do falante diante do conteúdo enunciado.

O crescimento do uso de matrizes de orações subjetivas nucleadas por adjetivos nos séculos XVIII, XIX, XX e XXI, principalmente os epistêmicos (GONÇALVES, 2012), garante a alta frequência dos predicados nessa fase da história da língua, o que possibilita, posteriormente, as inovações que identificamos para alguns dos itens que se enquadram no tipo semântico mais utilizado.

Ao associarmos o fato de termos conjuntos de dados muito semelhante nos séculos XIX e XX, compostos por textos técnicos e peças teatrais, com a presença do uso parentetizado apenas no último século, fica sugerido que tal comportamento despontou nesse período, ganhando enorme utilização no século XXI, conforme apurado em nossa pesquisa.

## CONCLUSÕES

Focando as construções com orações subjetivas encaixadas em predicados adjetivais, analisamos as transformações que levam a sentença complexa a se tornar uma sentença simples pela dissolução da matriz, com vistas a responder em que condições estruturais e discursivas essa mudança pode ocorrer. Com dados de fala e escrita, compreendemos que o fenômeno já é bastante disseminado no português brasileiro.

Primeiramente, analisamos o perfil das construções com orações subjetivas com matriz adjetival, destacando a semântica dos adjetivos matriciais, a configuração modo-temporal, a colocação das orações, a atuação do complementizador *que* e os traços prosódicos dessas sentenças. Discutimos também a natureza pragmática desse complexo oracional, concluindo, assim, uma primeira etapa serviu para que conhecêssemos os traços predominantes dessas sentenças.

Enfocando, em seguida, somente as ocorrências em que a estrutura canônica das orações analisadas estava alterada, pudemos explicar tais alterações como mudanças no complexo oracional original, por meio da comparação entre construções conservadoras e inovadoras. Assim, emergiu na análise o fator preponderante para o entendimento das construções inovadoras: a classe semântica do predicado matriz.

Vimos, assim, que predicados de diferentes classes semânticas podem ser encaixadores de orações subjetivas sem a presença da cópula, usual nesses casos. Porém, somente os predicados epistêmicos são alvo de um tipo de mudança linguística que os leva a outro comportamento sintático e pragmático. De encaixadores, os adjetivos epistêmicos como *claro*, *lógico*, *certo*, *evidente* e *óbvio* passam a ser modificadores de sentença, atuando não mais como advérbio sentencial, mas externos à sentença (TRAUGOTT, 1997). Analisamos essa mudança dentro do quadro da GR.

Como processo que, a rigor, transforma palavras/construções lexicais em palavras/construções gramaticais, a GR conta com princípios, que funcionam como indicativos de que se está diante desse tipo de mudança. Em Hopper (1991), vemos que um desses princípios é a *divergência*, que, em nossos casos, pode ser vista justamente quando um adjetivo encaixador como *claro* afasta-se de sua ideia inicial de clareza para ganhar outras nuances, mais ligadas ao compartilhamento de informações e pelo fortalecimento da dialogicidade no discurso. O adjetivo *lógico*, por sua vez, distancia-se da ideia de lógica, ganhando também os mesmos traços.

Podemos dizer que ocorre também a *especialização* dos dois adjetivos citados nos contextos em que se quer enfatizar a natureza heterogênea do discurso (*claro* e *lógico*), pois os dois ocorrem muito mais na fala e na escrita do que os outros com mesma natureza semântica inicial.

Ocorre também a *persistência*, pois há, até certo ponto, manutenção de traços da forma fonte na forma gramaticalizada, já que os dois adjetivos continuam ocorrendo como encaixadores de sentença, mantendo suas características de predicado. Convivem, dessa maneira, o encaixador e o modificador extra-oracional, cada um com sua função e contexto.

Associando essas considerações a Traugott (1989), vemos que os itens em questão caminham de uma atuação no componente proposicional para, gramaticalizados, atuarem no componente expressivo, que abrange todos os recursos capazes de expressar atitudes e avaliações do falante em relação àquilo que está sendo dito, tal como modalizadores, conectores argumentativos, marcadores de pressuposição e os índices de polifonia. Para a autora, ainda que não envolva uma mudança categorial, o fato de um item ter forte atuação no componente expressivo já atesta sua GR.

Sempre ligados a orações subjetivas finitas, os encaixadores *claro* e *lógico*, quando gramaticalizados, continuam a se relacionar com sentenças com essa configuração. Porém, se

o encaixador já não se comporta como tal, significa que a matriz também perde seu predicado, de modo que se reduz, no sentido de que passa a não ter um núcleo predicativo, enquanto a subordinada deixa de ter mecanismo que a articule à matriz. Estamos vendo nessa redução um tipo de dessentencialização, no sentido de que transforma uma oração em um componente não oracional, de natureza bastante peculiar.

A oração subjetiva passa a não ser subordinada a uma estrutura de encaixe e atua como absoluta, tendo seu antigo encaixador como seu modificador epistêmico. A semântica dos itens citados, como já se disse, sofre modificações, pois se reforça seu valor de instaurador de polifonia na comunicação, mais especificamente, de elemento que enfatiza pressuposições dos falantes sobre informações compartilhadas entre eles ou disseminadas entre todas as pessoas. Esse último recurso é visto com muita clareza nos dados jornalísticos, que delimitam junto com um leitor virtual e idealizado a bagagem de informações que deve ser comum a quem as emite e quem as recebe. Externos ou intercalados entre os elementos primordiais do conteúdo proposicional, esses predicados tem função parentética.

Procurando, na história do português brasileiro, indícios do início dessas mudanças, ainda que com poucos dados, encontramos no começo do século XX ocorrências de epistêmicos funcionando como parentéticos, na escrita formal e informal, o que indica que, possivelmente, nesse período houve o ponto de partida das modificações. Se o ponto de partida é o início do século XX, hoje, início do século XXI, já temos esses itens completamente voltados ao componente expressivo da língua, estabelecendo-se como marca de negociação de informações entre falante e ouvinte, ainda que o uso prototípico dos itens continue existindo.

O desenvolvimento dos estudos de GR, de maneira geral, assenta-se na ideia de que a mudança é motivada por um complexo de interesses e necessidades discursivas e pragmáticas, objetivando uma maior expressividade da língua. Nesse sentido, os itens que analisamos

reforçam sua expressividade ao marcarem não só as nuances semânticas que originalmente portam, mas também a polifonia nos enunciados, pontuando as informações que diferentes interlocutores vão negociando e construindo juntos. Mais do que coautores de um discurso, o uso de parentéticos como *claro* e *lógico* “sintoniza”, de modo mais marcado do que se compusessem a antiga construção complexa, falante e ouvinte, levando-os a estabelecer pontos em comum para neles fundarem sua comunicação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, M. *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. In: Estética da Criação Verbal. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2000.
- BERLINCK, R. A.; BARBOSA, J. B.; MARINE, T. C. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua. *Revista da ABRALIN*, v. 7, n. 2, p. 169-195, jul./dez, 2008.
- BOLINGER, D. *Meaning and form*. London: Longman, 1977.
- BRINTON, Laurel J., TRAUOGOTT, Elizabeth C. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BRINTON, L. J. *Pragmatic markers in English: grammaticalization and discourse functions*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 1996.
- BYBEE, J. Cognitive Processes in Grammaticalization. In: TOMASELLO, M. (ed.) *The New Psychology of Language*. Vol II. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2003a.
- BYBEE, J. Mechanisms of changes in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEF, B.; JANDA, R. (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003b.
- BYBEE, J. Main clauses are innovative, subordinate clauses are conservative: consequences for the nature of constructions. In: BYBEE, J, NOONAN, M. *Complex sentences in grammar and discourse: essays in honor of Sandra Thompson*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.
- BYBEE, J. L. FLEISCHMAN, S. *Modality in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994.
- CABEZA PEREIRO, C. *Las completivas de sujeto em español*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela e Intercâmbio Científico, 1997.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. & MASSINI-CAGLIARI, Gladis. O papel da tessitura dentro da prosódica portuguesa. In: *Razões e emoção. Miscelânea de estudos oferecidos a Maria Helena Mateus*. Lisboa: Universidade Aberta, 2001.

CARONE, Flávia Barros. *Subordinação e Coordenação*. Confrontos e contrastes. São Paulo: Ática, 1988.

CASIMIRO, S. *Um estudo das modalidades deôntica e volitiva nos discursos do presidente Lula*. 2007. 107f. Dissertação (Mestrado em Análise Linguística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Câmpus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2007.

CASTILHO, A. T. Análise multissistêmica da sentença matriz. In: PAIVA, V. L. M. O., NASCIMENTO, M. (org). *Sistemas adaptativos complexos linguagem e aprendizagem*. Campinas: Pontes, 2011.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São. Paulo: Editora Contexto: 2010.

CASTILHO, A.T., CASTILHO, C.M.M. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. *Gramática do português falado*. Vol II: Níveis de análise linguística. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

CRISTOFARO, S. *Subordination*. Oxford: University Press, 2003.

CUNHA, C. F., CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Fronteira, 2001.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. A manifestação do saber: entrecruzando evidencialidade e modalidade epistêmica. ABRALIN (Curitiba), Fortaleza, 2001. *Anais da Abralin*. Fortaleza, Abralin, 2001.

DALL'AGLIO-HATTNER, M.M., BASTOS, S. D. G. GONÇALVES, S.C.L., GALVAO, V. C. C. Uma investigação funcionalista da modalidade epistêmica. In: NEVES, M. H. M. *Descrição do Português: definindo rumos de pesquisa*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2001.

DECAT, M. B. N. *Estruturas desgarradas em língua portuguesa*. Campinas: Pontes, 2011.

DIK, S. *The theory of Functional Grammar*. Pt.I: The structure of the clause. Dordrecht: Foris, 1989.

DIK, S. *The Theory of Functional Grammar*. Part I: The Structure of the clause. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 1997.

DIK, S. *The Theory of Functional Grammar*. Part II: Complex and derived constructions. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 1997.

FOLHA DE SÃO PAULO *on line*. Caderno Ilustrada. São Paulo. Disponível em: [www.folha.uol.br](http://www.folha.uol.br). Acesso em julho de 2011.

FORTILLI, S. C. *As construções não-verbais no português falado no interior do estado de São Paulo*. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado em Análise Linguística) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Câmpus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2007.

GIVÓN, T. *Syntax: A Functional-Typological Introduction*. V.II. Amsterdam/Philadelphus: Jons Benjamins Publishing Company, 1990.

GIVÓN, T. Historical Syntax na Synchronic Morfology: an Archaeologist's Field Trip. *Papers from the 7th. Regional Meeting*. Chicago: Chicago Linguist Society, 1971.

GIVON, T. *On understanding grammar*. London: Academic Press, 1979.

GONÇALVES, S. C. L. Orações subjetivas e mudança de padrões na história do português. In: SOUZA, E. R. (Org.). *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2012, v. 2, p. 93-118.

\_\_\_\_\_. *Orações subjetivas: variância e invariância de padrões na fala e na escrita*. Revista da ABRALIN, v. 10, p. 87-111, 2011.

\_\_\_\_\_. Aspectos da subordinação sentencial sob uma perspectiva diacrônica: o caso das orações em posição argumental de sujeito. In: CASTILHO, A. T. (Org.). *História do português paulista* (série estudos). 1ed. Campinas: UNICAMP, 2009, v. 1, p. 585-593.

GONÇALVES, S. C. L. ; TENANI, L. E . Problemas teórico-metodológicos na elaboração de um sistema de transcrição de dados interacionais: o caso do projeto ALIP (Amostra Lingüística do Interior Paulista). *Gragoatá* (UFF), v. 25, p. 165-183, 2008.

GONÇALVES, S. C. L., CASSEB-GALVÃO, V.C., SOUSA, G. C. As construções subordinadas substantivas. In: ILARI, R., NEVES, M.H.M. (org.). *Gramática do português falado culto no Brasil: classe de palavras e processos de construção*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, v.2., p. 1021-1084.

GONÇALVES, S. C. L. *O português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo*. Relatório científico parcial III apresentado à FAPESP. 2007. Disponível em: <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/histórico/relatorio3>.

GONÇALVES, S. C. L. *et al. Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GONÇALVES, S. C. L. Gramaticalização de predicados matrizes. In: *Revista Estudos Lingüísticos*. São Paulo. Vol. 35, p. 1108-1117. 2006

\_\_\_\_\_. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>.

\_\_\_\_\_. Gramaticalização de construções com o verbo 'parecer' no português brasileiro: de verbo pleno a satélite atitudinal. *Veredas* (UFJF), Juiz de Fora, v. 8, n.1/2, p. 195-214, 2004.

\_\_\_\_\_. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. 250f. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

GONÇALVES, S. C. L. Orações subjetivas e teoria dos protótipos. In: *Scripta*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2001.

GUIRALDELLI, L. A. *O modo subjuntivo e a expressão das modalidades epistêmica, deôntica e volitiva*. 104 f. Dissertação (Mestrado em Análise Linguística) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Câmpus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2005.

HEINE, B. CLAUDI, U. HUNNEMEYER, F. *Gramaticalization: a conceptual framework*. London: University Chicago Press, 1991a.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, B. From cognition to Grammar – evidence from african language. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991b, 149-187

HOPPER, P., TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, P. J. On Some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.C.; HEINE, B. (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamin, 1991, p. 17-35.

HOPPER, P. *Emergent grammar*. Berkeley Linguistic Society, 13:139-57, 1987.

HENGEVELD, K; MACKENZIE, L. *Functional Discourse Grammar*. Oxford University Press, 2008.

HENGEVELD, K. Illocution, mood and modality. In: BOOIJ, G., LEHMANN, C., MUGDAN, J. (eds). *Morphology*. Vol II. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.

\_\_\_\_\_. Illocution, mood and modality in a Functional Grammar of Spanish. *J. Semantics*, 6, 1988, p.227-69.

JUBRAN, C. C. A. S Parentetização. In: JUBRAN, C.C.A., KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Construção do texto falado*. 1ed.Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 2006, v. I, p. 301-357.

KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEHMANN, C. *Thoughts on Grammaticalization*. München, Newcastle: Lincon Europa, 1995.

\_\_\_\_\_. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J., THOMPSON, S. (eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988, p. 275-330

LONGHIN, S. R. *A Gramaticalização da perífrase conjuncional 'só que'*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

- LOPES, A. C. M. A polifuncionalidade de 'bem' no PE contemporâneo. In: SILVA, A. S. *et al.* (orgs.) *Linguagem, cultura e cognição. Estudos de Linguística Cognitiva*, vol. II. Coimbra: Almedina, 2004.
- LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MATTOS e SILVA, R. V. *Ensaio para uma Sócio-História do Português*. São Paulo: Parábola, 2004.
- MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Honoré Champion, 1965.
- MOURA, M. Z. *Orações matrizes [verbo ser + predicativo]: predicados que expressam atitude do falante*. 148 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.
- NAGAMURA, G. H. *Análise funcional dos evidenciais e modalizadores no discurso da autoajuda da saúde*. 2011. 89 f. Dissertação (Mestrado em Análise Linguística) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Câmpus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2011.
- NEVES, M.H.M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes. 2004
- NEVES, M.H.M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. *Gramática do português falado*. Vol VI: Desenvolvimentos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- NEVES, M.H.M. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- NEVES, M.H.M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NOONAN, M. Complementation. In: SHOOPEN, T. (ed.) *Language typology and syntactic description: complex constructions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- RISSO, M. S. SILVA, G. M. O. URBANO, H. marcadores Discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. *Gramática do Português Falado*. Vol VI. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- RONCARATI, C.N. (org.) *Bancos de dados interacionais do Programa de Estudos Sobre o Uso da Língua*. Rio de Janeiro: Divisão Gráfica/UFRJ, 1996.
- SANKOFF, David, TAGLIAMONTE, Sali, SMITH, Eric. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.
- SANTANA, L. *Relações de Complementação no português brasileiro: uma perspectiva discursivo-funcional*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- SARMENTO, Leila Lauer. *Gramática em Textos*. 2ª edição. São Paulo: Moderna, 2005.
- SOARES, Armando. *Moderníssimo dicionário brasileiro*. São Paulo: Angelotti, s/d.

SOUSA, G. C., GONÇALVES, S. C. L. Orações em posição de sujeito e objeto nas fases arcaica e moderna do português. II Congresso Internacional de Linguística Histórica, 2012, São Paulo. *Anais de Resumos do II Congresso Internacional de Linguística Histórica*. São Paulo: FFLCH USP, 2012, p. 337-338.

SOUSA, G. C. *Gramaticalização das construções com orações completivas: o caso do complemento oracional introduzido por se*. 2007. 198 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa)- Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2007.

TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and intersubjectification: a reassessment. In: CUYCKENS, H.; DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L. (Ed.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p.29-71. (Topics in English Linguistics, 66).

TRAUGOTT, E. From subjectification to intersubjectification. In: HICKEY, R. *Motives for Language Change*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003. p. 124-139.

TRAUGOTT, E.C., DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press: 2001.

TRAUGOTT, E. C. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. Paper presented at the ICHL XII, Manchester. Version of 11/1997. In <http://www.stanford.edu/~traugott/ect-paperonline.html>. Acesso em 23 fev. 2012.

\_\_\_\_\_. Subjectification in grammaticalization. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. (eds.) *Subjectivity and subjectivisation*. Linguistic perspectives, Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 31-54.

\_\_\_\_\_. On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. *Language*, 65: 01, 1989.

TRAUGOTT, E., KÖNIG, E. The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (orgs.) *Approaches to grammaticalization*. Vol. 1. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

THOMPSON, S. MULAC. A. A quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parenteticals in English. In: E. Traugott, B. Heine. (orgs.). *Approaches to grammaticalization*. Vol. 1. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

VOTRE, S. J., OLIVEIRA, M. R. *A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro: materiais para o seu estudo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

WEINREICH, U, LABOV, W, HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W. MAKIEL, Y. (eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 2006.

WICHMANN, A. SIMON-VANDERBERGEN, A. M., AIJMER, K. How prosody reflects semantic change: A synchronic case study of of course. In: CUYCKENS, H.; DAVIDSE, K.;

VANDELANOTTE, L. (Ed.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin: Walter de Gruyter, 2010. (Topics in English Linguistics, 66).